



Ton Martins

CONSCIÊNCIA
TURQUESA

CONSCIÊNCIA TURQUESA

Como interpretar o momento pelo qual passa a sociedade contemporânea sem incorrer nos equívocos que se repetem há séculos? Que ações efetivas podem e devem ser adotadas para que, uma vez mapeada, essa realidade possa ser modificada visando ao bem de todos? Qual o papel a ser assumido individualmente por nós, membros dessa mesma sociedade? Onde estamos falhando?

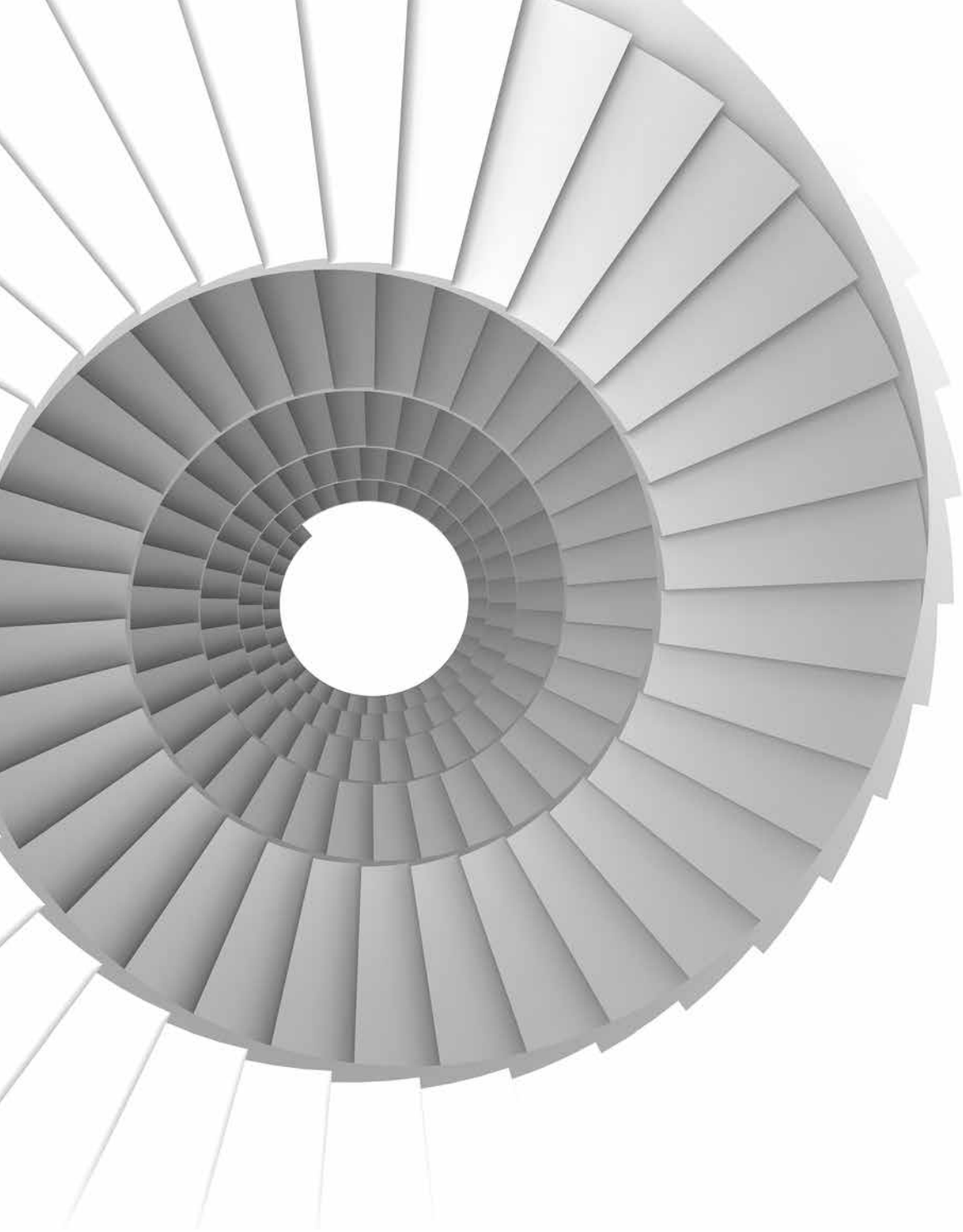
Para Ton Martins, as respostas a estas e outras questões relacionadas passam pela assunção de que todos possuímos uma essência que ultrapassa a dimensão física, fato que nos exige uma postura de conciliação entre o material e o espiritual. Partindo desse pressuposto, e com base na Espiral Evolutiva de Beck e Cowan, o autor nos traz, em linguagem ao mesmo tempo rigorosa e fluida, um texto provocativo e propiciador de reflexão. Debates acalorados e representativos de situações cotidianas contextualizam e exemplificam as ideias defendidas.

Eis aqui uma obra primorosa e pragmática, um convite para que examinemos a nós mesmos e ao mundo com olhar ampliado e avancemos pelos matizes da Escala Evolutiva, despojando-nos dos traços patológicos e valendo-nos das virtudes e potencialidades que cada um desses matizes nos reserva, até emergirmos como consciência turquesa.

Wanderley Carvalho

Ton Martins

CONSCIÊNCIA
TURQUESA



Wellington Martins Junior

Consciência turquesa

1ª edição

Luce Editora
Jundiaí - SP
2017

Copyright © 2017 Wellington Martins Junior

Projeto gráfico e diagramação: Lucia Fontes

Revisão: Wanderley Carvalho e Paloma Ferraz

Capa: Lucia Fontes

Imagem de capa: Oaurea | shutterstock.com

Impressão: ArtGraphic Gráfica e Editora

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Martins Junior, Wellington,
Consciência turquesa / Wellington Martins
Junior. -- 1. ed. -- Jundiaí, SP : Luce Editora,
2017.

Bibliografia.

ISBN: 978-85-918240-1-4

1. Consciência 2. Desenvolvimento humano
3. Evolução 4. Filosofia 5. Seres humanos
6. Transcendência I. Título.

17-04970

CDD - 158

Índices para catálogo sistemático:

1. Dinâmica da Espiral : Psicologia 158

Todos os direitos reservados.

Proibida a cópia, reprodução ou duplicação desta obra, no todo ou em parte,
sem a autorização expressa do autor.

Luce Editora e Artes Ltda

Rua França, 80/5 • Centro • Jundiaí (SP)

www.luceeditora.com.br

Impresso no Brasil | 2017

AGRADECIMENTOS

Três pessoas contribuíram para que esta obra chegasse até você:

Wanderley Carvalho, esmerado revisor e fomentador de importantes reflexões contidas na obra.

Lucia Fontes, talentosa diagramadora que transformou palavras em arte.

Luiz Philippe Orleans e Bragança, notável cientista político de destacada relevância na defesa da nação brasileira, por seu magnânimo prefácio e inestimável amizade.



Um brinde às
maravilhas espiraladas!

SUMÁRIO

PREFÁCIO

Luiz Philippe Orleans e Bragança _____ 15

INTRODUÇÃO _____ 19

CAPÍTULO 1

O instinto bege _____ 29

CAPÍTULO 2

O pertencimento púrpura _____ 39

CAPÍTULO 3

O ímpeto vermelho _____ 49

CAPÍTULO 4

O determinismo azul _____ 67

CAPÍTULO 5

A estratégia laranja _____ 85

CAPÍTULO 6

O compartilhamento verde _____ 103

CAPÍTULO 7

A flexibilidade amarela _____ 129

CAPÍTULO 8

A consciência turquesa _____ 147

CAPÍTULO 9

Terminei! E agora? _____ 173

BIBLIOGRAFIA & CRÉDITOS _____ 189

ÍNDICE _____ 194

PREFÁCIO



Há um nítido sentimento que mudanças de toda a espécie estão no ar e no porvir. Os tempos em que vivemos são tempos de transição. Essa transição não é exclusiva deste País nem desta geração, é global. Por séculos a consciência intelectualizada tenta descrever, analisar, traçar cenários, prever resultados e controlar momentos como esses. Nunca conseguiu. As mudanças ocorrem e a consciência convive com os resultados.

No entanto, a consciência do ser humano não permite tal entrega ao acaso. A consciência é racional, emocional e também é intuitiva. Processamos intuição com o mesmo peso que processamos dados e fatos e emoções. Por isso que essa obra me chamou atenção. Considerando que todos os fatos seguem sendo analisados pela ciência e pela razão, a consciência plena não poderia seguir somente tal caminho. Tem de haver uma maneira própria de descrever e classificar o grau de consciência.

Ton Martins me impressionou com sua capacidade de raciocínio lógico, domínio da palavra e oratória, conhecimento da lei e organização de conceitos. Como venho da escola da razão e ciência, o tema do livro proposto pelo Ton me intrigou. Pensei que ele havia extrapolado para o lado eso-térico, para compensar sua marcante estirpe de intelectual.

Mas depois de ler sua primeira obra “Conexões”, vi suas qualidades de raciocínio, lógica e organização serem aplicadas ao tentar explicar o inexplicável. Comentei que a formação de raciocínio na primeira obra era tão profunda que exigiria do leitor manter diversos conceitos vivos durante a leitura para se ter a total compreensão de qualquer parágrafo. Sócrates talvez tivesse tal capacidade, e o próprio Ton, é claro.

Nesta segunda obra, ele facilitou para nós. Sua qualificação da consciência é simples e curiosa. É muito mais efetiva e de mais fácil compreensão e, portanto, mais poderosa. Após a leitura me deparei algumas vezes com o desafio de encontrar a cor da minha consciência. Depois, estendi minha análise para ver como os povos com os quais tive contato manifestavam suas consciências coletivas e em que “cor”.

Nestes momentos de mudanças tudo serve para nos nortear sobre os porquês dos acontecimentos. Não há ciência capaz de reduzir a com-

PREFÁCIO

plexidade de variáveis que assaltam nossa consciência e nos faz reagir da forma que reagimos conforme os tempos e as localidades. Só uma maneira nova e subjetiva para poder analisar momentos como esse em que vivemos. Ton talvez tenha achado essa maneira.

Luiz Philippe Orleans e Bragança

INTRODUÇÃO



“Okay. A capa é legal e o tema provocativo e interessante, mas por que ler este livro?”, questionou um leitor ao folhear a obra.

“Esses temas transcendentais parecem bacanas. Curto assuntos como evolução, hierarquia moral, materialismo, espiritualismo, outras dimensões, enfim, essas coisas malucas”, respondeu o amigo.

“Soube que esse autor já escreveu outra obra, mas credo... muito técnica. Esta parece mais acessível e essa tal ‘Espiral Evolutiva’ toda colorida parece sensacional. Fiquei curioso, mas valerá a pena?”, continuou.

A pergunta é válida. Em vez de responder com palavras, exibirei os quadros a seguir, onde você verá oito perspectivas, ou melhor, formas diferentes de observar o mundo ao seu redor. Esta obra trata disso e muito mais. Pretendo transitar com você por todas essas entusiásticas e coloridas lentes, explorando suas potencialidades, virtudes e patologias, num empolgante descobrimento de novos horizontes materiais, emocionais, mentais e espirituais. É bobagem gastar neurônios para entender tudo agora. Sugiro apenas saborear e divertir-se com este primeiro quadro-resumo da Espiral. Convido-o a identificar a si próprio, bem como seus familiares e amigos, entre as diversas cores.

Sugiro apenas saborear e
divertir-se com este primeiro
quadro-resumo da Espiral.
Convido-o a identificar a si próprio,
bem como seus familiares e amigos,
entre as diversas cores.

QUADRO 1 – SÍNTESE DA ESPIRAL EVOLUTIVA

Nível	Cor	Palavra-chave	Cosmovisão	Virtudes	Fardo	Justificativa bélica
1	Bege	Sobrevivência	Instintiva	Instintos aguçados	Precariedade	Subsistência
2	Púrpura	Ancestralidade	Tribal	Grupal	Superstição	Tradição ritualística
3	Vermelho	Poder	Egocêntrica	Força	Impulsividade	Conquista
4	Azul	Ordem	Autoritária	Organização	Rigidez	Nacionalismo heroico
5	Laranja	Racionalidade	Estratégica	Realização	Ganância	Novos mercados
6	Verde	Fraternidade	Consensual	Comunitário	Indecisão	Proteção planetária
7	Amarelo	Fluidez	Integrativa	Flexibilidade	Macro-sinergia	Não belicista
8	Turquesa	Conectividade	Sinérgica	Ordena padrões	Em estudo	Não belicista

“Que confusão! Quem inventou essa maluquice?”

“Parece que foi um tiozão-psicólogo chamado Clare W. Graves, na década de 1960. Depois disso, dois outros gringos de sobrenome Beck e Cowan desenvolveram o tema. Acho que tudo funciona a partir de uma escala de valores éticos, visões de mundo ou algo do tipo.”

A compreensão simples e paulatina da Espiral Evolutiva ampliará o alcance de nossa visão, como se fosse um descortinar gradual, naturalmente incorporado por nossa mente, em recreativo passeio no qual seremos os “leitores-camaleões”, em maior ou menor grau de identificação com a cor específica.

Como curiosidade adicional, deixo outro quadro-resumo que aborda a relação do comportamento individual com o contexto social e, penso eu,

poderá diverti-lo ao fazê-lo lembrar do seu chefe, de seus colegas de trabalho ou de qualquer outro âmbito da sua vida.

QUADRO 2 – RELAÇÃO ENTRE CONTEXTO E COMPORTAMENTO

Cor	Contexto social	Tendência comportamental
Bege	Estado instintivo. Natureza	Atuação animalesca irracional
Púrpura	Mistérios assustadores. Tribalismo	Temor ao “sobrenatural”
Vermelho	Valorização da força	Luta individual conquistadora
Azul	Regramentos rígidos	Obediência à autoridade/culpa
Laranja	Alternativas estratégicas. Oportunidades	Experimentações em busca do sucesso
Verde	Partilha humanitária do <i>habitat</i>	Comunhão comunitária/ igualitarismo
Amarelo	Sistemas complexos. Fluidez integrada	Busca da liberdade responsável
Turquesa	Forças interligadas	Ordenação sistêmica do caos

Cada nível colorido está repleto de aspectos maravilhosos, mas também contratempos e adversidades específicas. Essas camadas em graus de maior ou menor profundidade ética são chamadas de *memes*. “Meme” foi um neologismo, ou seja, uma palavra nova criada por Dawkins e Csikszentmihaly (ganhará um pirulito aquele que pronunciar corretamente este nome) para significar os elementos comuns de uma cultura ou sistema de comportamento, geralmente transmitido por processos não genéticos, como a imitação. A letra “v”, que precede o vocábulo, representa os *valores* destes princípios culturais, influenciados por agentes linguísticos e artísticos, modelos econômicos, componentes climáticos, enfim, um pouco de tudo.

“Com licença, quero falar diretamente com o autor! Afinal de contas, para que serve tudo isso?”, indagou um leitor.

Sobre a indagação a respeito da utilidade do conteúdo aqui abordado, devo dizer que a compreensão das fantásticas virtudes de cada nível evolutivo e seus desafiadores fardos auxiliará na *ampliação de nossas consciências*, ou seja, uma desejável extensão de nossa lucidez para um maior número de perspectivas e distinções sobre nosso mundão e nossas vidas.

Caros leitores de carne e osso, vocês acabaram de perceber um leitor fictício lançar uma pergunta direta a mim. Isso ocorrerá durante toda a obra e a maioria dos personagens que participaram dos diálogos, quer com o autor, quer entre si, foi inspirada em minhas experiências pessoais. A ideia foi apresentar determinadas reflexões e informações acompanhadas de um certo tempero de humor e divertimento. O desafio foi manter-me dentro de uma sequência lógica na apresentação das etapas evolutivas e nas respostas aos meus personagens. Os capítulos também possuem uma estrutura interna semelhante entre si, partindo de esclarecimentos conceituais, passando pelas características principais do nível específico e finalizando com seu cume e transição.

Sobre a indagação a respeito da utilidade do conteúdo aqui abordado, devo dizer que a compreensão das fantásticas virtudes de cada nível evolutivo e seus desafiadores fardos auxiliará na *ampliação de nossas consciências*, ou seja, uma desejável extensão de nossa lucidez para um maior número de perspectivas e distinções sobre nosso mundo e nossas vidas. Portanto, o conceito da Espiral será apropriado natural e gradativamente em decorrência da leitura, a partir do que, num segundo momento, emergirá a habilidade de transitar por seus níveis. Este trânsito ou fluidez entre os níveis e seus aspectos interassistenciais chamarei doravante de *dinâmica da Espiral* – baseando-me em obra homônima de Beck e Cowan¹ – cujo funcionamento pode ser comparado ao de um rio que abastece várias cidades, enriquece as paisagens montanhosas e distribui silenciosa e generosamente facilidades com melhores condições para o florescer da vida.

Esse maior alcance e maior compreensão evolutiva também nos delegará preciosas ferramentas para tudo superarmos com preparo espiritual, disposição e valor. Prometo uma aventura e tanto! Confiança e coragem são atributos interessantíssimos, porém, quando associados à transcendência e à serenidade, trazem-nos imbatível altivez moral e particular ética ao mesmo tempo inclusiva e classificatória. *Impossível?* Esta obra pretende demonstrar a possibilidade integrativa da *inclusão* com a *classificação*, do público com o privado, do social com o individual e assim sucessivamente.

1 Don Edward BECK e Christopher COWAN. *Dinâmica da Espiral*. Editora Piaget: 1996.

As cores nos ajudam a lembrar
do foco de cada etapa civilizacional.

Tudo consoante incrível e
fascinante sincronicidade com
os desenvolvimentos históricos,
humanísticos e amparado em
robusta pesquisa científica, cujas
fontes serão apresentadas ao final
e no decorrer da obra. Bem vindo,
caro leitor, a esta memorável
jornada!

As cores nos ajudam a lembrar do foco de cada etapa civilizacional, a iniciarmos pelas beges savanas africanas e seus desafios para a sobrevivência, seguido do tribal e misterioso roxo e suas púrpuras pinturas xamânicas, da pulsação apaixonada e sanguínea do vermelho, da firmeza e do determinismo do azul, das estratégias empresariais nas caldeiras alaranjadas de aço incandescente, da solidariedade dos amantes das nossas verdejantes florestas, da solar compreensão e fluidez amarela e, finalmente, a culminar nas cores predominantes das movimentações oceânicas vistas do espaço e da aurora boreal, com suas macro inspirações e significados. Tudo consoante incrível e fascinante sincronicidade com os desenvolvimentos históricos, humanísticos e amparado em robusta pesquisa científica, cujas fontes serão apresentadas ao final e no decorrer da obra. Bem vindo, caro leitor, a esta memorável jornada!

Confira seu *WhatsApp*. Tem mensagem para você:



#Aperte_os_cintos@teremos_solavancos.com



“A minha existência está centrada na sobrevivência. Concentro a energia na minha subsistência e na satisfação das minhas necessidades físicas para que não tenha fome nem sede. Devo reproduzir minha espécie, por isso reajo aos meus instintos sexuais à medida que eles ocorrem. Não percebo o que querem dizer com ‘futuro’, ‘fazer planos’, ‘poupar dinheiro para uma emergência’ ou com o significado de ‘eu’. O meu corpo diz-me o que fazer e sou levado por sentidos dirigidos ao meu cérebro, não por uma mente consciente.” Assim adaptei o destaque de Beck e Cowan para designar o âmagos bege.² Aprofundar-nos-emos no exame desta etapa instintiva por meio dos seguintes tópicos:

Por que bege?

O homem sobrevivente

A liderança insipiente

Virtudes e patologias

Cume e transição

POR QUE BEGE?

A cor bege prevalece nas areias quentes dos desertos e na aridez das savanas africanas, onde os instintos aguçados e sentidos inatos são exigidos para a sobrevivência e sua negligência representará implacavelmente a morte. Eis o aspecto mnemônico desta cor. Definitivamente, este nível dispensa a ordem dos talheres e a etiqueta dos guardanapos. Trata-se da tarefa mais primitiva e básica no sentido de manter-se vivo através da satisfação das necessidades fisiológicas.

Este nível não é motivado por emoções individuais, pois inexistente espaço para romantismos. Toda a energia é direcionada para estar vivo mais um dia. É o cansativo cotidiano da sobrevivência, como no caso lamentável das guerras,³ doenças como o mal de Alzheimer, perturbações mentais,

2 Don Edward BECK e Christopher COWAN. Dinâmica da Espiral. Editora Piaget: 1996. p. 251.

3 http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/04/140407_ruanda_genocidio_ms

Desprovido de poder e munido
de consciência meramente
embrionária, o indivíduo bege vive,
ou melhor, sobrevive de forma
automática e socialmente autista,
apenas conduzido por programas
cerebrais instintuais e genéticos, em
busca das óbvias demandas do viver
biológico. A individualidade está
no início de sua caminhada para o
despertar evolutivo e quase não se
sustenta enquanto unidade.

massas famintas, profundo estresse, naturais demandas para a procriação ou, simplesmente, dos inocentes recém-nascidos. Estas são algumas possibilidades para seu despontamento na atualidade.

Acredita-se que tal nível surgiu há 100.000 anos, juntamente com a formação de bandos, cuja preocupação máxima estava limitada à formação de faixas de proteção para não ser devorado por algum predador e garantir a sobrevivência do dia. O *Vmeme* bege é rústico, a ponto de sua estrutura valorativa limitar-se às necessidades biológicas primárias, como a saciação da fome ou da sede, o controle térmico e a também instintiva procriação para manutenção da própria espécie.

O HOMEM SOBREVIVENTE

Desprovido de poder e munido de consciência meramente embrionária, o indivíduo bege vive, ou melhor, sobrevive de forma automática e socialmente autista, apenas conduzido por programas cerebrais instintuais e genéticos, em busca das óbvias demandas do viver biológico. A individualidade está no início de sua caminhada para o despertar evolutivo e quase não se sustenta enquanto unidade. Nas palavras de Beck e Cowan: “o indivíduo não possui um sentido real de um ‘eu’ distinto, porque ‘eu’ e ‘tu’ são indistinguíveis”.⁴ Aspectos temporais e espaciais são ínfimos e seu tempo de vida não passa de um eterno aqui e agora.

A LIDERANÇA INSIPIENTE

“Como alguém pode liderar sem a consciência de si mesmo?”, intrigou-se um leitor.

“Boa pergunta. Esse autor considerou tal liderança como insipiente, ou seja, rudimentar e quase inexistente”, respondeu o amigo.

“Mas quase inexistente não é a mesma coisa que 100% inexistente, ora bolas. Fiquei com a dúvida”, retomou o leitor.

Incapaz de organizar-se em tribos, a embrionária liderança bege detém

4 Don Edward BECK e Christopher COWAN. *Dinâmica da Espiral*. Editora Piaget: 1996. p. 245.

apenas a capacidade de formar bandos de sobrevivência para perpetuação imediata da vida, em flagrante primarismo evolutivo e dominação pela força, ao estilo dos animais de racionalidade ínfima ou menos desenvolvida. Em apertada síntese, o conceito de liderança é sofisticado demais para este estágio evolutivo. Seu eventual e rústico exercício deverá ser creditado a aspectos meramente instintivos.

VIRTUDES E PATOLOGIAS

Beck e Cowan registram em sua obra casos de aventureiros em florestas e veteranos de guerra, que afirmaram certa intensificação dos sentidos auditivos e olfativos, após semanas em contato com as necessidades mais primárias de sobrevivência.⁵ Assim, poderíamos destacar um ponto ao menos relativamente positivo deste nível, no sentido de aumentar a capacidade instintiva ou perceptiva para a realização das tarefas e demandas próprias deste patamar.

O registro negativo fica obviamente vinculado à extrema restrição dos demais níveis, eis que o estágio bege consumirá todas as energias do indivíduo na busca pelo alimento e conforto térmico do dia. Portanto, urge verificarmos possibilidades de transição ascendente deste momento evolutivo que poderá ser natural – nos casos de desenvolvimento saudável dos recém-nascidos – ou patológica, como na hipótese de doenças individuais, mazelas sociais e catástrofes ambientais.

CUME E TRANSIÇÃO

“Legal. Apesar de algumas polêmicas, este nível parece fácil... Agora, segura esta: por que a espécie humana desenvolveu níveis superiores ou mais sofisticados de consciência? A bem da verdade, dominamos o planeta apenas com nosso diferencial intelectual. Fizemos isso mesmo sem as asas das aves, os venenos das serpentes, a agilidade dos macacos ou a força dos elefantes”, continuou a conversa entre os leitores.

“Hum, não sei se concordo. Os primatas fazem coisas de tirar o fôlego. Será que somos tão mais evoluídos assim? Como explicar tamanha diferença evolutiva

5 Ibidem, p. 246.

entre nós, se nosso DNA distingue-se em apenas 1% dos nossos amiguinhos chimpanzés?”, opinou o amigo.

“Bem, meu caro. A diferença no DNA pode ser pequena, mas a superioridade evolutiva foi gigantesca. Isso não poderás negar”, acrescentou o leitor.

“Tens razão, mas fica outra dúvida. Onde estará o elo perdido para com os demais hominídeos? Sem falar nos nossos ‘maninhos’ primatas, nos simpáticos golfinhos ou na nossa parentada de Neanderthal... Existiria um impulso evolucionário natural, aleatório ou inteligentemente desenhado?”

“São muitas perguntas para poucas respostas neste momento. Este nível parece bobinho, mas também detém grandes desafios informacionais. Desconfio que ficaremos mais próximos das respostas ao estudarmos os níveis superiores.”

O cume bege não passa da miséria material e das necessidades basilares. Julgo particularmente interessante que um nível de tamanha rusticidade possa ser considerado como um suposto oásis evolutivo para alguns incautos intelectuais, que ainda sucumbem à falácia mítica do bom selvagem rousseauiano e sua confusão entre progresso e regresso. Ao estudar a Espiral do desenvolvimento moral, adjectivei como bisonhas as idealizações românticas de um retorno em direção a um passado silvícola presumidamente mais nobre e mais feliz, que eliminaria os “malvados” seres civilizados. Chega a ser pueril.

Esquecem-se os românticos que jogaríamos, junto com a água suja do banho civilizacional, o próprio bebê. Vale dizer, numa tentativa de libertarem-se das patologias sociais, infantis cientistas políticos advogaram o próprio abandono civilizatório, negligenciando o fato de que são justamente tais avanços que possibilitam a produção de enormes quantidades de alimentos que, mesmo com distribuição deficitária, mantém vivos sete bilhões de seres humanos (ano base: 2017). Seria o mesmo que dispensar o remédio baseando-se exclusivamente em seu gosto amargo.

A retórica argumentativa dos amantes desta rusticidade antiprogressista está curiosamente ligada às ideologias que, paradoxalmente, se autointitulam “progressistas” e, apesar da nomenclatura, posicionam-se comu-



mente contrárias aos avanços tecnológicos. *Afinal, por que aceitarmos o aplicativo UBER se temos os táxis?*^{6,7} Retornaremos a esta interessante análise ao abordarmos os níveis superiores, quando então esta esquizofrenia linguística ficará mais clara. Todavia, desde logo aponto esta desinteligência ideológica direcionada no sentido descendente e, obviamente, contrário ao progresso ascendente da Espiral, sendo atualmente encontrada de forma explícita nos protestos contra os novos aplicativos para celulares⁸ ou destruição raivosa de material e equipamento destinados à condução de pesquisas biotecnológicas,⁹ para citar apenas dois exemplos.

Beck e Cowan designaram o fenômeno descendente da Espiral pela expressão “*Vmeme* regressivo” e criticaram outros níveis de desenvolvimento por produzirem “partículas radioativas de *Vmeme* mais complexas, a funcionar em sociedade à medida que extraem energia e recursos para as suas esferas, deixando outros sem nada”.¹⁰ Oportunamente, analisaremos como as patologias dos *Vmemes* vermelhos ou azuis e, especialmente, alguns subprodutos tóxicos laranjas e verdes, geram revoltas sociais e fomentam negativamente o regresso ao inferno da fome e da sede beges.

A transição evolutiva e ascendente deste estágio dá-se através de nutrição e carinho. Advogo enfaticamente a ajuda humanitária para esse *Vmeme*, eis que seus integrantes sequer estão em condições de pedir socorro e, portanto, dependem da solidariedade dos demais membros de sua espécie. Os demais desafios psicológicos para removê-los de eventuais condições traumáticas também necessitam de consideração e da *expertise* de níveis superiores.

Neste diapasão, se a ciência tem potencial para exercer o papel de vilã destrutiva com suas bombas, também constato sua vocação para protagonizar o triunfante herói, com toda sua capacidade tecnológica para otimi-

6 http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/11/08/interna_cidades-df,556346/taxistas-protestam-na-esplanada-contra-a-regulamentacao-do-uber.shtml

7 <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2016/11/camara-dos-vereadores-aprova-projeto-de-lei-que-proibe-uber-no-rio.html>

8 <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2016/06/taxista-se-acorrenta-em-frente-prefeitura-em-protesto-contra-uber.html>

9 <http://veja.abril.com.br/brasil/mst-destroi-15-anos-de-pesquisa-em-biotecnologia/>

10 Don Edward BECK e Christopher COWAN. Dinâmica da Espiral. Editora Piaget: 1996. p. 247.

zar a produção de alimentos e transportá-los adequadamente para onde sejam necessários. Mas precisaremos avançar um pouco mais nos demais *Vmemes* para nos aprofundarmos no tema.

A fase de saída do bege ocorrerá naturalmente quando as necessidades de sobrevivência não demandarem toda a energia individual para a satisfação própria, restando quantidade suficiente para novas sinapses cerebrais na direção de uma consciência que se diferenciará de vegetais, animais e de seus próprios semelhantes. A consequência lógica desta noção de si mesmo, como agente independente do meio, trará as primeiras noções de perigo e do poder do mundo exterior, grandioso, assustador e repleto de poções mágicas e poderosos deuses do trovão.

Surgem assim os espaços para o descobrimento das amizades, das relações de parentesco, dos laços emocionais e da fundamental noção temporal do *antes e depois* que possibilitará a compreensão, ainda que primitiva e repleta de inocência, da *causa e efeito* entre alguns fenômenos, mas isso é assunto para o próximo nível: *a consciência púrpura*.

Antes, porém, confira seu *WhatsApp*. Acabo de enviar uma mensagem:



#abracadabra@lá_vem_feitiço.com/dança_da_chuva

A large, stylized number '2' is positioned in the upper right quadrant of the image. It is composed of two overlapping shapes: a darker purple one in front and a lighter purple one behind it, creating a sense of depth and layering.

O PERTENCIMENTO PÚRPURA



“Procuramos a segurança para a nossa raça através da confiança nas relações de sangue, nos extensos laços familiares e nos poderes mágicos que alcançam o mundo espiritual. Veneramos como sagradas as tradições dos nossos antepassados, pois eles são iguais a nós. O nosso trilho está repleto de rituais sazonais, ritos de passagem, músicas e danças tradicionais. Procuramos viver em harmonia com a natureza e os seus modos, através de nossas cerimônias.” Assim Beck e Cowan¹¹ destacaram o âmago púrpura e todo o seu tribalismo característico, cuja análise faremos através dos seguintes tópicos:

Por que púrpura?

O homem tribal

A liderança mítica

A espiritualidade púrpura

O púrpura moderno

Virtudes e patologias

Cume e transição

POR QUE PÚRPURA?

A cor púrpura prevalece nos mantos das sacerdotisas, é muito utilizada nos adornos tribais e ligada ao mundo mítico, repleto de magia e mistério. Eis o aspecto mnemônico da coloração roxa e sua fonte de inspiração para representar este nível de consciência, cujas particularidades e preocupações em torno de seus *espíritos ancestrais* apontam para a compreensão da importância da união e a força da irmandade, ainda que em sua forma primitiva.

No momento em que os bandos perceberam que sua organização em tribos representava notória facilidade na manutenção da vida, na defesa física contra ataques de predadores e também na aquisição de provisões

11 Don Edward BECK e Christopher COWAN. *Dinâmica da Espiral*. Editora Piaget: 1996. p. 251.

de alimentos e agasalhos, surgiu a consciência tribal e seus avanços evolutivos em relação à consciência bege. Julgo razoável estimar que o surgimento das tribos tenha ocorrido há 50.000 anos,¹² quando teve início o *Vmeme* púrpura e toda a sua estrutura valorativa e paradigmática.¹³

O HOMEM TRIBAL

Trata-se de um sujeito que anseia por proteção e pela segurança proporcionada pelo clã e age conforme os ditames desse. Possui pensamentos repletos de mistérios e sentimentos envoltos por medo e insegurança, graças aos quais os fenômenos da natureza adquirem um significado premonitório e repleto de ilusões míticas pueris. O ente púrpura é altamente suscetível às superstições, aos juramentos de sangue, aos lugares considerados sagrados e assemelhados.

O tribalismo púrpura e sua particular sensação de segurança, por pertencer a determinada tribo ou grupo, causa-lhe verdadeiro horror à possibilidade de questionar a força dos deuses do trovão ou quaisquer outras supostas ameaças de espíritos ancestrais. Portanto, o ente tribal obedece aos desejos de seres espirituais ameaçadores, mostra lealdade aos mais velhos e aos costumes tribais, preserva lugares, objetos e rituais mágicos e encantados (ao invés de focar em sua informação histórica, como na consciência azul) e, finalmente, procura interpretar os fatos da vida cotidiana ao seu modo e atender às poderosas mensagens da natureza.

A LIDERANÇA MÍTICA

Diante das características e de todo o sistema de crenças deste nível evolutivo, o líder púrpura deverá nascer dentre aqueles que portem mensagens das divindades da natureza ou até mesmo influenciem-nas com suas danças da chuva e outros rituais para manipulação mitológica e fantásticamente aterrorizantes das forças exteriores. A inocência púrpura acreditará piamente em lendários e fictícios poderes e seus líderes míticos interpretarão fenômenos legítimos e imaginários conforme seu grau evolutivo e nível de consciência respectivo.

12 <http://www.revistalola.com.br/cotidiano/homem-50-000-anos-america-440778.shtml>

13 <http://renatofurtado.com/wp/2016/01/06/a-origem-da-propriedade-privada-e-da-familia/>

O nível tribal caracteriza-se pelo pensamento de que o indivíduo pode e deve ser sacrificado pelo todo. A lógica púrpura não julgaria absurda a designação de um sacrifício humano para que o Deus Sol não se revolte e segure suas destruidoras lavas de fogo sagrado. Enfim, a noção de que o todo merece respeito e contribuição das partes foi bem identificada pela lente púrpura, mas careceu da fundamental visão de que a parte é absolutamente indispensável na composição do todo. Em analogia, poderíamos imaginar uma molécula dispensando o átomo, por sua condição de superioridade em relação ao mesmo. O resultado obviamente seria a eliminação da própria molécula. Eis o início do ranço excludente que perdurará até o nível verde da Espiral:¹⁴ *transcendência sem inclusão*.

A ESPIRITUALIDADE PÚRPURA

Em termos de fenômenos espirituais, todos os níveis estão sujeitos às vivências tipicamente humanas, incluindo as situações e objeto de estudo da parapsicologia, com todos os seus desafios ainda não desvendados por completo pela ciência. Todavia, este nível tribal fará uma leitura mais primitiva através das interpretações pouco precisas dos líderes religiosos ou espirituais, sejam eles chamados de xamã, curandeiro, oráculo, mágico, bruxo, ancião ou chefe. Em certas situações, estas personalidades acumulam funções que abrangem desde a orientação existencial até mesmo aspectos ligados a cura de enfermidades ou decisões políticas.

A visão anímica púrpura encontra algum respaldo em determinadas vertentes transcendentais atuais, mas não há como negar certa ignorância em torno de seus exageros fantasiosos e desconhecimento do próprio poder pessoal. Superstições abundam neste nível e mantêm-se em alguns costumes sociais, como pular sete ondas na passagem do ano, entrar em campo com a “chuteira especial” ou com o pé direito, bater na madeira, impressionar-se com biscoitos da sorte, colecionar objetos considerados sagrados e situações similares. *Errado?* Não vejo a situação de forma condenatória, mas apenas limitada a uma visão restrita de mundo e carente de esclarecimentos suplementares que ampliem a perspectiva púrpura, ainda deveras reducionista e, em muitos casos, bastante imatura.

14 Para retomada do nível ocupado por cada cor na Espiral evolutiva, bem como de suas principais características, o leitor poderá consultar os quadros 1 e 2, na Introdução.

O mapa espiritual púrpura parece confundir-se com o território, onde o poder dos amuletos superaria a própria vontade ou determinação do indivíduo. Os olhos roxos brilham diante do encantamento fenomênico, admiram a arte bidimensional com suas representações sexuais ligadas à fertilidade e à proteção da grande mãe procriadora. Este nível, bem como todos os outros, insisto, tem seu lugar ao sol amarelado e pode fazer parte saudável da vida das pessoas, mormente nas fases adequadas, como no contar histórias para crianças ao redor de uma fogueira, nos “clubinhos” dos meninos e das meninas, nos passeios lúdicos pelos lindos parques da *Disney World* e em outras gostosas diversões infantis análogas. Por outro lado, quando em mãos erradas, em geral entre adultos, os equívocos púrpuras causarão grandes problemas e até mesmo guerras tribais sangrentas.

O PÚRPURA MODERNO

Pode ser encontrado nos grandes centros urbanos da atualidade? Definitivamente, a resposta é afirmativa: nas crianças de aproximadamente dois anos, nas mágoas antigas, nos mencionados amuletos ou superstições, em alguns rituais familiares, nas “tribos” de rua, nas tatuagens, nos *piercings* ou alargadores mutiladores, nas irmandades esportivas ou corporativas e nas crenças mágicas pueris. O estilo “*New-Age-Pop*”, aparentemente holístico, mas na verdade atomístico ou “roxístico”, também nos brinda com bons exemplos deste patamar, muito embora mescle certa consciência verde em seus postulados. O filósofo norte-americano Ken Wilber, com sua costumeira perspicácia e prodigiosa inteligência, expôs em intrigante romance¹⁵ um personagem que constatou a roxidão púrpura nos movimentos da Nova Era repletos de credices e badulaques adivinhatórios.

O filósofo, jornalista e ativista político espanhol José Ortega y Gasset (1883-1955) desenvolveu o conceito de *homem massa*, uma espécie de novo bárbaro que cultua o retorno a uma suposta natureza coletora e extrativista, cuja vontade individual sucumbe com mais facilidade ao ambiente em que se encontra. Tal conceito pode ser emprestado para identificarmos o indivíduo tribal na modernidade, demasiadamente genuflexo e fortemente influenciável pelo coletivismo reinante em seu espaço social e apreciador de conceitos sociais distributivistas, onde “tudo é de todos”, em flagrante

15 Ken WILBER. Boomerite. Madras: 2005, p. 32.

reducionismo quanto aos aspectos meritórios constantemente vitimados por políticos populistas e demagogos. Esse problema também será experimentado, em sua forma menos acentuada, pelos níveis azul e verde.

O conceito reducionista de banimento individual em suposto benefício do todo é fortemente vivenciado pelo coletivismo púrpura e novamente sentido pelos citados azuis, além de sutilmente absorvido também pelos verdes. Os trágicos exemplos abundam em nossa história, como as experiências vivenciadas pelos kamikazes japoneses na Segunda Grande Guerra, ou na formação de regimes como o “socialismo-humanístico” africano, conhecido como *Ubuntu*, onde a distribuição de bens é controlada por um clã particular. O nepotismo moderno é um nítido ranço púrpura, priorizando uma estrutura baseada no parentesco e sua irmandade sanguínea. A versão politicamente moderna dos laços de sangue está na filiação e confrontos partidários, onde a questão principal concentra-se na pergunta: é companheiro?

VIRTUDES E PATOLOGIAS

Entre os valores interessantes do nível púrpura estão a lealdade ao clã e o respeito ao coletivo. O lado sombrio, por sua vez, tangenciará a obediência a qualquer custo ao pensamento mágico e aos poderosos deuses da natureza. Tudo isso envolto e repleto de maldições de inimigos, proteções de espíritos ancestrais ou situações análogas. O nível púrpura poderá ser satisfatoriamente estudado, inclusive em seus aspectos saudáveis e lúdicos, nos maravilhosos parques temáticos de diversões ou, de forma mais técnica, nos documentários tribais, e através do olhar filosófico do notável estudioso norte-americano Joseph Campbell (1904-1987) e suas pesquisas sobre mitologia e religião comparada.

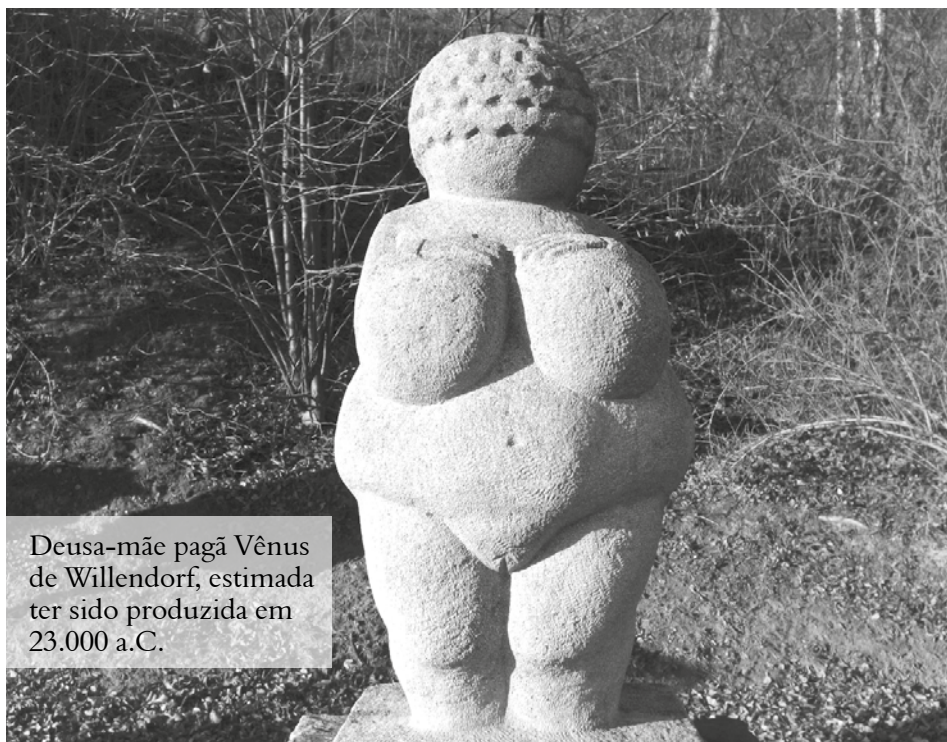
Uma das maiores patologias púrpuras está ligada ao isolamento grupal em relação aos temidos “outros”. Por vezes, como observam Beck e Cowan, “conduz a guerras entre clãs e tribos com o nome de ‘limpeza étnica’ ou ‘violência racial’, como na Bósnia ou nas terras altas da Nova Guiné”.¹⁶ Os mesmos autores citam problemas desta natureza entre os nativos afro-americanos, aborígenes australianos e o mais famoso exem-

16 Don Edward BECK e Christopher COWAN. *Dinâmica da Espiral*. Editora Piaget: 1996. p. 255.

plo encontra-se nos símbolos desenvolvidos para a criação de uma mitologia ariana, causadora de um dos maiores horrores da humanidade, registrado por historiadores da Segunda Guerra Mundial.

Em todos os *Vmemes* coletivistas dos grupos de visão reducionista – púrpura, azul e verde – o fanatismo constitui uma preocupação bem maior do que nas cores mais individualistas, como nos níveis vermelho e laranja. Porém, todas elas trarão problemas específicos na busca de uma representação de sua divindade, seja pelo deus do trovão púrpura, o deus narcísico vermelho, o deus punitivo azul, o deus ciência alaranjado ou o deus natureza verde, além de suas versões materialistas ainda mais ingênuas, como no endeusamento de ideologias em que o deus Estado deverá tudo prover através da farsa populista de seus neomessias governamentais: os pseudos santificados e glorificados governantes antropomórficos. As superstições míticas e típicas do tribalismo são, evidentemente, características que aumentam fortemente ações condizentes com a subserviência fanática por essas falsas divindades, em complicada desconsideração da individualidade pelo amálgama coletivo.

CUME E TRANSIÇÃO



Deusa-mãe pagã Vênus de Willendorf, estimada ter sido produzida em 23.000 a.C.

“Ei, homem branco, a deusa lua tudo provê na minha tribo. Fique conosco, nada te faltará. Nosso pajé faz dança da chuva quando precisa”, disse o cacique ao visitante que tudo fotografava.

“Eu prefiro ficar onde estou, pois também temos uma fonte provedora, que é a própria coletividade, que chamamos de Estado. Nosso governante distribui alimentos quando precisa”, respondeu o visitante, preocupado em adaptar a linguagem.

“Hum... Nossos deuses são parecidos. Será que nossa deusa lua assume a forma de deus Estado na sua tribo?”, voltou o cacique.

Superada a sobrevivência bege e ainda aquém da individualização vermelha, o pertencimento púrpura delega-nos positivamente a importância da convivência grupal para ampliarmos nossas possibilidades evolutivas para além da alimentação, da proteção e da sexualidade. Todavia, a espécie humana deseja mais, muito mais. Anseia por liberdade e que cada um de seus integrantes possa reconhecer-se como indivíduo capaz de desbravar novas fronteiras e enfrentar os desafios da independência e da conquista, já que ultimamente a dança da chuva parece não ser tão eficaz assim e o deus do trovão anda meio fraco. É chegado o grande momento da ruptura do cordão umbilical psicológico das crianças com os pais, e dos adultos com a “mamãezinha Gaia” e o “papaizinho Estado”. O adolescente compreende que sua mesada não poderá durar para sempre e os adultos finalmente entendem que não é ético espoliar a todos da sociedade para acobertar sua apatia laboral; enfim, que não poderão ficar eternamente sob a proteção das neodivindades roxas: *as instituições públicas e suas babás antropomórficas*.

Os neopúrpuras acreditam que o deus Estado e seus messias governamentais tudo proverão com sua chuva mágica de benesses e infinitas bênçãos surgidas do portal mítico que alguns neopajés de terno e gravata chamam de erário público, um nome estranho para nossa antiga pajelança. Evidentemente, a inocência roxa pensa que ninguém será onerado com isso, afinal de contas, bastará um grande abracadabra em nome do social e alguns pozinhos mágicos do pirlimpimpim e... Uau! Viva! Oba! Todo e qualquer esforço meritório estaria gostosamente dispensa-

do. *Rezemos pela igualdade tribal, pois nossa deusa Terra geradora da vida e da fertilidade e esse tal deus Estado dos caras-pálidas gerarão riquezas suficientes para satisfazer todas as nossas necessidades.* Eis a ilusão, a imaturidade e a ingenuidade púrpuras.

Acredita-se positivamente no coletivo, mas ainda sem a racional conexão de sua contraparte lógica, ou seja, a individualidade e seus direitos e deveres personalíssimos e intransferíveis. Os grandes deuses da natureza ou sua versão estatal moderna parecem insuficientes e fracos, até porque você tem sangue vermelho correndo nas veias, além de possuir força e honra o suficiente para prover-se e ser o poderoso dono de si mesmo. Enfim, ninguém poderá determinar seus atos para sempre, motivo pelo qual você rompeu com as cangas sociais, o tosco fanatismo, o politicamente (in)correto e termina com um grito de liberdade tipicamente adolescente: *eu existo!*

Bem vindo, caro leitor, ao nível evolutivo do intrépido conquistador vermelho, mas espere um minuto... Tem outra mensagem no seu grupo de *WhatsApp*:



#Vê_se_cresce@sai_da_barra_da_saia_da_mamãe.com/masVaiComCalma



O ÍMPETO
VERMELHO



“A vida é uma selva. É a sobrevivência do mais apto. Dou duro, e espero dos que me rodeiam que também o façam. Comando pessoas e posso vencer a natureza, submetendo-a à minha vontade. O respeito e a reputação têm mais importância do que a própria vida, pelo que faço o que for necessário para evitar ser envergonhado ou humilhado. Se tivermos algum valor, não precisamos tirar nada de ninguém. Seja lá o que for que necessitemos fazer, fazemo-lo sem culpas. Nada nem ninguém interferirá na nossa vida. O agora é tudo o que existe, por isso, farei apenas o que me traga prazer. Não me preocupo com o que ainda não aconteceu. Sou tudo o que tenho, alcançarei os meus objetivos ou morrerei a tentar.” Os já citados Beck e Cowan assim apontaram o núcleo vermelho¹⁷ e, a partir do estudo dos acertos, dos exageros e dos equívocos egocêntricos avermelhados, elaboramos os seguintes tópicos:

Por que vermelho?

O conquistador voluntarioso

O imperialismo vermelho

Coragem e egocentrismo

O vermelho moderno

Cume e transição

POR QUE VERMELHO?

A mnemonia da cor quente vermelha não poderia ser mais apropriada, pois representa o sangue vermelho nos olhos dos guerreiros e está associada ao poder destrutivo do fogo, à guerra, ao perigo e à violência. Nos cinemas, o vermelho marca presença das labaredas e explosões protagonizadas por ações heroicas e robustos músculos de Stallone ou Schwarzenegger e

17 Don Edward BECK e Christopher COWAN. *Dinâmica da Espiral*. Editora Piaget: 1996. p. 265. Tradução livre.

seus respectivos personagens Rambo e Conan, o bárbaro. Politicamente, a cor vermelha também está em perfeita sincronia com as bandeiras revolucionárias e seus incendiários *coquetéis-molotovs*, onde demandas raivosas levam ao vale-tudo pela glória da conquista e do poder, instigado pela mais óbvia motivação avermelhada: *ora bolas, porque eu posso!*

O descobrimento do próprio ego representa uma aventura inebriante em torno de si mesmo. O indivíduo avermelhado descobre as fraquezas dos líderes míticos e dá-se conta de que seus rituais de acasalamento nem sempre gozam da simpatia da deusa mãe lunar. Ele também constata que os espíritos ancestrais não são tão malvados assim e deseja distinguir-se da tribo.

Os deuses da natureza perdem seu caráter intimidador, pois podem ser dominados pelos novos e muito mais vitaminados deuses do poder, com seus estridentes trompetes, totens e arquétipos mais sofisticados que o empobrecido e já dominado deus do trovão. Este nível de consciência abriu espaço para o surgimento de impérios e corajosos exploradores há cerca de 10.000 anos.

O CONQUISTADOR VOLUNTARIOSO

Inexiste satisfação maior para o ímpeto vermelho do que a conquista e a dominação. Seu egocentrismo aprecia o poder e o reconhecimento heroico, cujo sabor é aproveitado ao máximo, sem piedade ou arrependimentos. *Viva o aqui e o agora!* Eis o impulsivo mantra avermelhado. Como todos podemos notar, as virtudes da ponderação e da prudência não fazem parte do cardápio vermelho, cuja inconsequência parece estar na sugestão do chefe, acompanhada de um suculento bife malpassado e bem apimentado.

O conquistador vermelho sincero afirma, sem melindres, que num mundo de dominantes e dominados, opta por ser dominador. Entre a riqueza e a pobreza, lutará pela primeira a qualquer custo, ainda que tenha que saquear alguns povoados e enterrar alguns cadáveres aqui e acolá. O monossilábico “eu” exige respeito e defende sua reputação com sangue, preferindo a morte à derrota, que considera vergonhosa. A necessidade de satisfazer rapidamente os seus impulsos e sentidos leva-o a lutar violentamente, sem remorso ou culpa.

O conquistador vermelho
sincero afirma, sem melindres,
que num mundo de dominantes
e dominados, opta por ser
dominador. Entre a riqueza e
a pobreza, lutará pela primeira a
qualquer custo, ainda que tenha que
saquear alguns povoados e enterrar
alguns cadáveres aqui e acolá.

O IMPERIALISMO VERMELHO

“Cérebro, o que faremos esta noite?”

“Ora Pinky, o de sempre... Tentar conquistar o mundo!”

Ousei uma adaptação do diálogo dos cômicos personagens animados Pinky e Cérebro, que bem representam o ímpeto do dominador avermelhado e seus seguidores. Poderão manifestar-se no sistema feudal oferecendo proteção em troca de trabalho e obediência dos súditos, assim como nas máximas imperialistas a exemplo da expressão “expandir ou morrer”, seja no mundo dos negócios, seja no da política. Digno de estudarmos seus pontos de contato com outras colorações, bem como com os impérios em que o poder representa o triunfo e o orgulho egocêntricos, como no caso do personagem Átila, o Huno (406-453), que governou o maior império europeu de seu tempo.

“Ei, chefe, por que dominar?”

“Pergunta idiota. Porque eu quero.”

“E por que o Senhor quer?”

“Ora, porque sou mais forte! Entendeu agora?”

O egocentrismo vermelho não distingue o Estado e o governo de si próprio. Seus portadores são capazes de inserir seus brasões ou logomarcas partidárias no espaço público, o qual confundem com seu próprio quintal.^{18,19} Este resquício imperialista e totalitário no estilo “faço porque quero” e “quero porque posso” traduz toda voracidade vermelha pelo mando absolutista e sua tendência despótica na direção da concentração de poder político e econômico, que ora sintetizo na frase atribuída a Luís XIV, afinal de contas *“o Estado sou eu”*.²⁰

18 <http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u60094.shtml>

19 <http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,marisa-coloca-estrela-do-pt-no-alvora-da,20040416p35502>

20 http://www2.uol.com.br/historiaviva/artigos/dossie_luis_xiv_franca_rei_sol_absolutismo.html

A máxima vermelha é sempre unívoca na direção da concentração de poder. Neste sentido, podemos classificar e tingir o pacto federativo brasileiro com tal coloração, pois aponta para uma concentração de recursos na União, em detrimento dos estados-membros e municípios (Quadro 3). Em suma, a liderança vermelha sempre será extremamente refratária à descentralização de poder.

QUADRO 3 – DISTRIBUIÇÃO TRIBUTÁRIA POR ENTE FEDERATIVO BRASILEIRO ²¹

Ente federativo	Distribuição em percentuais
União	69,83%
Estados	25,59%
Municípios	4,58%
Total	100%

Pois bem, encontramos o caminho para a identificação de lideranças vermelhas, caminho este que está na volúpia pela concentração de poder, seguida, obviamente, dos excessos arrecadatórios para custeio do que os tiranos costumam chamar retoricamente de “avanços” ou “conquistas”. Para tanto, o líder vermelho impor-se-á pela força de seus exércitos para uma dominação física, modalidade atualmente substituída pela dominação mental, cuja arma moderna está na retórica populista de algum salvador da pátria, utilizada como o canto da sereia para seus fanáticos adutores.

Na hipótese da hegemonia cultural apresentar alguma falha, a revolução intelectual reassumirá sua agressiva impulsividade através do antigo método de conquista: a “boa e velha” força bruta, sempre em torno do suposto grande “libertador”. Aliás, se a regra de ouro para identificação vermelha está na concentração de poder, não menos reluzente é sua regra de prata: uma figura central supostamente heroica por atos sanguinários.

²¹ <http://www.escoladegoverno.org.br/artigos/1734-o-sistema-tributario-nacional>

Na hipótese da hegemonia cultural apresentar alguma falha, a revolução intelectual reassumirá sua agressiva impulsividade através do antigo método de conquista: a “boa e velha” força bruta, sempre em torno do suposto grande “libertador”.



“E se descentralizarmos ao máximo, ou seja, abolirmos o Estado?”, perguntou uma leitora libertária, que apreciava o anarco-capitalismo e mantinha as obras de Murray Rothbard (1926-1995) em sua escrivaninha.

“Melhor ainda, por que não usamos o próprio Estado para dividirmos tudo entre todos? Poderíamos distribuir a riqueza com justiça social. Aliás, se faltar algo, basta imprimir mais dinheiro ou aumentar tributos”, argumentou uma estudante socialista, leitora de John M. Keynes (1883-1946) nas horas vagas.

“Espere um pouco, quem trabalhar mais merecerá mais! E mais, economia não é um jogo de soma zero, pois a riqueza não é estática! Ela necessita da criatividade e da liberdade mercantil para criá-la e fomentá-la”, retrucou um competente estudioso do liberalismo clássico e da Escola Austríaca, leitor de Ludwig von Mises (1881-1973), Friedrich Hayek (1899-1992) e Ayn Rand (1905 e 1982).

“Meus caros, mas não basta disputarmos a melhor forma de gerar riqueza, uma sociedade precisa de valores morais estruturados pela própria história”, comentou um dedicado leitor de Edmund Burke (1729-1797) e Gilbert K. Chesterton (1874-1936).

“Calem a boca, fascistas idiotas! Não vai ter golpe!”, gritaram vigorosamente alguns grevistas universitários, ao invadirem a sala de aula, com *bottons* partidários das cores vermelhas e teclando palavras de ordem em seus “opressores” *iphones* adquiridos com a mesada. O diálogo encerrou imediatamente.

No dia seguinte e em ambiente mais tranquilo, meus personagens fictícios questionaram-se sobre a elevada carga tributária e sua péssima condição extremamente centralizada. *O que mais possuiria coloração vermelha no Brasil? Monopólio estatal também não seria uma forma de concentração espúria de poder? E o imposto de renda? Se foi você quem produziu a renda não deveria ficar com ela por justiça meritória?* Eram muitas questões ainda sem respostas, pois somente os outros níveis muito além da consciência vermelha poderiam solucionar racionalmente todos esses desafios. Novamente, parecia estarmos diante de recursos produzidos de forma descentralizada, canalizados para uma espécie de buraco vermelho de um poder central.

“Okay, tributação elevada e centralização são patologias vermelhas. Mas o que fazer para ajudar os necessitados? Afinal, somos todos iguais”, questionou um leitor universitário de olhos esverdeados.

“Excelente pergunta, mas, neste momento, devemos impedir o que já sabemos não funcionar. Devemos proteger a tradição familiar e a herança para nossos filhos. Comunistas não passarão!”, disse seu colega ao ver seu boletim repleto de notas azuis.

“Restrições à propriedade privada e à livre iniciativa também são infâmias da tirania vermelha. Vejam as bandeiras vermelhas do nazismo e do comunismo. Tem até a estrelinha vermelha petista sobre a foice e o martelo. Você sabiam que nazismo quer dizer nacional socialismo?”²² Sim, socialismo! Sabiam ainda que esses caras cunharam uma tal ‘moeda comemorativa do trabalho’,²³ em 1934,²⁴ com a suástica no centro e a foice e o martelo nas laterais?”, concluiu um jovem repleto de sardas laranjas.

“Epa, isso parece boataria da internet! De qualquer forma, as semelhanças entre essas tiranias ficaram no passado. Estamos na era do amor”, ponderou o colega de olhar esverdeado.

“Será? Vimos a concentração dos recursos tributários do Brasil nas mãos da União Federal e somente esmolas para os municípios. A propósito, até onde irá o aumento da carga tributária brasileira?”, questionou o jovem no momento em que suas sardas laranjas ficaram ainda mais evidentes.

“Caçarolas! Desse jeito chegaremos no totalitarismo! Quem comandar Brasília terá poderes imperiais!”, exclamou outro colega que escutava despreten-siosamente o debate acalorado.

CORAGEM E EGOCENTRISMO

A ação vermelha é notadamente saudável em seu estado natural de identificação de si mesmo, aos dois anos de idade, estágio chamado pela

22 <https://lucianoayan.com/2012/07/15/sera-o-nazismo-de-extrema-direita-not-so-fast-junior/>

23 <http://rodrigoconstantino.com/artigos/uma-moeda-de-presente-para-os-socialistas-que-chamam-a-direita-de-nazista/>

24 <https://riorevolta.wordpress.com/tag/comunismo/>

psiquiatra e psicanalista infantil americana Margaret Mahler de “nascimento psicológico da criança”. A característica de impetuosidade poderá seguir por toda a adolescência. Estes traços avermelhados poderão continuar com sua positividade quando a energia heroica for bem canalizada para os esportes, os jogos de videogame em geral, filmes de ação ou outras atividades repletas de empolgação momentânea ou experiências vibrantes.

Versões não aberrantes do vermelho podem também ser encontradas na fase adulta nos casos em que constituem valioso atributo para um vendedor que necessite desbravar ou conquistar novos mercados, ou ainda para profissões que exijam atos de audácia e bravura em situações arriscadas. As virtudes vermelhas também podem ser encontradas em destaques individuais dos esportes, mormente aqueles que concentram a força atitudinal num único e grande protagonista.

Todavia, sua patologia poderá ser tragicamente constatada nos noticiários policiais do nosso cotidiano, nos soldados mercenários, nos líderes de gangues e no “vale-tudo” político para a manutenção do poder. Existem políticos demagogos que usam retoricamente uma suposta vontade da maioria para ocultar sua crença totalitária assim expressa: *a lei sou eu*. Desviam fundos partidários, atacam fundos de pensão,²⁵ utilizam-se de empresas estatais para fins eleitoreiros,²⁶ valem-se de cargos públicos para obstruir a Justiça²⁷ e corrompem outros Poderes para perpetuar o sabor do poder.²⁸ Caro leitor, se você lembrou do Brasil dos últimos anos, comunico que parti da teoria para, somente num segundo momento, pesquisar as sincronicidades com a prática política brasileira, muitas delas ainda em investigação policial (ano base: 2017). Limito-me a descrever as referidas hipóteses da patologia vermelha, como o ímpeto desmedido, a ausência de limites em relação ao patrimônio ou direitos alheios (volúpia

25 <http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/o-pt-pintou-e-bordou-nos-fundos-de-pensao-de-estatais-e-o-rombo-passa-de-r-44-bilhoes/>

26 <http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,tcu-confirma-irregularidades-no-envio-de-propaganda-de-dilma-pelos-correios,10000020480>

27 <http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,teori-autoriza-abertura-de-inquerito-contra-dilma-por-obstrucao-da-justica,10000069950>

28 <http://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2015/06/05/dez-anos-depois-relembre-o-caso-mensalao.htm>

Historicamente, o gênero masculino possui mais representantes desse nível evolutivo, mormente por sua rusticidade em apelar para a violência física. Na modernidade, como a força muscular perdeu importância, homens e mulheres avermelhados preferem as ferramentas do prestígio e do carisma.

tributarista e intervencionista) e também a voracidade pela concentração de poder. Concluo com um questionamento jocoso à brasileira, no tocante à conexão do sistema político pátrio com nossos governantes: *seriam apenas incríveis coincidências?*

O VERMELHO MODERNO

Si hay gobierno soy contra! Exceto se eu for o governante, é claro. De qualquer forma, por via das dúvidas: *viva la revolución!* Temos legiões de indivíduos predominantemente vermelhos em nosso planeta. As posições políticas radicais, notadamente as que demandam uma concentração de poder estatizante; as gangues de rua; as conquistas predatórias e, finalmente, os filmes de ação em torno de uma figura heroica com bíceps volumosos ou estrelas de *rock'n'roll*, provocadoras de delírios frenéticos de puro egocentrismo vermelho.

Historicamente, o gênero masculino possui mais representantes desse nível evolutivo, mormente por sua rusticidade em apelar para a violência física. Na modernidade, como a força muscular perdeu importância, homens e mulheres avermelhados preferem as ferramentas do prestígio e do carisma. Dos músculos para a retórica, da brutalidade material para a lavagem cerebral, da imposição física para a verbal, de Marx para Gramsci, dos *coquetéis-molotovs* para a revolução cultural, das ruas para as escolas e os cinemas, da lei do mais forte para o sofisma, do bíceps para a língua e assim por diante.

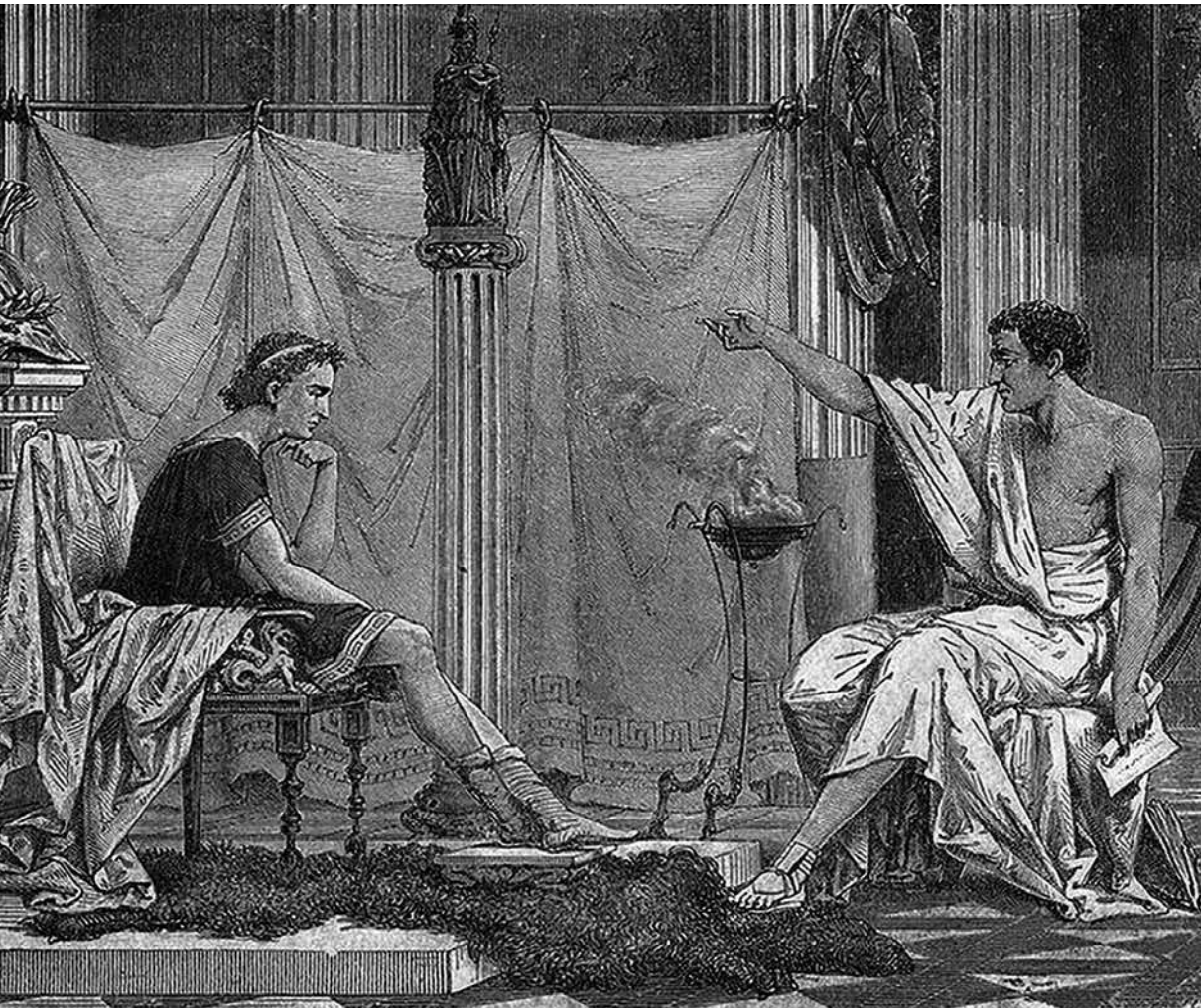
CUME E TRANSIÇÃO

“*Malditos comunas! Vamos à guerra!*”, vociferou um oficial de alta patente, em seu impecável uniforme azul escuro.

“*Calma, Coronel. Estes vermelhinhos revolucionários não estão acima das leis, da ordem e da justiça. Estamos aqui para contê-los*”, respondeu o colega de farda, com insígnia também azulada.

O auge vermelho se configura no desfrute da glória e do poder, comemorando, após sua conquista, com um bom charuto cubano. Enganam-se os que pensam que os vermelhos não detêm robusto intelecto.

Lembremo-nos que o conquistador Alexandre, o Grande (356 a.C.-323 a.C.), teve como preceptor ninguém menos que o notável Aristóteles (384 a.C.-322 a.C.), ambos retratados na gravura abaixo, de Charles Laplante, ilustrador francês. A inteligência vermelha, todavia, vive às sombras de suas emoções borbulhantes e infinita arrogância. Neste diapasão, o intrépido conquistador vermelho poderá usar de ferramentas modernas para dominação, como cortina de fumaça capaz de iludir seus incautos asseclas rotulados de “base popular”, que se sentem copartícipes do poder ao tocar a ponta de seus dedos em caixinhas mágicas que chamamos de urna eletrônica.



Todavia, os problemas e os desafios da transição azulada não serão simples, pois os tiranos avermelhados aprenderam a manipular as ferramentas retóricas para sua autopreservação e acobertam seu despotismo rubro com o populismo, as bravatas e a cortina de fumaça de que tudo fazem pelo povo ou em nome do bem.

“Esse nível deve arder no fogo vermelho do inferno! Que tal fazermos uma cruzada contra esses insolentes demoníacos?”, argumentou um fervoroso religioso com seu azulado texto sagrado numa das mãos.

“Parece que não é bem assim... Eu estou alguns capítulos à frente e o autor insiste que esses níveis têm suas patologias, mas também aspectos saudáveis. Parece que não devemos eliminar ninguém e nenhum nível da Espiral, nem mesmo o vermelho”, contestou outro leitor em fase mais adiantada desta obra.

“Meu Deus do céu! Só falta você dizer que precisamos tratar estes marginais, malfetores e subversivos com um ramalhete de flores! Diga-me, então, como devemos combater, ou pelo menos refrear, os nefastos descontroles ditatoriais e os agentes antissociais da delinquência moral?”, argumentou o religioso com perceptível veemência. E seus argumentos portadores de indignação estavam longe de terminar.

“E digo mais: o que devemos fazer para conter a violência revolucionária, a queima de pneus nas rodovias, as gangues de rua, os impulsos subversivos sanguinários, o tráfico de drogas, além da volúpia tributarista, monopolista e intervencionista dos tiranos avermelhados?”

Quando alguém fizer essas e outras perguntas similares, estará em busca de uma resposta azulada e somente compreensível com a migração de nossa consciência para a inteligência azul, onde a verdade aproxima-se mais dos ideais do que das pessoas, o personalismo egocêntrico abre espaço para os valores supraindividuais e até mesmo para o martírio em prol de uma causa maior, seja ela religiosa ou patriótica.

Se o leitor pensou em meios de contenção da insubordinação ou da marginalidade vermelha, seja através de regramentos jurídicos ou religiosos e suas implacáveis sanções; seja através de limites morais impositivos, dos códigos de ética ou de honra, dos ordenamentos institucionais hierárquicos ou do patriotismo republicano, deverá ser muito bem-vindo ao importante ^vmeme azul. Todavia, os problemas e os desafios da transição azulada não serão simples, pois os tiranos avermelhados aprenderam a manipular as ferramentas retóricas para sua autopreservação e acobertam

seu despotismo rubro com o populismo, as bravatas e a cortina de fumaça de que tudo fazem pelo povo ou em nome do bem.



“Quem foi o engraçadinho que me postou esta mensagem no Twitter?”

#Este_é_meu_ismo@religioso.com/fé_na_Política



O DETERMINISMO AZUL



“Uma simples força dirige e controla o mundo e determina o nosso destino. A verdade permanente estrutura e ordena todos os aspectos da vida na Terra, para governar também os céus. A minha vida tem sentido porque o fogo da redenção arde no meu coração. Sigo o caminho que está traçado, que me liga a algo superior, seja uma causa, crença, tradição, organização ou movimento. Defendo o que é correto, decente e bom, sujeitando-me sempre às diretivas da devida autoridade. Sacrifico de boa vontade os meus desejos no presente, na certeza de encontrar algo maravilhoso no futuro.”²⁹

Acabamos de tomar contato com outra síntese de Beck e Cowan referente à visão de mundo azul e suas inspirações celestes. Particularmente, respeito muitas destas virtudes, mormente sua incansável busca por valores além do indivíduo. Porém, a constatação de certos exageros atitudinais do patamar azulado podem incomodar, especialmente quando integram determinados fundamentalismos. Convido-o, caro leitor, a uma análise dos tópicos abaixo para perscrutarmos este nível importantíssimo para o equilíbrio da Espiral:

Por que azul?

Os códigos de honra

A liderança obediente

O fanatismo político

O camaleão de coração vermelho

Afinal, o azul é do bem?

Onde estão os azuis

Cume e transição

29 Don Edward BECK e Christopher COWAN. *Dinâmica da Espiral*. Editora Piaget: 1996. p. 265.

POR QUE AZUL?

O infante ou adolescente rebelde, indolente e criado sem regras transforma-se no vermelhinho-mandão do ambiente em que se encontra. As pessoas que assistem ao espetáculo narcisista e marrento do ente mimado no restaurante do bairro comentam uns com os outros: *alguém tem que educar essa criança birrenta!*

Eis uma saudável demanda azul para contenção da destemperança avermelhada. Enquanto os conflitos permanecem entre a meninice marota e os regramentos de seu lar ou das escolas primárias, tudo parece-nos sob controle e solucionável com a natural hierarquia paternal, maternal, técnica ou professoral. O mesmo ocorre nas contendidas futebolísticas, com a punição do atleta que exagera na violência, aplicando-lhe o cartão, curiosamente, da cor vermelha.

Todavia, quando a impulsividade egocêntrica vermelha incorpora o poder atitudinal de um adulto, estaremos diante de um despotismo mais complexo, situação em que ameaçar com *“pã-pã no bumbum”* nada resolverá. Eis o autoritarismo ditatorial e do “grande Eu” avermelhado em sua versão comportamental mais perigosa. Os problemas em torno da contenção da tirania são desafiadores, afinal *como limitar um tirano?* Não há dúvida de que as soluções são complicadas, pois a artimanha despótica resistirá com armas e, não raro, com legiões de seguidores repletos de truculência subversiva e insolência. Assim surge o ^V*meme* azul, com seu propósito hierárquico em busca da lei e da ordem sobrepostas a qualquer vontade humana individualizada. Nasce a austeridade azul e o pesadelo vermelho.

A consciência azul identifica
decididamente que a vida tem um
significado.

As estruturas de autoridade, com hierarquia para além do indivíduo, surgiram há 5.000 anos, juntamente com o conceito embrionário de sacrificar o presente pelo futuro. As causas azuladas superaram o interesse pessoal e tocam os ideais abstratos e a noção de honra conectada aos valores familiares, patrióticos ou transcendentais – além e acima do egocêntrico “eu”. Essa coloração representa o firmamento, os mantos religiosos e o olhar altivo para além de si mesmo, mormente quando contemplamos a extensão celeste e seu azul preponderante.

OS CÓDIGOS DE HONRA

A consciência azul identifica decididamente que a vida tem um significado. Este propósito maior demandará códigos de honra e uma estrutura comum, a fim de conter todos aqueles que ousem interferir na moralidade e na decência. A violação do código de conduta, seja ele oriundo do direito positivo³⁰ ou de revelações consideradas divinas,³¹ acarretará severas punições, desde a prisão por desrespeito ao código penal ou sanções civis, até chegarmos às penosas condenações infernais por toda a eternidade pós-morte.

A honradez azul considerará a vida uma batalha que precisa ser continuamente vencida. Sua positiva determinação e fantástica vontade férrea lutará contra todas as forças destrutivas opositoras. A liderança azul obedecerá a algum código de honra, um padrão moral ou alguma causa que muitos interpretem como justa e perfeita. Um típico líder azul dificilmente falará em seu próprio nome, mas sim como instrumento de uma autoridade acima de si, pautada pelos já aludidos códigos legislativos e textos sagrados.

“Ufa! Ei, autor, finalmente nos livramos dos tiranos”, suspirou uma leitora com brilhantes e lindos olhos azuis.

“Desculpe, mas porto uma má notícia: poderá haver tirania também neste nível azul.”

30 Códigos legislativos: código penal, código civil, decretos, constituições etc.

31 Livros decretados sagrados.

A obediência azul não virá por
temor reverencial ou físico
ao grande líder, nos moldes
avermelhados, mas sim por respeito
aos princípios morais representados
pela liderança.

“Como assim? A consciência azul superou e derrotou o ‘grande Eu’ e seu despotismo egocêntrico e narcísico!”, retrucou minha leitora.

“Sim, mas ainda temos que nos preocupar com o ‘grande Nós’, conhecido por poucas pessoas. Escapamos da tirania individualista, mas não do despotismo coletivista, também conhecido como ‘ditadura da maioria’ ou ‘ditadura do proletariado’, se preferir.”

“Não entendi. Ditadura da maioria não é o mesmo que democracia? Afinal, que porcaria é essa?”, insistiu.

A LIDERANÇA OBEDIENTE

A obediência azul não virá por temor reverencial ou físico ao grande líder, nos moldes avermelhados, mas sim por respeito aos princípios morais representados pela liderança. Reparem os leitores nos impecáveis uniformes que inspiraram a ilustração fotográfica deste capítulo, cuja ordem e continência estão sob a égide dos valores como o patriotismo, a honradez, a lealdade, o respeito, a hierarquia e a disciplina. O “grande Eu” foi substituído por valores morais, cuja personificação poderá surgir através de uma liderança que represente o “grande Nós”, muito além do egocentrismo e próximo da submissão dos comandados e comandantes aos princípios norteadores da sociedade. Eis a razão do presente tópico anunciar-se com o inusitado conceito de *liderança obediente*.

“O que você acha de colocarmos em votação a partilha social de todo o seu patrimônio pessoal? Vamos distribuir sua casa com os menos favorecidos? Melhor ainda: a maioria poderá dispor sobre a sua vida?”, provocou sarcasticamente um leitor.

“Absurdo! Que galhofa é essa? Esses assuntos pertencem a mim!”, respondeu o amigo.

“Exato, eis o ponto crucial. Nem tudo é pauta coletiva. Quando o coletivismo domina territórios tipicamente individuais, estaremos diante da ditadura da maioria. Expressões como ‘tudo pelo social’ e ‘pelo bem do povo’ são perigosíssimas e comumente usadas habilmente como retórica populista para estabelecer ditaduras coletivistas.”

“Entendi. A cor da rua será pauta democrática, mas se o coletivo quiser decidir também a coloração do meu quarto de dormir, teríamos a tirania da maioria. Enfim, não se pode matar judeus, nem mesmo pela vontade da maioria.”

“Bem... O segundo exemplo traz lembranças muito tristes para a humanidade, mas está correto. Imagine um tirano vermelho camuflado com as plumagens de uma suposta ‘boa intenção’, rostinho de ‘bom moço’ e retórica politicamente correta...”

“Eureca! Parece a figura do lobo vermelho em pele de cordeiro azulada. Sorriso democrático em coração despótico. Tirania disfarçada de democracia!”

“Acertou novamente, mas esta mistura entre o vermelho e o azul poderá ser positiva, como descrito pelo cônsul romano Marco Túlio Cícero (106-43 a.C.), em sua clássica obra ‘Da república’, onde defende os ideais republicanos da moderação e da justiça, mas reconhece a necessidade de líderes dotados de autoridade pessoal. Também temos muitos exemplos de mártires religiosos que deixaram ótimos legados... Mas o que podemos fazer diante da dissimulação?”

“Que problemão, hein! Precisamos da moralidade saudável e também das noções de certo ou errado, mas também de autoridades... Porém, como eliminarmos os dogmas do populismo demagogo? Mas afinal, estamos falando de religião ou de política?”

O FANATISMO POLÍTICO

Curiosamente, Graves, Beck e Wilber diferenciam e reconhecem níveis de espiritualidade mais avançados e distantes dos fervores azulados e que serão abordados em momento oportuno desta obra, mormente a partir da consciência amarela. Wilber chega a propor o termo *mítico-fundamentalista* como equivalente ao azulado. Graves optou por nominar de *religioso-absolutista*, a fim de distinguir eventuais fanatismos dos bons caminhos transcendentais legitimados por seus próprios frutos pacifistas e valores edificantes. Todavia, o que mais chamou a minha atenção foi a constatação de fanatismos ainda mais severos e hostis em missões seculares ou ateístas.³²

³² Ken WILBER. Boomerite. Madras: 2005. p.33.

Um dos pensadores políticos mais originais do século XX, o conservador britânico Michael Oakeshott (1901-1990), imputa aos sociais-democratas a postura de crentes políticos, o que denominou como “a política da fé”.³³ Julgo seus argumentos sólidos e bastante convincentes. Notei claramente esta distorção azulada no estudo do fanatismo político, onde o Estado fora ardilosamente apresentado como uma espécie de divindade laica abstrata do “grande Nós”, em que a figura do governante portava os valores da moda e o *status* de messias libertador. Todavia, poderemos estar diante do despotismo coletivista escravizador. Estranhamente, os adoradores da divindade estatal abominam a religiosidade da expressão “Deus proverá”, mas advogam fanaticamente uma inusitada versão materialista de uma “religiosidade” estatizante: “o Estado proverá”.

“Quanto parasitismo coletivista! Quando surgirá a frase ‘o indivíduo proverá?’”, perguntou a ruiva Margareth, com toda sua autoconfiança.

“Fale baixo! Alguém poderá ouvir e ficar ofendido”, respondeu sua avó de meigos olhos verdes e de gestos moderados.

“Mas vó, a história já demonstrou que as revoluções sangrentas são imbecilidades vermelhas da pior espécie! Só idiotas politicamente fanatizados acreditam nisso!”

“Todos têm direito a manifestação, minha querida”, contestou a senhora.

“Desde que isso não nos roube nem nos mate, não é mesmo vovó?”, provocou a jovem com suas prodigiosas inteligência e assertividade.

“Sabe vó, estou farta de jargões politicamente corretos e outras besteiras populistas! Eu também sou parte do povo e gostaria que me deixassem estudar e trabalhar em paz, sem tantas roubalheiras através de impostos ridículos. Você sabia que enquanto morrem pessoas por falta de remédios, nosso dinheiro público patrocina artistas? Esses políticos despóticos perderam o senso das prioridades e passaram de todos os limites!”,³⁴ complementou.

33 <http://www.midiasemmascara.org/artigos/conservadorismo/12756-michael-oakeshott-e-a-disposicao-conservadora.html>

34 <http://www.bbc.com/portuguese/brasil-36364789>



A delicada senhora deu-lhe razão, mas optou pelo silêncio. A jovem ruiva, por sua vez, sabia que tinha algo de verdadeiro e generoso nas palavras de sua avó, mas pressentia que algo estava faltando no raciocínio da bondosa senhora. De qualquer forma, a jovem Margareth compreendia esse insólito fanatismo político, que encontrava seus devotos ao redor de mantras estadistas e falácias retóricas mascaradas de *justiça social*.

A terceirização da solidariedade para o agente estatal parecia aliviar os indolentes que nada fazem além de reclamar dos “malvados” capitalistas. *Afinal, qual seria a relação entre justiça social e justiça meritória?* De qualquer forma, minha leitora ruiva não tinha muito tempo para pensar nisso, pois tinha que trabalhar e terminar sua pesquisa sobre como conciliar as melhores estratégias entre o sucesso profissional e o familiar.

“Vó, terei que interromper a leitura agora, depois a senhora me conta quem ganhou, o deus institucional político ou o deus moral religioso”, disse com a irreverência da juventude.

“Tchau, querida. Vá com o Deus verdadeiro”, respondeu a idosa com a carinhosa resignação da idade avançada.

O CAMALEÃO DE CORAÇÃO VERMELHO

Inegável a distinção índigo entre o certo e o errado, fato que vejo com bons olhos para o equilíbrio da Espiral. Confesso que, ao vestir meu terno azulado, sempre opto pelo acompanhamento de uma gravata alaranjada que os liberais clássicos importaram da Europa. Tanto para os azulados e sua ordem republicana, como para os amantes da liberdade mercadológica laranja, a vermelhidão e toda sua violência revolucionária estão fora de moda. Por falar em truculência, a consciência hierárquica possui clareza que a manutenção da ordem exige autoridade, firmeza e, às vezes, um bom cassetete azul marinho.

“Esse autor pensa que disse algo novo... Sabemos disso desde a década de 60, quando impedimos os terroristas comunas de tomar o Brasil. Querem que façamos o que diante desses terroristas subversivos? Daqui a pouco teremos que dar medalhas e dinheiro para ex-guerrilheiros e vagabundos usurpadores do erário público!”, ironizou um leitor indignado, Capitão do exército.

“*Alguns idiotas acham que podemos segurar esses marginais com rosas brancas ou canções de ninar?*”, complementou seu colega.

De fato, a contenção da impetuosidade egocêntrica vermelha poderá demandar policiamento firme e rigidez no estilo *duela a quien duela*,³⁵ sempre pelo bem da ordem, das tradições e dos bons costumes azulados. Se você achou as tonalidades azuis autoritárias e decidiu pegar em armas contra esse sistema opressor da elite branca machista e patriarcal, você avermelhou. Na hipótese do leitor refletir sobre uma estratégia de como faturar diante das regras estabelecidas, pois sempre existem boas oportunidades para ótimos negócios, alaranjou. Eis a dinâmica da Espiral em curso, ora em saudável ascensão, ora em preocupante queda. De qualquer forma, passaremos a analisar os dois lados dessa moeda azul.

“*Capitão, e se um subversivo tomar o poder? Sei lá, vai que um comunistinha ex-guerrilheiro qualquer vire Presidente da República*”, questionou o soldado.

“*Vê se não brinca com coisa séria, soldado! Onde você pensa que está?*”

“*No Brasil, Capitão.*”

“*Mais respeito, soldado! Você não está em Cuba, Coreia do Norte ou Venezuela. Treze flexões para oxigenar sua mente poluída!*”

A preocupação do nosso recruta fictício é legítima. Os tiranos individualistas do “grande Eu” aprendem rápido e, cedo ou tarde, vestirão a pele azulada do “grande Nós” e até mesmo de colorações superiores. Eis a analogia do título deste tópico: *o camaleão de coração vermelho*. Estamos diante de um dos maiores perigos tirânicos em termos planetários, justamente o momento em que o ditadorzinho da vez descobre como enganar seus fanatizados asseclas. Ele poderá vestir os caríssimos e elegantes ternos Armani de várias cores, em especial o azul e o verde, a camuflar sua volúpia revolucionária com sangue vermelho nos olhos. Em outras palavras, o camaleão tirânico poderá assumir discursos politicamente corretos, como causas sociais ou ambientalistas. Todo cuidado é bem-

35 Doa a quem doer.

-vindo nessa difícil análise, pois os discursos políticos, infelizmente, têm o hábito de esconder as mais horrendas vilanias sob o manto de palavras sedutoras e similares ao mito do canto das sereias.

AFINAL, O AZUL É DO BEM?

Sob minha perspectiva, uma das maiores virtudes azuis está em atuar no presente com um dos olhos no futuro, em flagrante transcendência ao hedonismo imediatista na busca do prazer avermelhado. O sacrifício do presente pelo futuro poderá trazer, na sua forma moderada, grandes benefícios, como a cultura da poupança, o amor ao trabalho, a ordem e a estabilidade, pois controla a impulsividade e outorga noções de responsabilidade, além de princípios para uma vida virtuosa. As maravilhosas características da moderação e prudência estão em voga no mundo azul e seu maior desafio está na dosagem educacional, pois a severidade ou rigidez exagerada poderão ser traumatizantes.

Os excessos sombrios e extremados iniciam quando a positiva noção de responsabilidade por seus atos transforma-se em culpa mortificante. Um azul saudável sentir-se-á responsável por seus erros, como forma de repará-los e evitar reincidências. Como a dosagem poderá transformar o remédio em veneno, o excesso de culpa poderá levá-lo a extremos prejudiciais, mormente pelo conformismo genuflexo ou punições exageradas. O perigo de carregarmos nas tintas azuis está no risco da estratificação ou imobilidade social, e até mesmo na generalização anticência ou resignação antiprogresso, sob uma interpretação particular de que o plano divino assim desejou ou determinou.

Ao pensar nos aspectos sociais, a firmeza anil é excelente no trato com a impetuosidade vermelha, mas bastante complexa quando a lente azul considera todos os demais *Vmemes* como inimigos a serem combatidos. Essa confusão poderá ocorrer na hipótese de uma miopia de olhos azuis, podendo visualizar o seu próprio código de conduta como a última e mais gostosa bolacha cósmica, não por egocentrismo vermelho, mas por honra ao patriotismo defendido por sua cavalaria com bandeiras celestes.

Considero a eliminação dos meios azulados de contenção do ímpeto vermelho um dos maiores equívocos para o bom andamento da Espiral, pois



Abandonada a figura do imperialista conquistador ou do “grande Eu”, a consciência azul utilizará a força grupal das fraternidades escolares, das irmandades religiosas, das organizações, das instituições governamentais ou das corporações, onde a lei e a ordem social sejam valores morais a serem defendidos.

sem mecanismos de contenção da vertente vermelha e diante dos diversos níveis evolutivos existentes no planeta, a Espiral poderá desequilibrar-se em queda para o caos rubro e toda sua impetuosidade egocêntrica e destemida. Quão maior o armamento vermelho, maior deverá ser a *reação* proporcional azulada, motivo pelo qual alguns analistas identificam a resistência azul como *reacionária*.

ONDE ESTÃO OS AZUIS?

Abandonada a figura do imperialista conquistador ou do “grande Eu”, a consciência azul utilizará a força grupal das fraternidades escolares, das irmandades religiosas, das organizações, das instituições governamentais ou das corporações, onde a lei e a ordem social sejam valores morais a serem defendidos. Assim, um delineamento tipicamente azul pode ser ativado e facilmente encontrado no Poder Judiciário, nas Forças Armadas, em alguns membros do partido republicano estadunidense, nas estruturas estatais e também em alguns segmentos religiosos, além de outras estruturas menores, como os escoteiros, torcidas organizadas e irmandades secretas.

A maior virtude azul está no prestígio atribuído à família e aos valores morais como base para manutenção da paz e da estabilidade social. Parte de seus integrantes, entretanto, equivocam-se por sua timidez e até mesmo resistência em admitir a utilidade de certas novidades tecnológicas e das demandas por liberdade de notáveis empreendedores. A consciência azulada fica confusa com a conciliação entre disciplina ordeira e *liberdade estrategista* laranja, pois surgiu justamente para conter os excessos da *liberdade narcísica* vermelha. A dificuldade está justamente em diferenciar o paradigma vermelho do laranja, motivo pelo qual muitas vezes identifica ambos como inimigos.

CUME E TRANSIÇÃO

O triunfo azul ocorreu com seu utilíssimo sucesso no combate à tirania do “grande Eu” narcísico. Todavia, algo ainda está estranho e parece que o coletivo também poderá ser despótico quando excede sua jurisdição e adentra os territórios legitimamente personalíssimos, como as áreas do subjetivo, do meritório, da estética, enfim, dos direitos individuais ao seu patrimônio e à sua vida, entre outros. No momento em que as regras

coletivistas tornarem-se enfadonhas e ceifarem a liberdade empreendedora com excessos burocráticos, ou ainda intimidarem o debate franco com imposições politicamente (in)corretas, o indivíduo definitivamente compreenderá que existe uma outra possibilidade autoritária: *a tirania do “grande Nós”*.

A migração das patologias do egocentrismo vermelho para o exagero coletivista azul não resolveu o problema por completo e termina por fomentar uma nova demanda por liberdade, desta vez em sua modalidade mais sutil, não mais por impulsos narcisistas vermelhos, mas sim por justificadas necessidades criativas, mercadológicas, estratégicas e artísticas, nas quais algumas regras até que são bem-vindas, mas seu excesso somente atrapalha. Esta nova exaltação da criatividade compreende as benesses da alforria libertária para a otimização das estratégias empreendedoras em busca do lucro e da produtividade e, principalmente, para caminharmos em direção às novas inovações científicas.

Seja muito bem-vindo, amigo leitor, ao mundo tecnológico e toda sua potencialidade assistencial. De onde saiu o altar, entrou a física quântica e lá se foi outra mensagem para os leitores:



#seu_ismo_religioso_dançou@fé_no_cientific-ismo.materialista.com/ops?

A ESTRATÉGIA
LARANJA



“Eu quero realizar, ganhar e chegar a algum lugar na minha vida. O mundo está cheio de oportunidades para aqueles que as agarram e correm alguns riscos calculados. Nada é certo, mas, se formos bons, jogaremos com as probabilidades e encontraremos as melhores escolhas entre muitas. Temos de acreditar em nós mesmos, primeiramente, e tudo o mais se encaixará nos devidos lugares. Não podemos nos deixar atrapalhar por estruturas ou regras que atrasem o progresso. Em vez disso, por aplicações práticas de experiências já testadas, podemos aprimorar as coisas e torná-las melhores para nós. Tenho confiança nas minhas capacidades e pretendo fazer diferença neste mundo. Reunir os dados, construir um plano estratégico e depois avançar para a excelência.”³⁶

Eis a fantástica condensação dos esforços direcionados deste intrigante nível laranja, que também respeito e admiro por conta de todas as suas potencialidades científicas, um conjunto de empolgantes virtudes envolvendo a concentração de energias voltadas para resultados concretos a serem exploradas nos seguintes tópicos:

Por que laranja?

O sucesso empreendedor

A política de resultados

A laranja mecânica radical

Virtudes empreendedoras e patologias ambientais

Trancos políticos, históricos e culturais

Transição esverdeada

POR QUE LARANJA?

O mundo alaranjado surgiu há 300 anos com os empreendedores e o crescimento em progressão geométrica do desenvolvimento tecnológico

36 Don Edward BECK e Christopher COWAN. *Spiral Dynamics*. Blackwell; 1996. p. 244 (tradução do autor).

desde então. A inspiração mnemônica de sua cor está no aço derretido nas fornalhas industriais e constatee a rara felicidade na escolha de tal relação, pois o domínio do aço possibilitou enormes e necessários avanços na era industrial, mas também deixou implícito uma série de problemas ligados à insalubridade ambiental.

Quando as regras azuis saturarem ou apenas descobriremos como otimizá-las estrategicamente para melhores resultados, aumento da produção e aferição de lucro, nossa consciência iniciará o trabalho de parto laranja. Diferentemente da liberdade descontrolada vermelha, a autonomia laranja possibilita um leque de oportunidades e um universo de prosperidade jamais visto pelos olhos azuis e muito menos pelo sangue vermelho.

O SUCESSO EMPREENDEDOR

“Caro autor, desta vez não me venha com mais tirania! Vencemos o ‘grande Eu’ e já compreendemos que o ‘grande Nós’ também poderá ser despótico. Enfim, agora chega!”

“Hum... Caríssimo leitor, compreendo seu raciocínio, mas será que não estaremos em adoração ao ‘grande Isso’? Estaríamos a cultuar uma nova espécie de divindade rochosa, ou seja, um ‘deus ciência’ e seus messias, com jalecos brancos e sagrados tubos de ensaio? Será mesmo que tudo aquilo que não for verificado por nossos microscópios tecnológicos não corresponde efetivamente à realidade? Enfim, nada existe além do ‘deus-matéria’?”

“Vá pentear macacos, autor! Não quero saber de nada disso. Fale-me sobre sucesso empreendedor, liberdade, autonomia, liderança, empirismo científico e ponto final. Estamos no Vmeme laranja, ora bolas.”

Quando o leitor manda, o autor que tem juízo obedece. Iniciemos pelo empreendedorismo: *mas afinal, até onde vai a energia e o brilhantismo desse homem?* Destacou-se desde criança por sua inteligência e tino comercial aguçado. Com esforço próprio, autonomia e independência, atingiu a prosperidade material em gostosa abundância que não tem problemas em exibir. Confia em si mesmo e é trabalhador incansável, portanto, não tem medo de advogar o livre mercado, a meritocracia ou a competição.

Desperta obviamente todo o tipo de inveja dos mais acomodados ou menos capacitados, os quais são adjetivados de *vagabundos* pelos laranjas sem constrangimento algum. Joga para ganhar até mesmo nas brincadeiras domésticas e diverte-se com a histeria ciumenta dos barulhentos vermelhos que não se conformam com seu estrondoso sucesso.

Em geral, sofrerá xingamentos dos que confundem prosperidade meritória com riqueza injusta. Também sofrerá ataques daqueles que cultuam as divindades laicas materialistas, como o Estado, as empresas estatais, os cargos públicos etc. Em geral, os imaturos invejosos tentarão impor regramentos restritivos ao triunfo progressista,³⁷ científico e tecnológico. O legítimo realizador laranja encontrará saídas estratégicas para todos esses ataques de seus opositores e, se necessário, abandonará a nação com sua economia engessada por enfadonhas regras restritivas, ceifadoras da criatividade e da autonomia empreendedora.

Na hipótese dessa migração ocorrer e a nação perder seus valores laranjas, assistiremos aos excessos do “grande Nós” coletivista e seu socialismo regrador e confiscatório ofertarem uma distribuição igualitária de miséria para todos os cidadãos, sem discriminação... Ops, exceto para os governantes e os agentes políticos, que gozarão de polpudos vencimentos diretamente do erário público. A planificação de todos os seres em mesmo estágio evolutivo não corresponde à realidade do nosso planeta, por um motivo óbvio: nosso mundo porta seres com graus de desenvolvimento diferenciados. O ente laranja não se incomodará com a diversidade evolutiva e, guiado por uma “*mão invisível*” – em referência à analogia de Adam Smith³⁸ – contribuirá para que a maré da prosperidade suba para todos os barcos. Todavia, alguns barcos serão mais luxuosos que outros, a depender da capacidade empreendedora, das escolhas e da vontade laboral de cada um. Eis uma suma da mente laranja.

“Ufa, finalmente estamos livres do dogmatismo azul e todos os seus insuportáveis ‘ismos’ cuspidores de regras. Bem... menos o cientificismo, o capitalismo e o liberalismo, é claro. Hum... isso ficou meio estranho, pois não gostamos dos

37 Termo aplicado no sentido técnico – relativo ao progresso – e não em seu significado político.

38 Adam Smith. A riqueza das nações. Martins Fontes (SP): 2003.

A liderança laranja será aquela que proporcionar os melhores caminhos para a conquista dos resultados mais satisfatórios e otimizar a prosperidade material, vale dizer: *fizer mais com menos*.

O progresso vem com as melhores soluções e, se você for nosso líder, apresente-as ou caia fora imediatamente! Assim é o pragmatismo laranja, que está sempre ocupado.

‘ismos’ azuis, mas também temos os nossos... Não importa! Viva a liberdade mercadológica, os iPads e o Facebook!”

“Negativo! Fascistas não passarão!”, afirmou uma jovem universitária com cabelos pintados de vermelho.

“Calma, minha jovem. Pense comigo, o fascismo não foi proposto por Benito Mussolini (1883-1945)?”, questionou um raríssimo professor que sabia criticar Antonio Gramsci (1891-1937) e Saul Alinsky (1909-1972).

“Sim, mas o que tem isso? Não vai ter golpe, hein...”

“Certo... Por favor, mantenha a calma. Pensemos juntos: não foi Mussolini, pai do fascismo, o autor da frase: tudo no Estado, nada contra o Estado, e nada fora do Estado?”

“E daí? Esse papinho ridículo deve ser coisa da elite branca reacionária...”, retrucou a jovem.

“Vamos respirar fundo e raciocinar com lógica: se essa pessoa laranja que você chama de fascista for contra o Estado agigantado e completamente a favor do livre mercado, como ela poderia ser fascista? Aliás, não é você que defende a supremacia estadista?”

“Ah, eh, hum... Okay, mas então toma essa: abaixo a opressão machista patriarcal!”

A POLÍTICA DE RESULTADOS

A liderança laranja será aquela que proporcionar os melhores caminhos para a conquista dos resultados mais satisfatórios e otimizar a prosperidade material, vale dizer: *fizer mais com menos*. O progresso vem com as melhores soluções e, se você for nosso líder, apresente-as ou caia fora imediatamente! Assim é o pragmatismo laranja, que está sempre ocupado. Afinal de contas, há muito trabalho por fazer, a vida é curta e, portanto, não temos tempo a perder. Inexiste desafio maior do que liderar os exigentes laranjas, que irão comparar qualquer liderança com a ex-

celência que possuem na gestão e na execução de suas próprias tarefas.

Politicamente, a preferência laranja concentra-se no liberalismo clássico europeu, eis que devidamente testado e aprovado em sua eficiência na diminuição da miséria e aumento da produção de riqueza para as nações que ousaram implementá-lo, ainda que parcialmente. Afinal de contas, para a apurada e realística estatística laranja, a eficiência da ferramenta conhecida como livre mercado é inegável. Basta comparar a prosperidade dos países com maior liberdade econômica com a miséria das nações que ainda não compreenderam a dinâmica e a psicologia mercantis.³⁹

As decisões laranjas são rápidas, frias e pragmáticas, sempre com a bandeira *laissez-faire* numa das mãos, e com uma boa calculadora, para verificação das probabilidades, na outra. Pronto! Não haverá mais nada a discutir neste suco de laranja de abundante tecnicidade, pois sua coerente teoria e suas ferramentas utilitaristas simplesmente funcionam. Portanto, considerarão como vigaristas despóticos, ou como ridículos bobalhões, a maioria dos críticos festivos de suas estatísticas, já que eles nunca geraram meia-dúzia de empregos. Eis outra descrição de uma típica perspectiva dos líderes alaranjados. O raciocínio detém impecável lógica, mas resta a questão: *estaria completo?*

A LARANJA MECÂNICA RADICAL

O liberalismo clássico europeu representa a versão política de um laranja moderado, tendente a uma política centrista com viés economicamente destro e tendência moral ligeiramente canhota, em admissão restritiva de algumas regras sociais azuladas, e uma aceitação ínfima de regulações mercadológicas. Sua modalidade radical encontra-se no libertarianismo político, atualmente representado pelo médico e político norte-americano Ron Paul e sua busca pela máxima descentralização de poder. Em suma, a visão laranja execra a altíssima carga tributária e gigantesca interferência estatal dos socialistas e comunistas. Os liberais clássicos acolhem a possibilidade de baixos tributos e advogam uma organização estatal moderada, enquanto os libertários não toleram ingerência alguma e detêm um mantra radical: *imposto é roubo*.

39 <http://www.heritage.org/index/ranking>

No Brasil, tanto os liberais clássicos como sua versão extremada libertária leem autores da Escola Austríaca de Economia – Ludwig von Mises (1881-1973), Friedrich von Hayek (1899-1992) e Murray Newton Rothbard (1926-1995) – que são absurdamente boicotados e omitidos em muitas instituições de ensino brasileiras. Atualmente, existe muita reclamação em torno de doutrinações espúrias, lavagem cerebral ou induções político-ideológicas tendenciosas e direcionadas aos jovens estudantes ainda em formação. O tema ainda borbulha de forma acalorada e gerou, inclusive, um movimento específico conhecido como *Escola sem Partido*. A acusação caminha no sentido de uma possível omissão dolosa, no currículo escolar, desses autores liberais e tantos outros conservadores, que muitos jovens sequer conhecem. Eis um problema ainda sem resolução.

A escandalosa predileção acadêmica por autores comunistas como Marx (1818-1883) e Engels (1820-1895) ou sua versão “*moderninha-fashion-pop*”, estrelada pelo francês Thomas Piketty, deixaram sérias e robustas dúvidas sobre a honestidade de certos estrategistas da educação, no tocante à apresentação das diversas perspectivas políticas para os alunos. Eis, novamente, um típico incômodo laranja.

“*Que exagero laranja! Os professores apresentam Marx porque ele faz parte da história*”, argumentou o professor Jair Arnaldo, que adorava exaltar as teses marxistas para seus alunos, mas assim que ganhou na loteria esportiva, aplicou tudo no “ventre da besta” norte-americana e nenhum centavo nos países dos camaradas.

“*Ei, professor. Por que não nos foi apresentado Edmund Burke (1729-1797) ou Russell Kirk (1918-1994)? Pode isso, Arnaldo? Sequer tivemos Milton Friedman (1912-2006), Nobel de Economia em 1976, em sala de aula. Eles também não fazem parte da história?*”

“*Os laranjinhas não gostam de liberdade? Sou livre para ensinar o que eu quiser. E tenho dito!*”, insistiu o professor militante.

“*Compreendo bem a questão da liberdade, mas o senhor também seria livre para ensinar mandarim nas aulas de inglês? Estaria correto ao ensinar receitas*

de bolo nas aulas de matemática? Ou pior, omitir Mises dos alunos e ficar apenas com Marx? E não tenho dito.”

“Hum... Mas então a culpa é do MEC!”,⁴⁰ suspirou o professor ao terceirizar sua responsabilidade, após perder a fala por longos segundos.

“Bem, professor, sua afirmação é coerente até certo ponto, pois remete ao problema da ingerência estatal em tudo, mas não esqueça que a convivência com a imoralidade, seja ela estatal ou privada, colabora com sua perpetuação. A situação está tão complicada que muitos professores de humanas sequer conhecem os autores citados. Percebe? Estamos diante de uma guerrilha cultural, castradora do próprio conhecimento e do próprio debate”, argumentou o aluno que seria posteriormente prejudicado em sua nota final.

“Hum, ah, é...”

“Professor, use cinco minutos do seu tempo e pense bem: por que a obra mundialmente famosa ‘O caminho da servidão’, do também detentor do prêmio Nobel, porém de 1974, Friedrich Hayek, não é debatida em sala de aula? Sua tese central transcende o antimarxismo e também afirma que todas as demais teses genúflexas ao coletivismo, como o nazismo, o comunismo, o fascismo ou o internacional socialismo, levam inevitavelmente à supressão das liberdades individuais, como ocorrido na Alemanha Nacional Socialista (nazista), na Itália fascista e na União Soviética comunista. Por que evitar esse saudável confronto de ideias? Por que não apresentar aos alunos as críticas ao marxismo?”

VIRTUDES EMPREENDEDORAS E PATOLOGIAS AMBIENTAIS

As maiores virtudes laranjas estão na superação da mentalidade de rebanho e na sua capacidade de manter um debate em alto nível, dentro de um sistema lógico, racional, científico, comparativo, classificatório, fático, estatístico e beneficentemente desprovido de histerias intelectualoides. Uma de suas maiores assistências para a dinâmica da Espiral está na significativa melhoria na vida das pessoas através da ciência, notória produtividade e competência administrativa.

40 MEC: Ministério da Educação e Cultura.

Portanto, mesmo que o intento laranja não esteja diretamente focado na eliminação da fome bege, o ganho em escala na produção de alimentos oriundo dos esforços tecnológicos e estratégicos mostra-se eficaz e fomentador de uma quantidade de alimentos capaz de manter 7 bilhões de seres humanos vivos no planeta. Eis, novamente, a “*mão invisível*”, de que falava Smith.

“Maravilha! Esse autor é fera! Adoro os computadores, a internet, o agronegócio e seus recordes na produção de alimentos! Amo a popularização dos celulares e todos os badulaques eletrônicos! Na verdade, já li tudo que precisava...”

“Um momento. Como está a qualidade do ar que respiramos? E a sustentabilidade do nosso planeta?”, questionou uma jovem ativista do Greenpeace.

As maravilhas laranjas produziram a economia de mercado, como descrito por Adam Smith e sua obra *The Wealth of Nations*, em 1776; a notória evolução científica dissolveu e ridicularizou os mitos e as superstições púrpuras; a filosofia política utilitarista humilhou a ingenuidade utópica; a revolução industrial inglesa dos séculos XVIII e XIX nocauteou a cultura de subsistência; enfim, a ciência glorificou a tecnologia e deixou todos boquiabertos! Sim, abrimos espaço para os direitos individuais e fantásticos ideais em torno da liberdade e autonomia. Todavia, resta-nos a questão: *como lidarmos com o gás mostarda e a também tecnológica bomba atômica?*

A resposta é complexa, pois não podemos negar os enormes avanços do *v*meme científico. Por outro lado, existe uma linha tênue entre a saudável ambição moderada e a desprezível ganância insaciável. Da mesma forma que a busca do lucro é uma legítima aspiração humana, sua obtenção a qualquer custo encontra limites éticos em torno da sustentabilidade planetária e respeito para com as gerações vindouras. Urge uma conciliação de interesses e uma consciência que supere o mero utilitarismo. Enfim, deixo outra indigesta questão: *o que fazer com o mau uso dos avanços alaranjados?*

“Vamos eliminar tudo isso! Vejam o caso das queimadas dos canaviais após a colheita. É um absurdo! Deveríamos proibir as usinas de existir!”, disse o professor Jair, que detestava seu epíteto pejorativo entre os alunos: o comunistinha professor-melancia.

“As queimadas são mesmo horríveis, mas não podemos acabar com as usinas por razões óbvias. Elas também alcançam um propósito e uma necessidade social. Uma ótima alternativa, neste caso, foi a adotada pelo Ministério Público, com seus Termos de Ajustes de Conduta. Eles buscaram uma solução coerente que, ao invés de regredir na Espiral, ofertou uma conciliação entre os interesses laranjas e os verdes: as usinas foram mantidas, mas as queimadas foram substituídas pela utilização de maquinário específico para a colheita”, contra-argumentou seu colega de trabalho, na sala dos professores.

“Mas por que essa tal usina é tão importante? Não seria melhor para todos fechá-la e pronto? Tem mais: como ficarão os trabalhadores com a mecanização?”, insistiu o sindicalizado professor-melancia.

“E no caso do monóxido de carbono produzido pelos carros? As chaminés das fábricas? Os resíduos químicos, a produção de energia, de petróleo, do aço para construção de casas e edifícios? Devemos proibir tudo? Deveríamos ter proibido a luz elétrica para não desempregar os trabalhadores das fábricas de velas? Proibir carros para preservamos os empregos dos charreteiros?”, resistiu o colega.

“Por mim pode fechar tudo. Eu só preciso da internet para fazer minhas pesquisas e do celular para falar com meus filhos. E mais, sou solidário aos taxistas e favorável à proibição do UBER!”

“Uai? Que confusão! Macacos virtuais me mordam!”

Observamos um interessante diálogo entre um fanatizado verde radical e um debatedor integrativo, que quase perdeu a paciência no final do diálogo. Todavia, é muito comum que os níveis de consciência da Espiral sejam criticados pelos *memes entrincheirados*, da etapa bege ao verde. No caso específico do patamar laranja, vários argumentos combativos oscilarão em suas colorações, ora azuladas, ora esverdeadas, mas a combinação mais comum são ataques melancias: verdes por fora e bem vermelhinhos por dentro. Um cavalo de Troia esverdeado com soldadinhos vermelhos em seu interior, todos desejosos por destruir a totalidade das visões de mundo que não forem compatíveis com a sua. Entretanto, reitero e considero correta e legítima as duas principais

questões verdes: *o que faremos em prol da sustentabilidade planetária? Que tal a tecnologia ajudar na produção de energia mais limpa?*⁴¹

TRANCOS POLÍTICOS, HISTÓRICOS E CULTURAIS

A coloração alaranjada ocorrerá na medida em que os aspectos saudáveis do azul ordeiro abrirem espaço para novas aventuras daquele matiz. Todavia, caros laranjas, preparem-se para os tabefes e golpes, alguns injustos e abaixo da linha da cintura, aplicados pelo musculoso pugilista de calção vermelho, outros diretamente no baço e na ponta do queixo, que estão dentro das regras, mas também doem e serão fortemente aplicados por luvas azuis e verdes. Fica a dica: o aprendizado sem dor está na serenidade. Separem o joio do trigo, laranjas! Vocês são bacanas, inteligentes e tudo mais, mas também não podem tudo, não senhores. As preocupações azuis com a ordem e o respeito, além da exigência verde em prol da natureza e sustentabilidade planetária estão em jogo, e talvez mereçam cinco minutinhos da atenção laranja. *O que você acha?*

Pois bem, já que fiz uma analogia com o pugilismo, acho que entrarei no ringue para levar alguns golpes. Devo lembrar que tanto os vermelhos como os azuis têm virtudes maravilhosas, mas suas patologias estão em surto endêmico e metastático nos sindicatos e, de forma geral, nos três Poderes, mormente na colcha de retalhos legislativa outorgada pelo populista brasileiro, e por muitos considerado um ditador, Getúlio Vargas, sancionador da obsoleta Consolidação das Leis do Trabalho, de 1943. Há fortíssimas suspeitas de que sua inspiração venha da *carta del lavoro*, de origem fascista, talvez necessária para a época do chamado Estado Novo (1937-1945), mas completamente anacrônica para os dias atuais.

Quando simples, claras e objetivas, as regras azuladas ajudam a manter a ordem e fomentam a estabilidade, território fértil para a prosperidade laranja. Todavia, quando as regras tornam-se confusas, subjetivas e passíveis de uma infinidade de interpretações pelos “neossalvadores da pátria” togados, o Poder Judiciário migra da sua nobre função como baluarte da estabilidade e da paz social para o grande distribuidor de confusão e insegurança jurídica. Nos demais poderes – Legislativo e Executivo – a

41 Energia solar, eólica, mais estradas de ferro e menos carros etc.

putrefação patológica é tão hedionda que dispensa maiores delongas ou considerações.

“Ei, autor! Como bom laranja empreendedor que sou, detesto esses sindicalistas e aqueles juízes do trabalho. São todos uns ‘comunistinhas’ que conhecem uma duplicata mercantil somente na teoria ou em fotografia. Uns ‘teóricos’ que jamais vivenciaram a atividade empresarial”, verbalizou o jovem empresário laranja, repleto de tributos para pagar e vermelho de raiva.

“Um momento, por favor. Compreendo sua indignação, mas não é bem assim. Os níveis azulados repressivos, como a maioria dos ‘ismos’ religiosos, a polícia e o próprio Judiciário, são importantíssimos para toda a dinâmica da Espiral.”

“Xi, esse autorzinho ridículo está a parecer mais um daqueles babacas que defendem os sanguessugas do Estado, com suas ‘burrocracias’ estúpidas e óbvio despotismo. Quão maior o número de regras, mais espaço para esses parasitas da sociedade.”

“Caro leitor alaranjado, por favor, muita calma nesta hora. Entendo e valido seus argumentos, mas sugiro uma distinção entre as regras necessárias para a paz social e os excessos tirânicos e absolutamente patológicos. Não devemos jogar o bebê com a água do banho...”

“Cala boca, trouxa! Bebê porcaria nenhuma! A carga tributária deste país tupiniquim é pornográfica. Você pensa que é muito esperto? Então monte uma empresa, gere empregos e pague impostos! Depois disso conversaremos. Tenho mais o que fazer.”

Meu leitor fictício está no auge do inconformismo libertário laranja, que produz maravilhas tecnológicas e muita prosperidade, mas não suporta a absurda quantidade de regras anacrônicas e facilmente identifica a ignorância sombria dos demais níveis. Revolta-se facilmente e, não raro, com absoluta razão, em relação à abjeta carga tributária brasileira. Reitero e valido as objeções alaranjadas, mas nos excessos sombrios do vermelho ao verde e não em suas virtudes, por mim reconhecidas. Exemplifico: o lema azulado “tudo no devido lugar” até que é interessante, mas no excesso contém efeitos colaterais repletos de cargas emocionais em torno

de seus rigorosíssimos “ismos”, que poderão desviar-se para imposições políticas enfadonhas e autoritarismo coletivista ditatorial.

Preocupo-me com os fanatismos em torno de seitas religiosas, ideológicas ou políticas, sejam em torno da tirania vermelha da força física do “grande Eu” (imperialismo individualista) ou da força azulada do “grande Nós” (populismo coletivista), encontrados em vários segmentos contaminados do autoritarismo azul e da opressão narcísica vermelha, como o coronelismo e o imperialismo individualista e seus disfarces coletivistas, como o comunismo, o fascismo, o marxismo, o estadismo ou o socialismo, seja em sua versão nacionalista (nazismo) ou em sua abrangência internacional supostamente *light*. Todas as virtudes em torno da prudência, da serenidade e da cautela serão bem-vindas ao analisarmos estes e outros sistemas excessivamente paternalistas do tipo: “*Estado paizão*”. Os tiranos mais perversos e invejosos, em geral, manifestam repúdio a tudo que remeta ao território individual, como a liberdade, o mérito, o lucro, a herança e seus maiores demônios laicos: a propriedade privada e a família.

Alguns mandões adoram decidir, explícita ou sorrateiramente, a profissão que seus filhos devem seguir ou os prazeres que podemos aceitar como éticos. Às vezes tudo isso vem acobertado pela adoração ao “papai Estado”, através do qual decide-se qual seguro automobilístico devemos fazer,⁴² qual tomada ou adaptador devemos usar,⁴³ quem deverá julgar a si mesmo,⁴⁴ quem deve pegar em armas⁴⁵ ou não,⁴⁶ qual notícia devemos acessar na televisão ou no rádio⁴⁷ e qual o nível de melanina necessário para facilitar a entrada nas universidades.⁴⁸ *Desagradável, injusto, monótono e tirânico?*

A resposta afirmativa atinge o auge laranja. Seu cume despertará desejos de libertar o cidadão e a sociedade da mentalidade de rebanho e

42 Seguro obrigatório para automóveis.

43 Norma 14.136 e portaria nº 19/2004 do INMETRO

44 Nomeação dos ministros do Supremo Tribunal Federal pelo Presidente da República.

45 <http://www.brasil.gov.br/defesa-e-seguranca/2012/04/alistamento-militar-e-obrigatorio-a-to-do-brasileiro-de-18-anos>

46 <http://www.midiaseemmascara.org/artigos/desarmamento/12035-desarmamento-entrevista-com-bene-barbosa.html>

47 Sistema de concessão estatal.

48 Sistema de cotas raciais.

sua genuflexão ideológica às seitas ditas espirituais e sua versão materialista, essa última conectada à *neodivindade* laica estatal, que a liberdade laranja recusa-se a aceitar. Portanto, soltem os fogos de artifício, estourem as champanhes *Montaudon Brut*, comprem seus iPhones e comemorem a prosperidade material alaranjada, onde o Natal é uma grande festividade capitalista e pagã para comprar presentes, beber e comer muitíssimo!

“*Quem é o aniversariante no Natal?*”, perguntou um senhor que também gostava dos presentinhos natalinos, mas questionava os excessos e as agitadas loucuras humanas em torno dessa data.

“*O quê? Não me venha com lições de moral! Trabalhei o ano inteiro e agora comprarei os presentes que eu quiser. Por que você não vai lamber sabão e cuidar da sua vida?*”

O ápice laranja contém, sem dúvida, aspectos saudáveis maravilhosos e apresentará estratégias notáveis para o aumento das alegrias materiais, mas a pergunta sobre o aniversariante e os valores cristãos natalinos parece-me não somente pertinente, como também necessária. Neste sentido, preciso insistir em alguns questionamentos: *as liberdades individuais poderão evoluir sem sua contraparte ética?* Ao olharem para baixo, os laranjas deveriam indagar-se: *como conter os subversivos, os criminosos, os delinquentes, os marginais sem os meios de contenção azulados?* Ao olharem para cima, nossos admiráveis empreendedores laranjas recebem outra indigesta indagação: *como está a sustentabilidade planetária para as próximas gerações?*

TRANSIÇÃO ESVERDEADA

“*Okay... sou laranja sim senhor, mas entendi que precisamos pensar na saúde do planeta, nas samambaias e no mico-leão-dourado. E agora, autor?*”

“*Excelente! Esse é o primeiro passo para a consciência verde!*”

“*Ainda não estou convencido! Como ficará o caso de avanços tecnológicos como o UBER? Conheço um símio sem rabo que deseja proibir o aplicativo por causa dos taxistas.*”

“Veja bem, a questão da preservação ambiental está corretamente em nível superior esverdeado e mereceu um justo recuo alaranjado. Todavia, na situação da evolução tecnológica representada pelo aplicativo UBER, os laranjas estão cobertos de razão. No capitalismo, isso é chamado de ‘destruição criativa’. Eu prefiro a expressão ‘progressão criativa’, para significar o momento em que devemos abrir espaço para o novo.”

“Como assim? Ainda está confuso.”

“Hum... Prefiro reiterar minhas perguntas didáticas e, finalmente, tudo ficará mais claro: deveríamos proibir a energia elétrica para proteger o fabricante de velas? Extinguiremos os carros e os computadores pelo bem dos fabricantes de charretes e máquinas de escrever? Claro que não, e aí está a razão laranja. Na outra ponta, temos que evoluir tecnologicamente com responsabilidade ecológica e ética humanística. Percebeu? Neste momento, permita-me inserir um agente complicador através da questão: a mecanização tecnológica causaria desemprego ou qualificaria os postos de trabalho?”

Algum dia, mais cedo ou mais tarde, a corrida ensandecida em busca do sucesso material encontrará um componente assustador: *a solidão*. Rir com os outros é muito mais gostoso do que rir dos outros. Brincar com outro humano torna-se mais prazeroso do que competir contra um videogame impessoal. A cooperação supera a competição e o compartilhamento de bons momentos ganha mais *status* que o Mercedes Benz na garagem. A divisão *voluntária* confunde-se com a multiplicação. O trecho da oração de São Francisco de Assis, “é dando que se recebe”, começa a ter algum significado. Finalmente, a partilha do saber enobrece-nos e potencializa o próprio conhecimento.

“Está bem, autor... Mas somente quadrúpedes relinchantes desprezariam o nível laranja e sua cientificidade!”

“Como sempre falo, não devemos jogar o bebê com a água do banho. Observar as patologias ou os efeitos colaterais laranjas é necessário, sim, mas obviamente devemos considerar e preservar seus gigantescos e maravilhosos benefícios.”

“Caramba, autor! Esses verdinhos comedores de avenca com rúcula querem o

quê? Deveríamos voltar a caçar piolhos uns dos outros?”

“Prezado leitor, vamos com calma. Seu linguajar está muito apimentado hoje, não é mesmo? De fato, o romantismo utópico trouxe consigo uma espécie de cegueira antiprogresso e saudosismo romântico regressivo. O mais engraçado é que, no âmbito político, eles se autodenominam paradoxalmente de ‘progressistas’, quando o correto seria ‘regressistas’. Todavia, o próximo nível trar-nos-á muitas coisas boas também, mormente a consciência dos problemas laranjas, sejam ecológicos ou humanitários. A questão é: os verdes conseguirão solucioná-los?”

“Opa! Do jeito que você falou parece que não haverá solução pela consciência da rúcula com agrião. Será que eles também comem feno?”

“Ah, laranjas... Sempre rápidos, espertos e com a picardia em dia. Permita-me defender alguns dos valores verdes e colocar a questão desta forma: a consciência do problema faz parte da solução, assim como o diagnóstico correto aponta para um tratamento eficaz. Portanto, julgo pertinentes e válido as preocupações esverdeadas, que incluem os problemas ecológicos e o desemprego pontual oriundo de alguns avanços tecnológicos. Todavia, infelizmente suas suspeitas estão corretas, pois os verdes escorregaram numa gigantesca casca de banana e armaram uma arapuca para si próprios. Quer saber? Chega de laranja. Vamos ao próximo nível.”

Apitou seu celular? Confira a mensagem:



#ética_com_salada_de_alfafa@somos_iguais_ao_rinoceronte.com



O COMPARTILHAMENTO VERDE



“A vida é para experimentar cada momento. Todos nós podemos compreender quem somos e o extraordinário que é perceber-se humano, se aceitarmos que toda a gente é igualmente importante. Todos devemos partilhar a alegria da proximidade e da realização. Cada espírito está ligado a todos os outros na nossa comunidade; todas as almas viajam juntas. Nós somos seres interdependentes à procura de amor e envolvimento. A comunidade cresce através da sinergia de forças da vida... Há uma ordem permanente no universo para aqueles que lhe estão receptivos. Atitudes más e crenças negativas dissolvem-se assim que olhamos para dentro de cada pessoa e revelamos a sua riqueza interior. Paz e amor para todos.”⁴⁹

Alegra-me a solidariedade humanista esverdeada, mas ainda me assusta sua inocência em torno de um igualitarismo moral e seu reducionismo na direção de um pluralismo eticamente planificado, consoante esclarecerei nos tópicos que se seguem:

Por que verde?

O “eu sensível”

A liderança melancia

Os limites do subjetivismo

O pluralismo é plural?

Relativismo versus relativismo

O “boomerite” narcísico

Cume reducionista e transição integrativa

⁴⁹ Don Edward BECK e Christopher COWAN. *Dinâmica da Espiral*. Editora Piaget: 1996. p. 319. (Adaptado livremente).

POR QUE VERDE?

“Quem salvará o verde das nossas florestas?”

“Boa pergunta. A ganância laranja ultrapassou todos os limites!”

“Pobre planeta Terra. Estamos todos ameaçados.”

Você acabou de ler um típico diálogo esverdeado, surgido após um exagero alaranjado na exploração do meio ambiente. A consciência verde está focada no compartilhamento de nossas riquezas naturais e na saúde de nossa fauna e flora. Enfim, os verdes são defensores teóricos das matas e da solidariedade entre os seres, mas parece faltar alguma coisa que eles não identificam. Assim sendo, é melhor marcarmos uma reunião para elegermos uma comissão que dialogará sobre o problema.

“Ah meu Deus! Lá vem a enrolação... Quem comandará essas reuniões e a perda de tempo respectiva? Não aguento mais tanta reunião sem objetividade.”

“Nós, os solidários amorosos, não temos comandantes ou comandados. Não ligamos para a objetividade, mas somente para a subjetividade. Os integrantes da nossa comissão sentarão em círculo e chegarão a um consenso harmonioso”, respondeu um senhor experiente, vestindo um jaleco 100% esverdeado.

“Acorda, tiozão! Assim não funcionará. Deixe que eu resolvo: levante o braço um empreendedor verde competente, disposto a colocar a mão na massa e assumir a responsabilidade pelos resultados”, interferiu um laranja disposto a ajudar, mas sem tempo para perder.

“Vamos lá, pessoal, não temos o dia todo...”, insistiu após um silêncio constrangedor.

O ecossistema planetário merece preservação e devemos desenvolver maior sensibilidade para sua sustentabilidade. A intenção é maravilhosa, mas a execução... bem, essa é outra história. Esse suco de clorofila contém saudáveis vitaminas, como o compartilhamento sincero, a gentileza,

a doçura e o respeito ao próximo em toda sua diversidade. Então, o que há de errado com os nossos amigos “marcianinhos” verdes?

“Suco de clorofila, que horror! Esse autor deveria ter utilizado uma analogia ligada à pureza dos silvícolas ou da generosidade da mãe natureza”, comentou uma leitora verde com outra.

“Cuidado, querida, devemos lembrar que todas as analogias são igualmente lindas e perfeitas”, respondeu a amiga, ao oferecer gentilmente seu sorvete de limão.

A preocupação com a sustentabilidade planetária e com o consumismo desenfreado despertou há 150 anos, quando as conquistas científicas não pareciam satisfazer todas as nossas necessidades humanas. *Afinal, como o iPhone e o Facebook salvarão as baleias?* A saída esverdeada para tais questões orbitará em torno do afastamento da ambição e da exaltação da afetuosi-dade e dos ideais de sociedades alternativas no estilo paz e amor planifica-do e cooperativo. O romantismo e seu saudosismo tocaram a sensibilidade verde, embora repletos de equívocos reducionistas que confundiram progresso científico com regresso ético.

“Como assim, progresso e regresso?”, entrecolharam-se os leitores verdes, espantados.

“Ao focar apenas nos efeitos colaterais do progresso científico, a solidariedade verde passou a observar somente os aspectos positivos do passado não tecno-lógico, a presumir erroneamente sua superioridade ética pelo fato de uma menor ameaça planetária”, respondeu um jovem asiático, com sua pele amarela.

“Ainda estou confuso, nenhum índio ameaçou o planeta com bombas atômicas. Isso é um fato, ora bolas!”, insistiu um dos verdes, em defesa do mito rousseauniano do “bom-selvagem”.

“Chimpanzés e rinocerontes também não, mas jamais por maior atributo ético, e sim por não terem acesso a um botão destruidor para apertar”, esclareceu jocosamente o asiático.

“Mesmo assim, como achar positivo o monóxido de carbono dos carros e toda a poluição do nosso planeta? Continuo com minha bandeira verde e pronto.”

“Meu Deus do céu! Dai-me paciência!”, exclamou um pastor azulado, que acompanhava a conversa e a leitura.

“Qual é a solução verde então? Demitir os trabalhadores automobilísticos e acabar com as chaminés?”, complementou outro leitor. O comentário magoou a comunidade verde e o diálogo encerrou sem conclusões.

O “EU SENSÍVEL”

A sensibilidade verde critica e identifica com clareza os aspectos ambientais mais sombrios, mas jamais apresenta uma solução integrativa. Seus adeptos horrorizam-se ao observarem a postura inadequada dos sexistas e imperialistas vermelhos, do maniqueísmo azulado e da excessiva ambição laranja, mas não percebem que os níveis anteriores também têm suas virtudes que merecem conservação para o bem da Espiral como um todo.

A consciência verde pensa que está no topo da cadeia ética e cosmovisionária. Definitivamente, os fraternos olhos verdes têm dificuldades em enxergar o que está em cima. Vamos às boas notícias para os verdes: não tem nada de vergonhoso em admitir níveis superiores ou verificar que uns merecem mais que outros. Ademais, esse cuidadoso *“meme”* sensibiliza-se nobremente com os desequilíbrios sociais e com as minorias. O problema esverdeado está na já comentada ilusão de que são as últimas e as mais gostosas bolachinhas do pacote cósmico. Esse patamar evolutivo não separa o “joio do trigo” e considera as demais visões como reducionistas, sem atentar para o seu próprio reducionismo.

“Alto lá! Agora já é demais. Como assim reducionismo? Quanta opressão e autoritarismo desse autor! Somos plurais, mas também iguais... Ops, quero dizer, tudo é relativo e, portanto, todos os indivíduos e culturas são planejados! Tudo será ético por um certo prisma”, falou um leitor esverdeado pluralmente ofendido.

“Quanta fraqueza ridícula... Como posso tirar proveito da fragilidade idiota desses verdinhos frouxos para tomar o poder?”, pensou secretamente um ardiloso imperialista vermelho.

“Opressão? Relatividade verde coisa nenhuma! Certo é certo, errado é errado! Plantarei um abacateiro no meu quintal e quero ver se essa tal ‘relatividade’ entregar-me-á morangos, tomates ou até mesmo unicórnios prateados... Afinal, se tudo é relativo, tudo poderá acontecer”, caçoaram gostosamente os leitores azulados.

“Haja paciência! Será que esses almofadinhas verdes nunca estudaram uma ciência exata? Isso não levará a lugar algum! Völtemos ao trabalho sério”, comentou um leitor graduando em engenharia, com sua suada camisa de mangas arreadas e gravata laranja ligeiramente afrouxada, pronto para enfrentar sua jornada extra de trabalho.

“Aconselharei todos vocês e esclarecerei essa confusão, didaticamente e por etapas”, disse serenamente a professora Solana, com seu giz amarelo nas mãos.”

“Aos avermelhados sugerimos moderação na linguagem e na intenção. Por hoje, é só para os vermelhos. Estão dispensados.”

“Aos azuis, devo lembrar que o equívoco filosófico do pensamento verde não o desqualifica totalmente, nem diminui a nobreza de sua intenção e suas virtudes comunitárias.”

“Aos laranjas, muito cuidado com o sarcasmo. A solidariedade verde merece minucioso estudo. Lembrem-se: nem só de ciências exatas vive o homem. Estão todos dispensados.”

“Espere um pouco! Quem diz que sua opinião deve prevalecer sobre os alunos? Professor não deveria ter tanta autoridade assim sobre os estudantes...”, insistiu um verde, modulando seu tom de voz para manter a tranquilidade do ambiente.

“Assim que terminarmos o estudo do ^vmeme verde, aventurar-nos-emos pela consciência amarela. Só posso prometer grandes desafios. E sobre o término da aula, sou eu mesma, professora Solana, que determino.” E assim encerrou a aula com sua professoral autoridade, em meio a contidos sussurros esverdeados.

Explorar a consciência verde
é conhecer de forma amável,
respeitosa e sensível o seu próprio
interior e considerar os demais
seres como parte integrante da
completude da vida. A unidade
comunitária esverdeada advoga a
partilha solidária de nossos recursos,
pois o vínculo humano seria mais
importante que tudo.

Explorar a consciência verde é conhecer de forma amável, respeitosa e sensível o seu próprio interior e considerar os demais seres como parte integrante da completude da vida. A unidade comunitária esverdeada advoga a partilha solidária de nossos recursos, pois o vínculo humano seria mais importante que tudo. Uma legítima personalidade verde e toda sua delicadeza ficaria chocada com afirmações do tipo: *se quiser distribuir algo, trabalhe e entregue o seu próprio patrimônio!* Tais reflexões assertivas muitas vezes magoam, mas são necessárias, pertinentes e, na maioria das vezes, corretas. O terno verde com pelo menos uma gravata laranja ou um lenço amarelo identifica algo de verdadeiro na frase, mas ainda não compreende bem como lidar com a rudez de uma realidade que prefere ignorar.

O verde legítimo critica as fortunas exploratórias, mas se esquece de legitimar a prosperidade oriunda de mérito e esforço próprios. Podem despencar facilmente para a vermelhidão invejosa e influenciar o autoritarismo azul para “compensar” o que consideram injusto, pois o dicionário verde está carente de termos como “mérito”, “capacidade” ou “talento individual”, além de todas as palavras que remetam à singularidade e seus diferenciais personalíssimos. Um legítimo verde não entenderá muito bem a diferença entre individualismo e egocentrismo ou entre democracia e ditadura da maioria, o que veremos somente com a ajuda da amarelada luz solar.

“Espera aí, autor! E a igualdade de oportunidades, como fica?”

“Caro leitor, eis um excelente questionamento e um justo incômodo tipicamente esverdeado, cuja solução demandará conceitos transcendentais. Afinal, sem admitirmos a transcendência, como igualar as oportunidades materiais entre um ente saudável nascido em berço de ouro e outro com acefalia ou outras tristes e mais dramáticas doenças?”

“Isso é verdade, autor. Todavia, poderíamos dar uma força e minimizar esses sofrimentos todos.”

“Perfeito, querido leitor. Também advogo enfaticamente a mitigação desses problemas na medida do possível, mas permita-me a insistência: se olharmos tudo sob o olhar materialista ou reducionista, não encontraremos justiça nem solução. Restará apenas frustração.”

Na hipótese dessas e outras frustrações, os verdes trabalharão o sentimento negativo e buscarão sua sublimação. Já os vermelhos quebrarão vidraças e queimarão pneus nas grandes avenidas entre gritos, palavras de ordem e histeria. A consciência verde também não trará as azuladas batalhas entre o bem e o mal, afinal, pensam eles: o bem haverá sempre de vencer pacificamente. Por fim, os verdes abominam o frenesi empreendedor laranja em busca de sucesso e prosperidade, que identificam como o cúmulo da inútil ganância.

Em suma, os verdes distanciam-se dos impulsos vermelhos, dos dogmas azulados e da ambição alaranjada. Todavia, esquecem-se que a estruturação social necessitará de todos os seus níveis para manter a dinâmica da Espiral em funcionamento, inclusive das caldeiras industriais laranjas mantidas pela estratégia empresarial, além dos cassinetes azuis para imposição da ordem e firme contenção da criminalidade vermelha. O *⁠meme* verde manteve o velho problema que nos perseguiu desde o nível bege: *o reducionismo obviamente excludente*. Vale dizer, uma interpretação de que a sua perspectiva cooperativa seja a única a conter verdades e virtudes.

A LIDERANÇA MELANCIA

A autoridade verde é confusa e angustiada, pois interpreta todas as jurisdições como coletivas e, não raro, tropeça e segue em queda-livre para tendências púrpuras, onde tudo é de todos e o conceito de propriedade privada sequer existe. O auge do sucesso de uma reunião tipicamente verde está numa interminável coleta de opiniões e sugestões, cujo sucesso não está na conclusão, mas sim no compartilhamento de sentimentos, diversidades e respeito a todas as proposições. Enfim, confunde disciplina com autoritarismo, e classificação qualitativa com preconceito.

Se for imprescindível uma decisão, os líderes verdes buscarão uma utópica unanimidade decisória para que ninguém sinta-se magoado ou contrariado. Qualquer afirmação firme ou convicta será recebida como opressora. A impetuosidade jovem apelidou jocosamente essa característica verde de “*mi-mi-mi*”. Seu maior desafio está em responder ao questionamento: *como liderar sem hierarquia?* Se você solucionou esse dilema com abstrações utópicas como: “pelo amor universal”, “pela fraternidade entre os homens” ou “pela tolerância recíproca”, você certamente esverdeou. Neste

sentido, julgo procedente a advertência de Graves: “o sistema verde tem de sucumbir de forma a libertar energia para o salto ao estado amarelo, o primeiro nível do ser. Aqui está a vantagem da liderança humana”.⁵⁰

“Como viver o puro igualitarismo, as verdades lineares e a planificação social? Como agradar a todos e dispensar a malvada hierarquia? Meditei sobre isso nas aulas de Yoga”, compartilhou um universitário verde no grupo.

“Outro dia sonhei que chegara ao pico de uma montanha. Na subida, passei por diversas civilizações, umas mais adiantadas que outras: aldeias primitivas, organizações religiosas e militares, sociedades altamente tecnológicas e fraternidades humanistas. Os raios amarelados do sol sorriam para mim e falavam palavras como ‘esforço’, ‘mérito’, ‘fluidez’... Senti-me deliciosamente bem”, continuou o colega verde com um sorrisinho amarelo.

“Com licença. Essa história de mérito próprio e esforço individual parece bobagem. Nada supera nosso compartilhamento, nosso pluralismo, nosso igualitarismo e nosso nivelamento multicultural. Seu sonho não será um pesadelo?”, respondeu o amigo, ao notar que tudo ao seu redor estava incrivelmente esverdeado, especialmente sua universidade.

No dia seguinte, surgiu um sério problema no abastecimento de água no *campus* estudantil e todos foram informados que haveria uma reunião para opinar democraticamente na direção de uma solução que agradasse igualmente a todos os professores, diretores e alunos. Os pais dos alunos, embora fossem os que pagassem a conta no final do mês, foram esquecidos por não serem considerados tão importantes assim. De qualquer forma, os diretores e professores reuniram-se para determinar a melhor data para o compartilhamento do problema com os alunos, na busca das melhores soluções.

“Caros professores, vamos marcar a data da nossa reunião com os alunos. Aten-tem todos que estamos diante de uma emergência, pois estamos sem água! Você-entenderam? Estamos sem água!”, iniciou o diretor na sala dos professores, portador de um semblante preocupado.

50 Don Edward BECK e Christopher COWAN. *Dinâmica da Espiral*. Editora Piaget: 1996. p. 336 (Adaptado livremente).

“O curso de Filosofia terá prova esta semana, teremos que aguardar a próxima”, informou o titular da cadeira, depois de ouvir pacientemente a fala de todos os demais colegas, inúmeros apartes e infinitos comentários paralelos.

“Não podemos prejudicar o curso de Sociologia, cujos alunos participarão das manifestações contra a opressão da elite branca patriarcal, na próxima semana”, falou outro professor.

“Não seria melhor, primeiramente, decidirmos as medidas transitórias para o enfrentamento dessa crise hídrica?”, questionou uma professora experiente, a pressentir a provável procrastinação de uma solução.

“Um momento, alguns professores entrarão em greve no próximo mês!”, interrompeu o companheiro sindicalizado e representante da categoria.

“Chega! Qual parte da palavra ‘ur-gen-te’ vocês não entenderam?”, gritou o diretor, ao perder a paciência.

Surgiu a liderança verde que, motivadamente, avermelhou. Ele precisa desta definição em caráter emergencial, mas é incapaz de fazê-lo sem a concordância e anuência igualitária de todos os envolvidos. E tudo isso somente para decidir a simples data da próxima reunião. Imaginem o restante. Sim, os verdes sofrem de um novo mal, ainda não catalogado na listagem de doenças médicas: *a decidofobia*.

O detalhe ainda mais curioso em nossa história fictícia foi que o sinal do término do expediente soara com vigor, seguido da típica movimentação de saída dos alunos. Assim, nosso diretor adiou a decisão para o dia seguinte, quando continuariam a pauta para definir a data da futura reunião com os alunos, a fim de expor e coletar todas as demais opiniões sobre o que fazer diante da urgência da situação. Todavia, logo após reforçar que a presença de todos seria necessária, uma jovem professora subitamente levantou as duas mãos e disse:

■ *“Minha nossa! Amanhã não vai dar! Minha avó fará uma cirurgia.”*

OS LIMITES DO SUBJETIVISMO

As instituições assistenciais e educacionais verdes são carregadas de subjetivismo e incapazes de focar numa tarefa determinada, eis que precisarão ouvir a todos e atender a todas as demandas de forma igualitária e solidária. A questão fica complicada até mesmo para decidir qual será a prioridade, pois priorizar algo significa colocar as demais necessidades num plano in... inf... infe... Peço licença e desculpas aos meus amigos verdes, mas terei que escrever esta palavra neste capítulo: *inferior*.

Para o pragmatismo da face laranja e sua alta capacidade focada na eficiência e nos resultados, a participação em dinâmicas verdes representa uma tortura social inigualável. A estrutura defensiva verde encontra seu pesadelo existencial quando precisa tomar posição de algum lado. Sua noção igualitária entre todos os seres não permite comandos determinantes ou escolhas assertivas. Toda posição deverá emergir do consenso planejado e distribuído entre todos igualmente.

“Ei, pateta, um mais um é subjetivo?”, provocou a estonteante ruiva com mechas loiras, pernas fantasticamente torneadas e toda sua irresistível ousadia.

“Bem, você me pegou nessa. Porém, a beleza e a arte são objetivas?”, rebateu o rapaz arregalando seus olhos verdes ligeiramente estrábicos, a pensar rapidamente como convidaria a sedutora jovem para um cineminha ou qualquer outra coisa.

“Não sei se a beleza é tão subjetiva assim. Assim como você, todos os idiotas da classe babam ao olhar para minhas pernas e nenhum de vocês admira as celulites da minha avó. Isso parece bem objetivo para mim”, respondeu a jovem, iluminada por seus exuberantes atributos curvilíneos.

“Ah... Hum... Acho que fiquei sem resposta. Você não gosta de arte moderna?”, arriscou uma frase de efeito para impressioná-la.

“Depende. Visitei alguns museus de uma suposta arte chamada dadaísmo e sua proposta desconstrutiva da beleza e do artista onde, se eu esmagar uma barata e disser que é arte, eles a exibirão para outros babacas que tentarão entender o que

eu quis dizer com isso. Podemos transmitir o belo e o horror, com arte ou sem arte. Mas se tudo for arte, nada será arte. Entendeu, bobinho?”, respondeu a jovem com sua irresistível autoconfiança.

“Estou apaixonado... Não! Quero dizer: estou impressionado”, disse o rapaz ao limpar o pigarro da garganta.

Pois bem, o assunto requer fôlego. Particularmente aprecio o território da subjetividade verde, de onde podemos declarar nossas cores prediletas, nossas vocações profissionais, nossos pratos preferidos, nossas inclinações e nossos gostos absolutamente personalíssimos. Todavia, quando os nossos irmãos esverdeados estenderam o subjetivo para além de seus próprios limites, abraçaram o equívoco. Retornaremos ao tema ainda neste capítulo e tudo ficará mais claro e fluido, mormente quando ampliarmos nossa compreensão para aspectos amarelados. No momento, basta lembrarmos que a subjetividade parece não reinar com o absolutismo pluralista imaginado pela consciência verde. E por falar em pluralismo, vale a pena uma olhada no título do próximo bloco.

O PLURALISMO É PLURAL?

Esse título corresponde, evidentemente, a uma provocação para entendermos o relativismo pluralista verde. A visão plural, relativista e multiculturalista tornou-se o novo mantra universitário, protegido por seus intocáveis guardiões devidamente ungidos por óleos acadêmicos extraídos das mais puras azeitonas. Muitos professores da atualidade abraçaram o pluralismo, o relativismo, o subjetivismo e o multiculturalismo igualitário como um novo, único e supostamente verdadeiro dogma laico da humanidade. Ensinam tais teorias como se fossem verdadeiras revelações cósmicas. *Afinal, já que tudo é subjetivo mesmo, porque não?* Na qualidade de autor e pesquisador dessas múltiplas perspectivas, reitero a pergunta do título deste tópico: *o pluralismo é plural?*

“Ah, lá vem aquela lambisgoia ruiva com suas mechas amareladas. Sou naturalista, vegetariana e feminista. Também faço aulas de meditação transcendental, mas um dia ainda perderei a paciência com ela”, cochichou uma aluna ao seu companheiro de turma.

“Fale baixo, ela poderá ouvir. Falei com ela agora pouco...”, disse o rapaz, que se levantou animadamente e foi em direção à jovem com seu discurso já preparado para a estratégica abordagem.

“Lembra de mim? Falamos sobre arte moderna e dadaísmo... Gostaria de perguntar a você algo sobre sexualismo... Ah... Hum... Pluralismo! Não, multiculturalismo... Quero dizer, relativismo...”, antecipou-se o rapaz com sua fala atrapalhada, enquanto seus olhos verdes desciam disfarçadamente na direção daquelas pernas cruelmente provocativas.

“Ei ruiva, o que você acha do machismo?”, perguntou a feminista.

“Tão imbecil como o feminismo. Duas faces opostas da mesma moeda da cretinice. E você, playboy, o que você pensa sobre esses ‘ismos’ todos?”

“Pois bem... Esses ‘ismos’ advêm da crença de que a razão humana é inerente e inteiramente relacionada à cultura, ou seja, 100% enraizada nas variáveis da natureza e da história humana. E por aí vai... Enfim, todas as opiniões são relativas, justificadas em razão da cultura de seu emissor e portanto subjetivas, além de igualmente aceitas. Entendeu? Não é bacana?”, concluiu o jovem, com seus arregalados olhos verdes, esperançoso de conseguir um encontro mais íntimo. A amiga feminista saíra desconcertada com a resposta e percebeu que havia sobrado.

“Ufa, que bom que vocês aceitam a pluralidade opinativa... Pois bem, a minha opinião é que isso tudo é uma ridícula baboseira e que existem verdades mais imutáveis e objetivas que sua cabeça dura”, respondeu e sorriu sarcasticamente a linda jovem.

“Espere um minuto! Isso é um absurdo!”, interferiu o jovem ao franzir a testa e perder momentaneamente o interesse pelo torneamento das pernas da ruiva e a aguardar uma explicação.

“Ué, bonitão? Parece que seu pluralismo não é tão plural assim. Seu suposto integralismo não me integrou! Por que deixou minha opinião de fora? Valem todas as opiniões, menos a que discorda de você? E mais, se a verdade é subjetiva, minha subjetividade opinativa de que tudo isso é cretinice acaba de torná-lo

um cretino-subjetivo”, cutucou ainda mais a desejada jovem, que temeu talvez ter ido longe demais com sua provocação.

“Hum... eu não tenho resposta para isso, mas não sei se concordo. Eu queria mesmo levá-la ao cinema, mas eu nem sei o seu nome...”, falou o jovem ao manobrar estrategicamente seus cintilantes olhos e baixar levemente a cabeça, a fim de parecer totalmente desprotegido e vulnerável. Ele era bom nisso.

RELATIVISMO VERSUS RELATIVISMO

O propositor da dinâmica da Espiral, Clare Graves, citado por Wilber, assim abordou o problema relativista: “esse sistema vê o mundo relativisticamente. O pensamento mostra uma ênfase quase radical, quase compulsiva, em ver tudo por um sistema de referência relativista, subjetivista”.⁵¹ A questão relativista parece não suportar o peso de sua própria crítica, pois se tudo é relativo, o próprio relativismo também seria relativo e condicionado ao subjetivismo opinativo? Eis o mortal efeito bumerangue de sua própria teoria, como se estivéssemos diante da interminável luta do século: *relativismo versus relativismo*.

“Meu nome é Linda.”

“Como? Sim, eu concordo, você é mesmo linda.”

“Não se faça de bobo, bonitão. Você perguntou meu nome. É Linda e curtiremos um cinema um dia destes, mas responda primeiro: se tudo é relativo, a própria relatividade não seria relativa? Deixe-me refazer a pergunta: se aplicássemos o relativismo nele próprio, ele continuaria relativo?”

“Bem... Parece mesmo algo sem muita lógica... Não interessa, meu nome é Tony. Quando poderemos ir ao cinema?”, novamente, Tony aplicou a estratégia do olhar melancólico.

“Olha aqui, bonitinho da mamãe! Não me venha com esses olhinhos fofos, mas sim com lógica aristotélica: ou isso tudo faz sentido ou não faz. Vejamos o

⁵¹ Ken WILBER. Boomerite. Madras: 2005. p.41.

que você tem: uma pluralidade opinativa que não aceita minha opinião; um subjetivismo que não suporta minha subjetividade e, para terminar, um relativismo que relativiza tudo, menos seu absolutismo relativista. Está na hora de crescer e virar homenzinho. Entenda e encontre a saída deste labirinto de espelhos para vaidosos babaquinhos.”

“Vaidosos? Como assim?”, incomodou-se o rapaz que, de fato, adorava seus bonitos olhos verdes.

O “BOOMERITE” NARCÍSICO

Os ideais da empatia, da cooperação, da busca pelo consenso e do compartilhamento são virtuosas aspirações verdes. Todavia, muitos que concordaram com essa frase pensam equivocadamente que são notáveis humanistas, mas infelizmente não é bem assim. Se você agita bandeiras revolucionárias contra a hegemonia econômica estereotipada pela masculinidade branca e heterossexual supostamente opressora, sinto informar que você faz parte de uma massa de manobra provavelmente guiada por um líder vermelho, não raro, mal intencionado. Se você acha tudo isso uma grande perda de tempo e pode facilmente resolver esse problema com um rígido regramento, você azulou. Finalmente, se você sabe que a natureza é importante, mas afirma com certo desdém que tem mais o que fazer e não tem tempo para salvar baleias ou preocupar-se com samambaias, pois bem, você provavelmente alaranjou.

Todavia, você é inteligente demais para cair no canto da sereia dos impulsos vermelhos, dos regramentos excessivamente azulados e do materialismo laranja. Aliás, você tem muito orgulho de sua visão de mundo debatida em cursos como *“A Desconstrução Pós-modernista das Assimetrias Sociais”*, onde o monopólio da virtude e seus dogmas laicos são difundidos e escondidos sob um misto de pomposos diplomas universitários e personalidades consideradas humanistas. Bem, neste caso, você não apenas esverdeou, mas também contraiu o vírus narcísico que Wilber chamou de “boomerite”. Em outras palavras, você comprou o pacote todo, não apenas as maravilhosas virtudes verdes, mas também as inúmeras doenças de seu nível e dos demais, do púrpura ao laranja, em especial do vermelho. Afinal de contas, os verdes não podem ter preconceitos seletivos, nem mesmo na recepção das patologias. Eis um chiste tipicamente laranja.

“Vaidade sim, além de orgulho, presunção, arrogância e babaquice. Quer mais?”, complementou Linda, ao acentuar suas prodigiosas curvas femininas no momento que estufou seus pulmões. Porém, sua metralhadora giratória argumentativa estava longe de descansar.

“Vocês, verdinhos pós-modernistas, pensam que qualquer objetividade, gênero, capacidade, mérito, individualidade são construções sociais para oprimir pessoas. Com isso, vocês defendem seu criticismo infantil de qualquer crítica adulta. É puro mecanismo de defesa de um idiotismo narcísico. Vê se cresce, criança mimada!”

“Linda, se você continuar assim, nosso cineminha será com o filme ‘O Massacre da Serra Elétrica’... Explique-me melhor o que é esse tal ‘boomerite’ e suas principais implicações. Talvez eu consiga contra-argumentar antes de fazer haraquiri... Quem sabe? Posso até concordar contigo... Mas deixo claro: desde que você vá ao cinema comigo.”

Ao dizer tais palavras, o jovem notou um deslocamento de nuvens, a permitir que sublimes e amarelados raios de sol tocassem gostosamente sua pele e iluminassem o verde das montanhas e da própria universidade, as fábricas ao seu redor com suas caldeiras laranjas, os policiais com seus impecáveis uniformes azuis, os rostos avermelhados dos competidores esportivos, um grupo de crianças entretidas por um fantástico mágico com sua capa púrpura, e até mesmo um surrado cobertor bege de um mendigo do outro lado da calçada, cujo sofrimento fora momentânea e caridosamente aplacado pelo calor solar. Pela primeira vez, Tony estava disposto a pagar o preço do grande salto amarelado.

“Alguns acreditam que os ‘boomers’ são os ‘filhos da bomba’, nascidos após a segunda grande guerra, mas na verdade a expressão advém do súbito aumento de natalidade conhecido como ‘baby boom’, ou seja, ‘explosão de bebês’. Vale dizer, foi a primeira geração a crescer sob a ideia de uma aldeia global e ‘boomerite’ é um termo bem-humorado que mostra a inflamação desses egos”, continuou Linda.

“Entendi, são os ‘tiozões-cinqüentões’, até mesmo os sessentões, com aquele papinho de que sabem tudo.”

“Bingo! Pregam a consciência de nossas ligações e interdependência. Eles realmente sabem muito e são legais. Constatam a riqueza multicultural do nosso mundo e o nosso compromisso com a evolução coletiva para evitarmos nossa própria destruição.”

“Linda, finalmente concordamos em algo! Que maravilha de pensamento! Isso é exatamente o que nós, os verdes, pregamos. Qual a diferença das nossas visões de mundo, então?”

“Hum... miau-miau... boa pergunta. Talvez você não seja tão bobalhão assim...”, Linda abriu um charmoso e maroto sorriso ao dizer isso e continuou.

“Preste atenção, bonitão: integrar ou abraçar a todos significa uma visão de mundo realmente universalista e inclusiva, como o próprio nome sugere. Todavia, respeitar e ajudar os cidadãos e as múltiplas culturas não significa que estejam todos e todas no mesmo patamar evolutivo. Existem diferenças não apenas quantitativas, mas também evolutivas e eticamente qualitativas entre os indivíduos e culturas. Pegou? Não dá para colocar neste suposto ‘igualitarismo multiculturalista’ a Madre Teresa e o pessoal da Ku Klux Klan. Pior ainda, não estão em mesma ética social os valores culturais do amor e da caridade cristã com a brutalidade do nacional socialismo e seus nazistas ‘bem ajustados’ culturalmente. Percebe? Existem culturas boas e outras cruéis ou grotescamente atrasadas. Aliás, o mesmo podemos dizer dos indivíduos. Simples assim.”

“Linda, só tenho uma coisa a dizer: estou apaixonado.”

CUME REDUCIONISTA E TRANSIÇÃO INTEGRATIVA

Os integrantes deste cordato *Vmeme* são inteligentes, solidários e portadores de inúmeras qualidades admiráveis, mas extremamente ingênuos, narcísicos e refratários a admitir suas próprias limitações, algumas delas a tangenciar o ridículo intelectual. Como comentou Roger Scruton, com um toque de humor inglês, os ambientalistas verdes aconselham: *“mude tudo, mas não toque em nada”*.⁵² Os defensores do meio ambiente devem migrar urgentemente para a consciência amarela, onde a preservação futura abraçará a lógica, a racionalidade e a eficiência.

52 Roger SCRUTON. A Filosofia Verde. E Realizações; 2016. p. 122.

Os verdes acertam na visão
de preservar o futuro das
próximas gerações e defendem
a responsabilidade ambiental,
mas votam em governantes que
possuem voracidade tributária e
gastam mais do que arrecadam, fato
este que, inevitavelmente, hipoteca
e compromete economicamente as
próximas gerações.

Os verdes acertam na visão de preservar o futuro das próximas gerações e defendem a responsabilidade ambiental, mas votam em governantes que possuem voracidade tributária e gastam mais do que arrecadam, fato este que, inevitavelmente, hipoteca e compromete economicamente as próximas gerações. O reducionismo verde não percebe que o desperdício desses recursos está ligado à sustentabilidade ambiental. Esta miopia impede a percepção de que os recursos são escassos e priorizar algo significa abrir mão de outra coisa. Da teoria da sustentabilidade para a ação pródiga e negligente; do discurso do comedimento para o voto em partidos “esverdeadamente” irresponsáveis com os gastos públicos. Eis a paralaxe cognitiva entre verbo e ação, ou seja, a discrepância entre a teoria e a prática. Não é sem razão que o filósofo contemporâneo Luiz Felipe Pondé apelidou jocosamente alguns desses coloridos personagens de “inteligentinhos”.

Nossos sensíveis verdes desconectam-se da realidade dos demais níveis, das leis econômicas laranjas, da diferenciação azulada entre o certo e o errado e assim por diante. Desenvolveram argumentos e teorias para protegerem-se intelectualmente de qualquer crítica que abale sua ilusória onisciência intencional, devidamente adornada por seus respectivos e prestigiados títulos de nobreza acadêmica. O subjetivismo absolutista é exemplo típico, pois, na hipótese de sua interpretação ou visão de mundo estar ameaçada por outros argumentos, a consciência verde poderá sacar a subjetividade e orgulhosamente sair pela tangente conveniente, a encerrar a conversa com seu trunfo: *pois é... mas eu vejo de outra forma!*

Nossos bem intencionados verdes esquecem-se que não basta “ver de outra forma”. O importante é enxergar a *realidade* e, principalmente, que sua “forma” de ver poderá estar redondamente equivocada e matar o planeta, apesar da intenção de salvá-lo. Todavia, a resistência verde é robusta e, superado o subjetivismo exagerado, eles também sacarão o escudo relativista como outro de seus poderosos escapismos retóricos: *tudo é relativo!* Finalmente, poderão apontar sua arma secreta mais letal para o abusado inimigo que ousou criticar sua teoria e disparar um golpe que seu tolo orgulho verde considera fatal: *entendo sua insistência... mas você caiu no maniqueísmo!* Eis o cume do vale-tudo interpretativo, onde a expressão *certo ou errado* seria o suposto preconceito maniqueísta citado.

Notas e avaliações? Para quê? Você poderá concluir que a tragédia teatral “Rei Lear”, de William Shakespeare (1564-1616), nada mais é do que uma bobinha história infantil com três porquinhos e uma fada madrinha, sem que ninguém possa contestar sua absurda conclusão interpretativa, já que a festejada subjetividade relativística lhe outorgou o direito ao igualitarismo do acerto. Chegaremos facilmente ao ilógico e até mesmo ao bizarro, mas a vaidade verde causa esse tipo peculiar de estrabismo viral e altamente contagioso.

Relembremo-nos do mito romântico do bom-selvagem rousseuniano,⁵³ explorado por líderes melancias, que saltitam como partículas quânticas entre os mitos púrpuras e a utopia verde. Os mais ingênuos chegam à barbárie antievolutiva de advogar um retorno aos *Vmemes* bege e púrpura, portadores de um sentimento saudosista de um passado silvícola supostamente mais nobre e feliz, pois eliminariam os problemas civilizatórios. Uma suma opinativa em duas palavras: pura bobagem.

Alguém pensou no movimento da Nova Era? Paz e amor hippie? Acertou em cheio. A pureza esverdeada esquece-se que jogaria o bebê (avanços civilizatórios) com a água suja do banho (desvios civilizatórios). O efeito colateral das suas teorias antiprogresso e antitecnologia – autointituladas marotamente de “progressistas” – possuirá um poder mortífero assemelhado ou até pior do que a alaranjada bomba atômica, pois nossos primos verdes não se apercebem de que foram justamente os citados avanços civilizatórios que capacitaram o planeta para manter vivos, alimentar e agasalhar, ainda que precariamente, os já citados 7 bilhões de seres humanos (ano base: 2017).

A versão verde para um trágico retrocesso e destruição da hierarquia azul e da prosperidade laranja baseia-se nos argumentos em torno da sustentabilidade ecológica, mas reiteramos a advertência de Beck e Cowan para o fenômeno descendente da Espiral de “*Vmeme* regressivo” que produz “partículas radioativas de *Vmeme* mais complexas a funcionar em sociedade à medida que extraem energia e recursos para as suas esferas, deixan-

53 Jean-Jacques Rousseau (1712 – 1778).

do outras sem nada”.⁵⁴ Parece-nos que a sustentabilidade planetária não poderá prescindir da ordem azul e da tecnologia laranja. O radicalismo verde poderia causar o maior genocídio da história da humanidade, pois sem ordem e tecnologia não haverá condições de mantermos vivos os referidos bilhões de seres humanos paridos na superfície desta nave espacial chamada Terra.

“Ei, autor, só falta esses ingênuos comedores de carne de soja orgânica dizerem que os belos oprimem os feios com sua beleza”, comentou um leitor revoltado com a ingenuidade verde.

“Bem, meu caro leitor, de certa forma isso já ocorreu. No século XX, alguns supostos artistas do citado dadaísmo tentaram desconstruir a beleza, baseados na relatividade e na total subjetividade do belo.”

“Quanta cretinice, quer dizer que se eu pegar a barata esmagada de que falou aquela ruiva estupenda e disser que é arte contestatória, algum ‘símio sem rabo’ exporá minha ‘obra artística’ numa galeria de arte contemporânea? Depois disso, outros aspirantes a quadrúpedes olharão embevecidos para o meu ‘cadáver de inseto’, colocarão o dedo indicador no queixo e balbuciarão seu típico relincho: oh! Que arte revolucionária!”

“Pois é, meu caro leitor. Eu não diria com essas palavras tão ácidas e ofensivas. Isso machuca a sensibilidade verde. O grande filósofo inglês contemporâneo, Roger Scruton, explicou porque a beleza é importante, sem perder sua elegância e delicadeza características. Vale a pena assistir seu vídeo “Por que a beleza importa?”⁵⁵ e prestar atenção até mesmo na finalidade espiritual da verdadeira arte, que muitas vezes transcende os limites da própria linguagem e cuja manifestação supera nossa própria capacidade de expressão lógica. Dito isso e criticando sua linguagem rude, penso que seu raciocínio procede.”

Julgo importante a questão da estética e lamento que seu espaço esteja bastante desprestigiado – e até mesmo atacado – na sociedade moderna. Obviamente, existe um território legítimo para a maravilhosa arte

54 Don Edward BECK e Christopher COWAN, *Dinâmica da Espiral*, p. 247.

55 <https://www.youtube.com/watch?v=W5tuGjzXJ9k>

contestatória, mas essa não pode ser confundida com “qualquer-coisa” contestatória. Como já disse minha personagem Linda: *se tudo for arte, nada será arte*. É evidente a legitimidade da subjetividade artística e de sua relatividade interpretativa, mas existem limites até mesmo para o subjetivo, o interpretativo e o relativo. *Se eu interpretar subjetivamente que você é um orangotango alado com chifres rosa-choque, você ainda será um leitor humano, não é mesmo?* Diante de tantos desafios, clamo atenção para a advertência do grande escritor e jornalista londrino Gilbert K. Chesterton (1874-1936): “chegará o dia em que teremos que provar ao mundo que a grama é verde”.⁵⁶

A desconexão da realidade destas teorias românticas e utópicas, os toscos reducionismos filosóficos dos formadores de opinião, a exacerbação materialista e o relativismo narcísico, tanto cultural como moral, poderão causar a trágica morte dos grandes avanços civilizatórios de parte da humanidade e queda livre na Espiral evolutiva. Devemos ter cuidado nos locais onde o bandido seja visto apenas como uma pobrezinha vítima social e as famílias tradicionais como as grandes vilãs, com seus hábitos cristãos supostamente opressores da diversidade atitudinal. Sim, caros leitores, talvez seus professores de história e de sociologia sejam outros exemplos das equivocadas lideranças melancias ou apenas vítimas inconscientes dessas. Espécies zumbis de inocentes úteis a transitarem pela “zumbilândia”.

Avançamos perigosamente para a anticultura da fraqueza e do “coitadismo”, na qual os negligentes têm mais regalias que os esforçados. A jocosidade popular apelidou os integrantes dessa contracultura de “nem-nem” (nem trabalham, nem estudam). São os indivíduos tristemente entregues à indolência intelectual e à revolta social, afinal de contas: “a culpa é da sociedade”. Alguns educadores chegaram a cogitar a institucionalização do conceito de “preconceito linguístico”, a fim de mitigar, flexibilizar e, atenção para o próximo verbo, *relativizar* a importância das correções gramaticais nas escolas.^{57,58} Parece-me um precipício intelectual e sepul-

56 <https://pensador.uol.com.br/frase/MTc2NTM1MQ/>

57 <http://ultimosegundo.ig.com.br/educacao/nao-somos-irresponsaveis-diz-autora-de-livro-com-nos-pegar/n1596948804100.html>

58 <http://ultimosegundo.ig.com.br/educacao/mec-defende-uso-de-livro-didatico-com-lingua-gem-popular/n1596949085987.html>

tamento cultural. Finalizo o parágrafo com uma questão: *onde estará a cultura da racionalidade, da lógica, da erudição, do conhecimento e da linguagem corretamente falada e escrita?*

“Linda, socorro! Este autor abusado passou de todos os limites! Assim não é possível... Agora ele quer oprimir os analfabetos!”

“Tony, Tony... Abra sua cabeça! Existem costumes sociais moralmente superiores e inferiores, mais e menos avançados, formas corretas e incorretas de escrita, certo e errado, bonito e feio, justo e injusto etc. Classificar, diferenciar ou qualificar não é o mesmo que discriminar preconceituosamente. Quando você aceitará a realidade? Toc-toc, tem vida inteligente por aí? Escrever erroneamente não é ‘fofinho-cuchi-cuchi’. Estes caras do Ministério da Educação somente buscam justificativas para dissimular a própria incompetência.”

“Tony, seu bobinho... Quando sua cabecinha de ostra entenderá que comer o fígado do adversário para possuir sua alma não é culturalmente inocente como pular amarelinha? Apedrejar mulheres não é eticamente idêntico a comprar lembrancinhas natalinas. Como fica sua igualdade multicultural nesses contextos? E mais, existem indivíduos melhores que outros, ainda que dentro de uma mesma cultura, mesmo pai, mesma mãe e tudo mais, na qual um poderá ser um nó-cego teimosão como você, outro um parasita indolente e outro até mesmo um criminoso, enquanto um quarto filho será um exemplo de virtude...”

“Que droga, Linda! Tens razão novamente. Eu já entendi isso, mas às vezes esqueço e confundo alhos com bugalhos, principalmente nesta questão da espiritualidade, dos méritos personalíssimos, enfim, essas coisas... Mas ainda tenho uma dúvida: o que faremos com a delinquência?”

Os estudados ^Vmemes mais primitivos desejam simplesmente eliminar os marginais, pois os veem como peças defeituosas e acreditam que sua erradicação cirúrgica será um benefício para o todo. Em resumo: *dane-se o bandido!* A sensibilidade verde, por sua vez, pressente corretamente a necessidade de uma readaptação educativa da marginalidade, mas sua miopia impede-a de encontrar um caminho eficiente. Como de costume, acerta na intenção e falha estrondosamente na execução. Adquiriram solidariedade e compaixão, mas não atuam na realidade.

Em suma, os verdes são legais e do tipo “boa gente”, mas tropeçam e deliciam-se nas fantasias púrpuras, refletem-se no narcísico lago vermelho e criam mecanismos de defesa azulados do tipo “nós *versus* eles”. São gloriosos no coração e crianças imaturas na ação. Criticam corretamente a emissão de monóxido de carbono, mas advogam equivocadamente a romântica volta ao passado. Apesar deste saudosismo regressista, não dispensam seus celulares e desejam os automóveis zero quilômetro com *bluetooth* e outras modernidades. Enfim, não entendem o que devem fazer, porém supõem equivocadamente serem os mais capacitados para a função decisória. Infelizmente, condenam precipitadamente a prosperidade laranja e a hierarquia azul e agora precisam desprender-se de suas teorias ingênuas para um hercúleo salto de consciência.

Enfim, algumas dessas construções intelectuais verdes são defendidas por gente bem intencionada, outras vezes maquiavelicamente manipuladas por despóticas lideranças melancias extremamente patológicas. O principal problema é que seu vetor aponta para baixo, no sentido equivocado, e sustenta um retorno desnecessário, trágico e descendente na Espiral, em direção aos então superados problemas do grande caçador vermelho, às necessidades tribais púrpuras e até mesmo ao inferno bege para a sobrevivência.

Os verdes possuem positiva vocação integralista, mas continuam atomistas. Rotulam-se politicamente de progressistas, mas são regressistas. Supõem-se espiritualistas, humanistas ou grandes integralistas, mas infelizmente aumentam a equipe dos reducionistas. Quando postas em prática, suas teorias moralmente niveladoras assemelham-se aos firmes movimentos de um touro mecânico numa loja de cristais. *Entendeu?* Se afirmativa a resposta, caro leitor, você está prontíssimo para um salto solar, épico, colossal e, talvez, a maior aventura existencial de sua vida: *a consciência amarela*.

Confira seu *WhatsApp*. Tem mensagem para você:



#adeus-reducionismo@chega_de_relinchar_e_comer_feno.com/
aCoisaFicou.Séria



“A viabilidade deve ser desenvolvida para socorrer um mundo em desordem, posto em perigo pelos efeitos cumulativos dos primeiros seis sistemas no ambiente e nas populações da Terra. O propósito de viver é ser independente de forma razoável, acumular tanto conhecimento quanto possível e ter preocupação com os outros, tanto quanto seja realista. E, contudo, sou minha própria individualidade e responsável por mim, uma ilha num arquipélago de outras ilhas. Continuar nos desenvolvendo ao longo do caminho natural é mais valorizado do que lutar para ter ou fazer. Estou preocupado com as condições do mundo por causa do impacto que elas têm em mim como parte deste sistema vivo”.⁵⁹

Perscrutaremos, a partir de agora, todo o caleidoscópio de sistemas fluentes e interrelacionados.

Por que amarelo?

O funcional flexível

A liderança sistêmica

Do pluralismo ao integralismo

Do subjetivismo à realidade

Do igualitarismo à transcendência

Da transcendência à inclusão

A coloração dos ataques

O que me falta?

POR QUE AMARELO?

A inspiração da cor amarela emerge da distribuição dos raios solares para todos os indivíduos. O astro rei do nosso sistema solar auxilia na sobrevivência bege, com sua importância vital para a produção de alimentos; é

59 Don Edward BECK e Christopher COWAN. *Spiral Dynamics*. Blackwell; 1996. p. 285 (tradução do autor).

adorado pelos feiticeiros púrpuras; bronzeia a vaidade vermelha; regula o calendário e colore nosso divino céu azul; potencializa o lucro laranja e, finalmente, integra a natureza e distribui seus raios generosos pelas verdes florestas.

Eis o patamar evolutivo que abandona as visões reducionistas. Através do que Graves chamou de “salto monumental”,⁶⁰ o indivíduo poderá atingir a integração amarelada, considerada a passagem das cores compreendidas no espectro bege-verde, até o momento restritas aos seus conjuntos de valores segmentados, para o primeiro nível realmente capacitado a compreender nossas demandas existenciais muito além do pluralismo igualitarista (que aqui transcende para a correta diferenciação) e do sectarismo paradigmático (que transcende para a nobre integração).

“Linda, qual é mesmo o principal problema da utopia em torno do igualitarismo meritório ou da planificação ética dos indivíduos ou sociedades?”, re-perguntou Tony ao pegar uma das mãos da encantadora jovem, no cinema.

“Incompletude e desconexão da realidade. Posso admitir que partimos de uma essência comum em termos transcendentais, mas neste nosso mundo Terra existem graus de excelência distintos, fruto de nossas escolhas e desenvolvimento ético. Isso significa que podemos, sim, auxiliar a todos, mas sem negligenciar ou ignorar a funcionalidade hierárquica baseada na capacidade e no merecimento”, respondeu Linda entre uma pipoca e outra.

“Desta vez entendi, definitivamente. Poderá existir uma hierarquia técnica, como na relação entre o cirurgião e o instrumentista, na sala de cirurgia. Neste caso, não haverá opressão nas ordens médicas, mas apenas a obediência a um fluxo natural de trabalho”, respondeu empolgadamente, repleto de sardas amareladas recém-surgidas em sua face, momento em que entrelaçou seus dedos com os de Linda. A velha tática de Tony de acariciar as mãos da pretendida, durante uma fala, sempre funcionava.

“É isso mesmo, Tony. Como já disse, devemos valorizar a hierarquia meritória

60 Ibidem, p. 335.

baseada na perseverança, no diferencial ético, nas escolhas pessoais, na competência, na capacidade e no conhecimento, em níveis crescentes de complexidade.”

“Hum... Dentro desse raciocínio, alguém poderia optar por viver a vida com menos trabalho e mais lazer ou vice-versa. Todavia, nenhum poderia culpar o outro por suas escolhas, seja pelo estresse do workaholic⁶¹ ou pela menor fortuna do bon-vivant.⁶² Não há opressão, mas sim liberdade. Parece justo, integrativo e ainda respeita o livre-arbítrio de cada um! Fascinante!”, concluiu Tony.

“Aliás, a origem norte-americana e francesa das expressões workaholic e bon vivant, respectivamente, outorga-nos uma boa dica das perspectivas de mundo desses países.” O chiste de Linda rendeu boas gargalhadas.

“Silêncio! O filme está para começar”, falou um cidadão do fundo do cinema. Dizem que ele vestia um impecável uniforme azul-marinho.

“Diferenças e pluralismos integram-se em fluxos naturais, hierárquicos e interdependentes. Parece um pouco com o conceito oriental de carma; mais conhecido no ocidente como lei de causa e efeito”, complementou Linda, em voz baixa.

“Ai-ai-ai, agora confundi tudo novamente...”, sussurrou o sardento Tony ao colocar as mãos na cabeça.

“Sem problemas, conversaremos mais após o filme.”

O FUNCIONAL FLEXÍVEL

A consciência amarela, acima de tudo, aceita a realidade como a mesma se apresenta e atua sobre ela de forma lhana, flexível e funcional. O importante é respeitar os inevitáveis fluxos e formas da natureza, além de caminhar lúcida e competentemente pelos diversos matizes existenciais. A espontaneidade e a serenidade compreensiva são duas marcantes características deste complexo paradigmático de valores.

61 Expressão norte-americana que significa “viciado em trabalho”.

62 Expressão francesa: apreciador dos prazeres da vida, folgazão.

A liberdade amarela difere da vermelha e da laranja, pois não possui excessos em torno de interesses pessoais. O ser amarelo utiliza-se de sua maravilhosa e virtuosa liberdade para experimentar a plenitude de viver num mundo repleto de diversidade qualitativa e quantitativa, além de múltiplas dimensões valorativas e espirituais.

A LIDERANÇA SISTÊMICA

Politicamente, a liderança amarela concilia o apoio assistencial aos níveis inferiores com as virtudes dos superiores, através de sistemas integrativos abertos, contrariamente ao reducionismo, ao exclusivismo, ao egocentrismo, ao etnocentrismo e aos insistentes radicalismos inflexíveis das visões mais limitadas. A fluidez e a abertura de seus sistemas, entretanto, não se confundem com a planificação igualitária típica do “boomerite” esverdeado.

O *Vmeme* amarelo oferta líderes cujo foco está no bom resultado prático para todos, sem exclusões ou ilusões. Seus valores concentram-se na competência e funcionalidade para a interação sistêmica de todos os níveis inferiores. A orientação amarela supera a tibiez verde e mostra-se determinada e eficazmente apontada na direção integrativa, sem perder de vista os conceitos de justiça meritória e absoluto respeito ao livre-arbítrio de cada indivíduo, com suas consequências e aprendizados respectivos. Inexistem imposições ou tributos excessivos, mas sim a fluidez beneficente baseada na generosidade espontânea e na clara percepção da interdependência assistencial de toda a Espiral.

A liderança amarela compreende, de forma inclusiva, integrativa e contextualizada, a expressão ética da reciprocidade, mormente pela regra de ouro de “não fazer aos outros o que não deseja para si”. Outra fantástica síntese da riqueza amarela apareceu na tríplice questão do sábio rabino educador judeu Hilel: *“se eu não for por mim, quem o será? Mas se eu for só por mim, quem serei eu? Se não for agora, quando?”* Hilel – avô de Gamaliel, o instrutor de Saulo de Tarso, importantíssima figura do cristianismo – e sua tríade indagativa nos remete primeiramente a nós mesmos, como agentes atitudinais; aos outros, como ação solidária e, finalmente, à efetividade temporal do agora, a evitar manobras procrastinatórias.

DO PLURALISMO AO INTEGRALISMO

Coloquemos dessa forma: todos somos iguais em potencial espiritual, mas nossas escolhas nos diferem em níveis éticos e evolutivos. Podemos imaginar vários diamantes em pedra bruta, dentre os quais alguns poderão ser mais lapidados que outros e, conseqüentemente, tornarem-se mais brilhantes. Cabe a cada indivíduo lapidar-se, o que faz através do livre-arbítrio, com todo bônus e ônus de suas escolhas personalíssimas, esforço e mérito próprio. Eis a boa notícia: você é o diamante dessa analogia. Entretanto, seu grau de lapidação dependerá somente de você, pois trata-se de uma tarefa individual e intransferível.

Enquanto Linda e Tony compartilhavam experiências no cinema, outros jovens leitores dialogavam sobre o simbolismo dos diamantes em diferentes graus de lapidação. Parecia que certos leitores assimilavam apenas parte da informação, em flagrante descarte inconsciente daquilo que seus filtros paradigmáticos impunham-lhes como bloqueio informacional.

“Que maravilha! Somos todos diamantinhos de luz!”, disse uma camponesa após a leitura sob a sombra de verdejantes árvores.

“Você compreendeu o restante do raciocínio? Aquela parte que fala do mérito próprio e do esforço personalíssimo?”, perguntou outro leitor.

“Que outra parte? Não me venha com discriminação... Você não aprendeu ainda que tudo é amor?”

Como diriam meus colegas operadores do Direito, com suas regras azuis e objetividade laranja: *vamos aos fatos!* Pois bem, o nível de consciência verde não adquiriu amplitude suficiente para verificar as limitações intelectuais de certas teorias, inclusive de sua própria perspectiva. Você ainda estará totalmente esverdeado se sucumbir irrefletidamente aos seguintes mantras ou palavras-chaves: pluralismo, relativismo, multiculturalismo, desconstrução, anti-hierarquia e sua versão mais bizarra, pela qual defendem o paradoxo da “igualdade na diversidade”. Está feita a confusão, o que gerou uma rápida conversa na biblioteca da universidade.

“Que loucura! Qualquer amarelo percebe as maravilhas, mas também as limitações desses conceitos. Quantas vezes teremos que explicar e desenhar o óbvio para nossos amigos verdes? Ora, sabemos que a indiferença de um psicopata não é amor. Também sabemos que a constatação da realidade ou a diferenciação evolutiva não é discriminação preconceituosa. Até onde irá a ilusão e a infantilidade romântica?”

“De fato, mas precisaremos explicar tudo isso com muita paciência aos queridos e verdejantes ingênuos. Trata-se de um campo intelectual altamente minado.”

“Mas afinal, o que tem de errado com o relativismo pluralista e o igualitarismo evolutivo?”, insistiu um verde que escutou a conversa.

“Apesar das virtudes esverdeadas na tentativa sensível de incluir e respeitar todas as culturas, a planificação das mesmas num suposto patamar evolutivo idêntico simplesmente não condiz com a realidade. Não podemos igualar eticamente as rinhas de galo com a Oktoberfest. As touradas com as missas dominicais. Todas essas situações são manifestações culturais, mas umas denotam superioridade ética sobre outras. Tanto é assim que, nos exemplos citados, sequer preciso identificar as superiores ou inferiores, não é mesmo?”

“Claro! O papo entre Linda e Tony nos remete à mesma conclusão. Esses vários exemplos ajudaram muito! Enfim, tudo faz sentido...”

Wilber detectou o problema e esclareceu: “uma vez que o pluralismo verde tem uma postura tão intensamente subjetiva, ele se torna uma presa fácil para o narcisismo. E esse é exatamente o ‘x’ do problema: o pluralismo se transforma num superimã para o narcisismo”.⁶³ A consciência amarela demanda o enfrentamento dessa robusta resistência e do entrincheirado pluralismo reducionista, a fim de integrar a pluralidade, mas sem reduzi-la e escravizá-la ao igualitarismo evolutivo planejado. Continuemos com Wilber: “(...) o verde, o último e mais elevado dos *memes* de primeira camada, é a barreira final, a barreira extrema, a barreira que, de muitas maneiras, é a mais difícil de ser ultrapassada – e é difícil ultrapassá-la exatamente por causa do narcisismo que nos infecta tão pesadamente.

63 Ken WILBER. Boomerite. Madras: 2005, p.42.

Boomerite é essa mistura de pluralismo e narcisismo, o obstáculo final para um mundo de paz”.⁶⁴ Eis a doença autoimune global impregnada nas universidades, a ser primeiramente diagnosticada e, posteriormente, tratada em busca de uma possível cura. Resta-nos duas questões: *qual seria a cura? Onde procurá-la?*

DO SUBJETIVISMO À REALIDADE

Talvez a mais típica característica amarela seja a flexibilidade sistêmica conectada à realidade fática. Em palavras simples: podemos ser flexíveis para aceitar as mais diversas posições, mas elas têm que efetivamente funcionar para o sistema em seu conjunto. O subjetivismo poderá respeitar sua opinião, mas cuidado, se você interpretar subjetivamente que é uma gaivota ou um Boeing 747 e saltar do penhasco... Bem, deixe-me dizer sem rodeios: você morrerá. O nível amarelado abandonou a falácia do subjetivismo absolutista, ou seja, respeita-o nos limites de sua jurisdição, mas com uma advertência direta do Ministério da Saúde: *seu excesso faz mal à saúde*.

A espiritualidade amarela, por exemplo, é notadamente diferente da religiosidade azul ou púrpura, pois apenas validará as premissas que suportarem o crivo da razoabilidade. Todavia, nada mais racional que compreender os limites da própria razão, mas sem minimizar a importância fundamental da lógica e da própria racionalidade. A “transracionalidade” da beleza poética ou artística é maravilhosa, mas poderá ser a porta de entrada para miríades de argumentos “infrarracionais pós-moderninhos”, tão pueris como acreditar em coelhinhos da Páscoa e Papai Noel. Assim, a lente amarela equilibra-se entre a ousadia evolutiva e a prudência científica racionalista, território onde encontra uma senda ascendente, segura e promissora, sempre baseada em sua premissa de ouro: *a realidade*.

“Calma aí, autor. O conceito de realidade é extremamente desafiador. O que seria real para você?”

“Caro leitor... Agora você me complicou, mas arriscarei uma reflexão. Prefiro iniciar pelo que não seja realidade. Você lembra do que eu disse acima? Você

64 Ibid, p. 44.

não se manifesta neste mundo como uma gaivota ou um Boeing 747. Se você assim pensar, estará desconectado de sua realidade objetiva. Repito: objetiva.”

“Um exemplo transcendente mais desafiador está no conceito de reencarnação, no qual alguns acreditam e outros repudiam, mas o fato natural e objetivo da sua existência ou inexistência não depende da sua crença positiva ou negativa. Neste caso, independentemente de sua subjetividade opinativa ou gostos pessoais, a existência ou inexistência da reencarnação apresentar-se-á realística e objetivamente a você. Percebe?”

“Bem, querido leitor, um ponto a favor da subjetividade está em sua capacidade de afetar nossas ações, mas o subjetivo não é onisciente e onipotente. Em outras palavras, nossa subjetividade não pode tudo e submete-se às leis naturais e imutáveis que regem esse imenso universo.”

Da espiritualidade para a política, a postura amarela continua a mesma para acolher o progresso e a evolução com absoluto respeito e agradecimento aos alicerces construídos por nossos antecessores. A conservação dos valores morais, da importância de uma família equilibrada e dos ensinamentos éticos em torno da solidariedade, entre outras históricas contribuições dos demais níveis, não passam despercebidos pela fluidez integrativa amarela.

“Epa! Isso não é conservadorismo político? Uma teoria doida para conectar interassistencialmente a conservação com a evolução?”, questionou um leitor a outro.

“Eu ouvi em algum lugar esse treco maluco de conservar para evoluir... Um papo de que devemos preservar o conhecimento do passado e até mesmo aprendermos com o significado das tradições antigas, como forma de aprendizado para o futuro... Sei lá, algo assim.”

Neste momento, pouco importa esta ou aquela nomenclatura, mas sim os conceitos. Enfim, os significantes sucumbem aos significados. Os termos políticos estão repletos de carga emocional bélica avermelhada e preconceitos. Deixemos isso tudo de lado por alguns instantes. O que realmente interessa está na conservação dos conhecimentos desenvolvidos à custa de muito esforço, sofrimento e até mesmo sangue daqueles

que nos antecederam neste planeta, não para torná-los estáticos, mas sim para evoluirmos com mais segurança sobre suas bases. *Conservadorismo* para um legítimo e fraterno *progressismo* social. Conservar o conhecimento para aumentá-lo, enfim, preservar a história para evoluirmos a partir dela. Conservação e evolução finalmente unidas! Somente neste nível teremos condições de compreender a conjugação desses conceitos.

Temos leis regentes deste infinito universo que são naturais e imutáveis, e a elas estamos sujeitos independentemente de nossa vontade. Você poderá quebrar seus paradigmas e, revolucionariamente, decretar o relativismo da lei da gravidade ou, até mesmo, revogá-la subjetivamente. Todavia, novamente advirto: *não pule do penhasco!* O subjetivo deve conviver e respeitar o objetivo, como no caso das perguntas mais filosóficas e objetivas de todas: *o que sou eu? De onde vim? Para onde vou?*

Eis outra vital questão para nossa evolução: *nossa essência espiritual é uma realidade objetiva ou fruto de mera subjetividade humana?* Cedo ou tarde, devemos raciocinar sobre a lei de causa e efeito, a lei da atração ou nossa constituição como Força e matéria, Essência e invólucro, Alma e corpo, Espírito e físico ou, ainda, Consciência e corpo material. Gostem ou não, liberdades subjetivas e opinativas à parte, o que prevalecerá será mesmo a boa, velha e objetiva *re-a-li-da-de*.

DO IGUALITARISMO À TRANSCENDÊNCIA

“Linda, adorei o filme que você escolheu. A biografia de Mahatma Gandhi conta a história desta notável liderança com ótima intenção integrativa amarelada. Todavia, notei traços verdes nas ações políticas dele”, cochichou Tony nos ouvidos de Linda durante o filme e, para não perder a oportunidade, permitiu que seus lábios tocassem delicadamente o pescoço da jovem.

“Delicioso... Quero dizer, audacioso... A liderança pacifista e libertária de Gandhi parece-me amareladamente inclusiva em sua alma, mas esverdeada em sua ação. A ferramenta socioigualitarista não funcionará neste planeta, simplesmente por não estar conectada à realidade do nosso mundão”, complementou Linda ao fechar suavemente seus olhos para aproveitar a estimulante investida de Tony.

“Tudo está claro agora! Eu compreendo você, Linda. O óbvio pressuposto da transcendência está na diversidade qualitativa, ou seja, em múltiplos níveis hierárquicos. A doença narcísica igualitarista apenas esconde um comodismo evolutivo e uma soberba impeditiva de admitir níveis acima de si.”

“Uau...”, Linda suspirou.

“Isso pode atingir qualquer um de nós, não apenas os ‘boomers’. Usamos o termo ‘boomerite’ apenas para destacar a sua maior vítima”, complementou Tony.

“Agora estou surpresa e ainda mais impressionada!”, exclamou Linda com seu envolvente sorriso e suas sedosas mechas alouradas.

“Linda, não consigo mais pensar em mim sem você. Desejo-a integralmente. Eu te amo!” Ao terminar a frase, Linda e Tony beijaram-se intensamente, ambos com lágrimas nos olhos.

O último obstáculo para a paz fora vencido com a pureza e a corajosa sinceridade que somente o amor verdadeiro contém. O termo pode estar em desuso e totalmente *démodé* nos requintados jantares pós-modernos e seus perfumados inteligentinhos, mas mantém sua função integrativa na superação dos entraves para um sublime abraço integral, no qual a fraternidade reconhece a justiça meritória, a bondade sorri para a racionalidade e o amor nos une em torno de uma assistência recíproca baseada nos potenciais de cada nível evolutivo.

DA TRANSCENDÊNCIA À INCLUSÃO

Décadas mais tarde, Linda e Tony continuavam juntos e uma bela família formou-se ao redor deles. Todos bem educados, amorosos, capazes em suas diferentes escolhas, assertivos em sua lucidez, prósperos material e espiritualmente, mas, acima de tudo, conscientes de seus papéis e responsabilidades existenciais. A felicidade parecia ser completa, mas Tony ainda pensava em como compartilhar com os demais sua difícil jornada. Sentia que muito sofrimento poderia ter sido poupado nesta trajetória, na qual tropeçara em muitas imaturidades, tanto suas como dos outros.

A conquista da visão amareladamente transcendente pouco valeria se fi-

casae encarcerada em si mesma, mas, ao mesmo tempo, Tony sentia-se pequeno demais para transmitir algo de tamanha magnitude e, acima de tudo, carecia de potencial didático para atingir uma grande quantidade de pessoas. Nosso Tony, apesar de tantas conquistas maravilhosas, parecia condenado à eterna solidão reflexiva.

Sua prestimosa transcendência parecia fadada ao isolamento, sem ninguém para conversar. Linda parecia entreter-se com os filhos e suas mechas loiras agora ocupavam todos os fios de seus lindos cabelos. Tony conquistara uma vida materialmente confortável e espiritualmente honrada, mas sua sede de conhecimento estava bem longe de estar saciada. Pensava se haveria um universo autoconsciente e como funcionaria o sistema conectivo entre Consciência e matéria, mas o que realmente incomodava sua alma era como divulgar tudo isso e cumprir sua própria programação existencial, missão espiritual, vocação assistencial ou qualquer que seja a terminologia mais adequada e familiar a você, meu querido leitor.

Em suma, sua transcendência individualizada não bastaria sem a inclusão dos demais. A transição ascendente entre os níveis de primeiro escalão (do bege ao verde) revelou-se inegavelmente positiva, mas os patamares evolutivos de seus antigos grupos de estudos supostamente integralistas estavam contaminados pelo reducionismo e pela exclusão das demais perspectivas. Eis a grande diferença para os níveis conscienciais do escalão superior (amarelo e turquesa), nos quais a necessidade espiritual incluiria demandas em torno da assistência informacional àqueles que transcendeu. A partir deste momento, a palavra “transcendência” jamais voltaria a ser pronunciada isoladamente, para enfim superar sua sofrida solidão terminológica e encontrar sua parceira ideal e inseparável, a fim de compor o binômio: *transcendência e inclusão*.

A COLORAÇÃO DOS ATAQUES

“Linda, li em algum lugar que temos apenas 1% de amarelinhos no mundo! Isso significa, muito provavelmente, que entre nossos familiares, amigos e conhecidos só tenhamos nós neste nível ou, no máximo, mais um ou outro gato-pingado...”, comentou Tony, que jamais esquecera aquele beijo revelador.

“Estamos fritos e enfarinhados”, disse Linda com seu eterno sorriso e bom-humor. Tony ficou reflexivo.

A flexibilidade amarelada, de fato, anda escassa nas prateleiras do supermercado planetário. Como se não bastasse a falta do produto, os amarelinhos levarão coloridas pedradas de todos os lados. O feiticeiro púrpura lança uma magia contra a ameaça do deus Sol. *“Integração coisa nenhuma, é tudo meu e lutarei até a morte por isso!”*, diz o egocêntrico vermelho. Os azuis sentem que a ordem por eles instituída está ameaçada e, por via das dúvidas, apontam sua artilharia aos possíveis infiéis e supostos inimigos de farda amarela. Os laranjas preferem ignorá-los desde que os deixem trabalhar e não os atrapalhem, afinal de contas *time is money* e negócios são negócios. Todavia, acreditem se quiserem, os espinhaços mais desafiadores virão dos sofisticados e engomados primos igualitaristas verdes, que não se conformam com a meritocracia e sua axiologia de valores morais. Assim sendo, os verdes confundirão a realidade classificatória amarela com algum autoritarismo preconceituoso de cores variadas.

“Prezados amigos, a consciência amarela não discrimina preconceitosamente ninguém, apenas constata a realidade dos diferentes níveis evolutivos e integra a diversidade consoante o merecimento de cada indivíduo”, afirmou Tony para seus velhos amigos verdes.

“Mentira deslavada, diferenciação é discriminação sim! Como alguém pode julgar-se acima do relativismo multicultural? Que arrogância! O Tony virou elite amarela opressora e castradora. Ele não quer compartilhar suas coisas conosco...”, sussurrou um deles.

“Opa, eu ouvi isso. Vamos refletir um pouco: diferenciar seria o mesmo que discriminar preconceitosamente?”, questionou Tony.

“Autoritário, opressor, machista, xenófobo, racista e sexista! Fascistas não passarão!”, gritou um líder melancia infiltrado no grupo.

“Melancia realmente é verde por fora e bem vermelhinha por dentro”, pensou Tony ao retirar-se do ambiente, melancólico por sua tentativa frustrada de expor seus novos valores amarelos. Não havia clima para o diálogo.

Os amarelados novatos devem aprender a lidar com tudo isso, eis que fará parte desse estágio evolutivo. Enchem seus ouvidos de algodão e, ao menos no início, evitem provocações. Tirem as crianças verdes da sala antes de pronunciarem palavras tidas como obscenas, tais quais: elite, capitalismo, liberalismo, conservadorismo ou diferenças de gênero. Os amarelos aprenderão a ignorar a retórica, mas jamais a desconsiderar a didática e, definitivamente, entender o jogo da narrativa para não engrossarem a lista das vítimas da *revolução das mentes*, descrita com sarcástico humor provocativo como *“involução das mentes”* entre certos grupos de estudo.

Enquanto os primos verdes pregam para convertidos e influenciam mentes às portas da “zumbilândia” reducionista, sempre em torno da linearidade multicultural e seu pluralismo planificado, nossos integrativos amarelados deram um gigantesco salto à frente e procuram *diferenciar para integrar* culturas mais e menos avançadas evolutivamente. Tudo dentro de uma organização sistêmica e bem ordenada. Integrar não é misturar desordenada e caoticamente os indivíduos e as culturas, como faz aleatoriamente um embaralhador de cartas. Aliás, justamente o contrário, integração demanda classificação, diferenciação e ordenamento dos patamares evolutivos em funcionalidade assistencial. Repito e chamo atenção para a expressão *“diferenciar para integrar”*, jamais para discriminar, na acepção pejorativa do termo. Resta a dúvida: *como ordenar as sociedades mais desenvolvidas, para que possam auxiliar as mais carentes?*

“Gostei dessa parte. O autor preferiu o termo ‘carente’ ao invés de ‘ética ou estágio inferior’. Será que este é o tal ‘jogo da narrativa’? Achei mais adequado e politicamente correto”, disse Tony, que ainda estudava a óptica verde, mas agora sob a égide da consciência amarela.

“Talvez este autor desejasse evitar explosões de raiva dos líderes-melancias e de suas nervosas militâncias de níveis inferiores... ops, acho melhor acompanhar o autor e alterar o termo ‘inferior’ para ‘reducionista’, ou algo ainda mais brando, como ‘menos integralista’”, ponderou Linda.

“Parece-me óbvio que ele identifica os valores morais superiores e inferiores, independentemente da chatice do politicamente (in)correto esverdeado”, opinou Tony.

“Sim, o cara é cauteloso, mas esse conceito de líderes-melancias irritará muita gente. Isso será ousadia ou falta de juízo deste autor? Aposto que a maioria dos verdes não compreenderam a ideia que liga o ato de conservar (conservadorismo) com o de evoluir (evolucionismo). Talvez ele seja doido, biruta ou somente lelé da cuca...” Ambos riram.

Os amarelos detêm a consciência de que a melhor maneira de ajudar o planeta não passa pela terceirização de nossas responsabilidades para o Estado. Neste sentido, retorno a Roger Scruton: *“muito da antipatia que se tem pelas soluções de mercado vem dos que o enxergam como um arranjo puramente competitivo (...). No entanto, num mercado genuíno, a competição depende da cooperação, e são os entes dispostos a cooperar que o fazem funcionar (...)”*.⁶⁵ Em geral, os verdes *reduzem* as soluções ambientais somente à via estatal e esquecem-se que o mercado também punirá, por si mesmo, eventuais trapaças e abusos ambientais. Para piorar a situação, quando o próprio mercado – via consumidores conscientes ou via autopreservação empresarial – está prestes a punir exemplarmente aqueles que extrapolaram, mormente com suas falências e eliminações drásticas, o Estado e seus líderes verdes surgem com seus subsídios, sua cultura do “coitadismo” e suas inoportunas interferências para ressuscitar os infratores. Somente a partir da consciência amarela podemos compreender esse equívoco verde.

A sabedoria popular cunhou a expressão *“o que é de todos, não é de ninguém”*. Também gosto de outro adágio, embora seu humor seja um tanto mórbido: *“cachorro que tem dois donos, morrerá de fome ou indigestão”*. Os amarelos levam em conta a principal motivação humana para preservar algo: a sensação de pertencimento. *Você, caro leitor, conserva mais o seu automóvel ou o carro alugado? Prefere pintar a parede da sua sala de estar ou da praça pública? Será que todos os que jogam sujeira na rua também o fazem nos seus quartos de dormir?* Certo ou errado, bonito ou feio, a motivação humana para preservar alguma coisa está mais ligada à propriedade privada que aos domínios públicos. *Isso é ético?* Claro que não, deveríamos cuidar igualmente do público e do privado, do coletivo e do individual, do social e do particular. Todavia, caro leitor, os amarelos agem em respeito àquelas palavrinhas. Lembra delas? A realidade, a objetividade, a eficiência, o pragmático etc.

65 Roger SCRUTON. A Filosofia Verde. E Realizações; 2016. p. 128.

O QUE ME FALTA?

“Linda, penso que falta alguma coisa na visão amarela.”

“Ui... O ‘galã-metidão’ já se considera portador da consciência amarela e ainda deseja mais. Uau! Pois muito bem... direcione a questão para si: o que te falta?”

“Minha nossa! Já temos tanta coisa: família, amigos, valores integrativos, uma vida equilibrada, além da gratidão pelo muito que experimentamos...”

“Não enrola, Tony. O que te falta? Deixe sair.”

“Linda, como ajudar o maior número de pessoas possível? Sabemos fluir como camaleões por todos os níveis, também aprendemos a respeitá-los, compreendê-los e tudo mais, ainda que a duras penas... Mas, particularmente, ainda sinto necessidade de oportunizar esclarecimento em grande escala, pois o tempo passa muito rápido... Quero atuar no atacadão evolutivo e não mais no varejo, mas tudo isso sem perder as maravilhosas conquistas que fizemos juntos. Quero ir além do ‘que fazer?’ e do ‘como fazer?’ e adentrar na questão ‘por que fazer?’ e muito mais. Quero buscar a causalidade universal na reestruturação da ordem nos momentos de caos... Bem, essas coisas... Eureka! Acho que me faltam as ferramentas macroassistenciais oriundas do ‘como fazer’ somada à consciência evolutiva e lucidez espiritual advinda do ‘por que fazer!’”

“Só isso? Associar a ferramenta do ‘como fazer’ com a sabedoria e a lucidez sobre os porquês existenciais... Não queres também uma limonada?”

Novos tempos, novas oportunidades! A expressão é alvissareira, mas não sem o aprendizado sobre a vital importância da conservação de todas as etapas anteriores da pirâmide civilizacional que, aliás, proporcionou as condições de vida necessárias para o surgimento da consciência amarela. Por isso, não apenas devemos *preservar* e *respeitar* as etapas evolutivas anteriores e de inferior hierarquia na trajetória evolutiva, mas também sermos *gratos* e reconhecer sua imprescindibilidade no equilíbrio de toda a dinâmica da Espiral. O futuro promissor depende da manutenção dos aprendizados do passado. O novo transcende, mas também contém o

antigo. As novas gerações poderão superar as anteriores, mas não sem a tríade: *preservação, respeito e gratidão*.

Nosso personagem adequa-se ao exemplo de Beck e Cowan e atua diretamente nas dinâmicas que estão a causar o problema, “tal como o guarda-linhas da companhia de eletricidade que pode restabelecer a energia depois de uma tempestade...”⁶⁶ Nosso Tony foi capaz de atuar corajosamente e resolver os problemas imediatos, mesmo sob as críticas, veladas e declaradas, daqueles que apenas se queixam ou formam grupinhos para debates teóricos circulares. Tony colocou a mão na massa e resolveu o problema da companhia elétrica enquanto os demais usuários somente reclamavam, mas ele quer muito mais, deseja saber os porquês das tempestades, das dificuldades, dos desafios espirituais em seu contexto macro dinâmico, espetacularmente magno em seus fluxos coletivos.

Tony deseja compor acordes e não mais harmonizar individualmente as notas musicais. Ele está interessado na explosão infinita das potencialidades evolutivas, do *big bang* material até os questionamentos em torno dos motivos de seu desencadeamento: se randômico ou ordenado. *Se ordenado, por quem?* Bem-vindos, caríssimos e queridos leitores, à ousadia e enfrentamento dos nossos próprios limites. Sejam gloriosamente bem recebidos por esse seu companheiro de viagem, parceiro nesta nossa aventura pelo desconhecido e pelos desafios da consciência turquesa.

Confira a mensagem somente para você em seu *WhatsApp*, mas na hipótese de prezar por sua imagem pública, não compartilhe no *Twitter* ou *Facebook* de forma alguma, pois poderá render uma camisa de força. Ei-la:



#Star_Trek_A-fronteira-final?@Universo.com/
Espiritualidade_e_muito_mais

66 Don Edward BECK e Christopher COWAN. Dinâmica da Espiral. Editora Piaget: 1996. p. 339.



A CONSCIÊNCIA
TURQUESA



A transcendência turquesa ultrapassa a apreciação das diversas notas musicais humanísticas, a fim de produzir otimizações evolutivas com seus acordes existenciais que possibilitam uma macroassistência ordeira e harmoniosa. Enquanto o polivalente músico amarelo manuseia e compreende magistralmente todos os instrumentos musicais, o maestro turquesa integra-os simultaneamente na orquestra cósmica e coloca-os em pujante dinamismo assistencial recíproco, numa épica, transcendente e gloriosa jornada contínua e evolutivamente ascendente, onde a compreensão e as constatações de diferentes níveis éticos e evolutivos são tratadas de maneira inclusiva e holisticamente interligadas, com a utilização de todas as ferramentas espiraladas, das mais densas às mais sutis. Eis uma singular possibilidade investigativa desta vibrante cosmovisão:

Por que turquesa?

A consciência espiritualista

Os porquês fronteiriços

O paradoxo do conservadorismo evolucionista

A política turquesa

A transcendência turquesa

POR QUE TURQUESA?

A cor turquesa inspira a visão espacial da Terra e dos oceanos, a aurora boreal e possui em sua composição tanto o azul ciano como o verde, em feliz sincronicidade com as preocupações coletivas em torno da ordem azulada e da solidariedade oliva, existentes também nesses patamares evolutivos. Há quem defenda que a cor turquesa tenha efeitos calmantes. Neste diapasão, a serenidade emergirá como um dos grandes diferenciais turquesas em relação aos demais níveis reducionistas – do bege ao verde.

Os grandes desafios mundiais e suas massas humanas carentes de ordenamento administrativo demandam capacitações gerenciais ataca-

distas, comunitárias e coletivas. A habilidade flexível amarela auxilia competentemente no varejo humanístico, mas as demandas oriundas das patologias morais da humanidade atingiram proporções endêmicas e necessidades em grande escala. O sofrimento em grandeza mundial desperta reflexões na busca de resoluções não apenas integrativas, mas também otimizadas e adequadas para soluções em gigantesco espectro, onde interessam não apenas os aspectos qualitativos, mas também seu alcance quantitativo.

“Tony querido, o termo ‘holístico’ ficaria bem para este nível?”

“Linda, considero uma pena que o termo ‘holístico’ tenha sido muito desgastado pelo movimento New Age, que o pintou de roxo com bolinhas verdes, infelizmente. Apesar disso, ele ficaria perfeito na cor turquesa, pois o prefixo grego ‘holos’ significa: todo, inteiro, completo, total e integral.”

“Que bacana! É por isso que terapias holísticas transcendem o tratamento do corpo físico?”

“Isso mesmo, Linda. Não esqueça que tais vertentes deveriam não apenas transcender, mas também incluir o corpo físico. O médico convencional jamais deve ser negligenciado. Vale dizer: ao cuidarmos do corpo, devemos pensar também em nossas energias mais... fluídicas ou sutis, digamos assim. E tem mais, devemos tratar das nossas emoções e sempre irradiarmos bons pensamentos.”

“Estudaste escondido enquanto eu brincava com as crianças?” Ambos riram amorosamente.

“Minha querida, as pessoas não se dão conta da importância crucial do pensamento, nosso carro-chefe e o timão do nosso barco rumo a uma existência edificante. Sermos bons, com bons pensamentos, bons sentimentos e boas ações... Tudo está interligado. Na sequência: nossa Consciência, Espírito, Alma, Força, Essência – enfim, escolha o substantivo – transcende, inclui, opta, utiliza, determina – escolha também o verbo – nossos pensamentos, que tocam nossas emoções que, por sua vez, influenciam nossas ações.”

“Pois é... Parece que tudo está mesmo interligado.”

“Exato. O problema está no fato de que, muitas vezes, nós puxamos o plugue da tomada e nos desconectamos. Usamos nosso livre-arbítrio erroneamente através de maus pensamentos-sentimentos-ações e assim caímos na roda das ilusões efêmeras, nas idas e vindas materiais e nas tapeações do nosso egozinho bobo. Urge a religação com nossa Essência.”

A CONSCIÊNCIA ESPIRITUALISTA

O primeiro passo para a consciência da espiritualidade está na eliminação definitiva dos mitos e imaturidades das etapas reducionistas. Importa a compreensão exata do significado das palavras “Espírito”, “Alma”, “Essência”, “Força”, “Princípio Inteligente”, “Consciência” e seus diversos sinônimos. Reconhecemo-nos como algo que transcende a matéria, muito além do que nossos olhos físicos enxergam e ganharmos lucidez sobre nosso constante aprendizado por experiências materiais e imateriais será fundamental para entendermos os citados *porquês* dos acontecimentos em sua escala macro.

Disso decorre compreendermo-nos como unidades independentes e autônomas, portadoras de livre-arbítrio e mérito personalíssimo, mas concomitantemente parte de sistemas integrados que abrangem todas as entidades vivas. Se você sobreviveu até aqui e aguentou firme as turbulências dos níveis reducionistas, caro leitor, segue meu reconhecimento por seu esforço na aquisição desta consciência. A tarefa foi árdua e demandou inteligência, coragem, perseverança e modéstia. Meus cumprimentos.

Sabemos que somos os responsáveis por bem conduzir nossas existências. Podemos girar o citado timão do nosso barco para o lado que quisermos, mas estaremos sujeitos a enfrentar um oceano mais revoltado ou pacífico a depender das nossas escolhas. Ao reclamarmos dos ventos e das tempestades além do nosso controle, deveríamos lembrar que foram nossas ações passadas que nos conduziram até as intempéries. Eis o propósito educacional da tempestade, sob a égide da *“lei de causa e efeito”*, que ajuda a solucionar os tais *porquês* que intrigaram nosso personagem Tony no capítulo anterior, até então em curso pela consciência amarela.

Um revés obviamente causa-nos desconforto, mas também nos indica a necessidade de alguma reflexão evolutiva, talvez sobre uma pretérita

O nível turquesa nos convida
para a grande aventura do
autoconhecimento, mas também
desafia-nos e *oportuniza-nos* as
melhores condições personalíssimas
para nosso autoenfrentamento, a
fim de assumirmos os ônus e bônus
de nossas escolhas de um passado
remoto, sem escapismos pusilânimes
para culparmos terceiros,
sejam eles: sociedade, entidades
transcendentes, deuses do trovão,
demônios, elite, empresários
“malvados”, militares, ricos, pobres,
enfim, “estes ou aqueles”.

decisão equivocada, uma aresta emocional a ser lapidada, um ponto cego existencial e, decididamente, um motivo para compreendermos ou relembrarmos da importância qualitativa de nossos pensamentos, sentimentos e ações. *Querido leitor, lembra daquela questão da igualdade de oportunidades?* Pois é, somente agora, com a transcendência turquesa e suas leis de causa e efeito, para além da materialidade rochosa, poderá germinar a semente da compreensão sobre o tema.

Utilizei-me da analogia com o timão do nosso barco para transmitir a ideia de que nossas escolhas nos colocam em posições mais tranquilas ou mais desafiadoras. Estimulo a reflexão sobre a íntima relação entre a qualidade vibracional de nossos pensamentos e nossa situação atual. Ao adquirirmos lucidez sobre as conexões entre as citadas leis de “causa e efeito” e da “atração” com os nossos pensamentos, sentimentos e ações, entenderemos melhor, ao olhar para trás, os *porquês* de nossos atuais desafios e, ao olhar para frente, os *porquês* de nossos deveres existenciais e atitudinais. Eis o fluxo entre macro e microcosmos, entre as leis naturais que regem o universo e a amplitude de nossas ações para além do eixo temporal “nascimento-morte”. Enfim, bem-vindos à dinâmica da Espiral em seus movimentos harmoniosos em direção ao ordenamento do caos.

As condições climáticas das nossas vidas, sejam elas de céu claro ou tempestuosas, nossos ambientes, nossas dificuldades e facilidades, ônus e bônus, desafios familiares e profissionais, enfim, tudo parece finalmente abandonar os jogos de azar e adentrar em notáveis relações de causalidades sequenciais. A randômica roleta cósmica transforma-se num universo ordenado, lógico, racional e, acima de tudo, justo e assistencial. Nossas experiências, prazerosas ou desafiadoras, alegres ou tristes, adquirem significados didáticos para nutrir nossos Espíritos com as vivências das quais necessitamos. Tanto os sofrimentos quanto as satisfações parecem encontrar algum sentido, o que me faz lembrar a interessante analogia de Albert Einstein no sentido de repudiar a mera coincidência: “*Deus não joga dados*”.

O nível turquesa nos convida para a grande aventura do autoconhecimento, mas também desafia-nos e *oportuniza-nos* as melhores condições personalíssimas para nosso autoenfrentamento, a fim de assumirmos os ônus e bônus de nossas escolhas de um passado remoto, sem escapismos

pusilânimes para culparmos terceiros, sejam eles: sociedade, entidades transcendentais, deuses do trovão, demônios, elite, empresários “malvados”, militares, ricos, pobres, enfim, “estes ou aqueles”. Assumamos urgente e corajosamente a nossa responsabilidade individual pelo nosso respectivo processo evolutivo, porém distantes da negação boba da transcendência, para que tenhamos consciência de nossos *acertos e erros*, a fim de conservarmos os primeiros e evitarmos reincidir nos segundos, sempre com fortalecimento ético para a prática do bem, repleta da efetividade varejista amarelada e da macro-otimização atacadista turquesa.

OS PORQUÊS FRONTEIRIÇOS

Uma vez compreendidos os *porquês* de nossos contextos existenciais, emergirá naturalmente o entendimento dos *porquês* da justiça meritória, de nossas diferenças evolutivas, da axiologia moral e da hierarquia ética, fatos que certamente ajudarão a solucionar a intrigante questão: *por que fazer?* Estamos exatamente onde devemos estar, jamais por determinismo randômico, loteria materialista ou crueldade de algum malvado deus punitivo azulado, mas sim condicionados às nossas próprias escolhas e merecimento, que se submetem, gostemos ou não, às leis naturais e imutáveis que regem o universo, com um propósito inteligente e didaticamente sincrônico com nossos pensamentos.

Pondero a hipótese de nossas fronteiras e condições existenciais estarem milimetricamente ajustadas ao nosso nível de lucidez espiritual, cujas fantásticas interconexões ascendentes e descendentes oportunizam uma sadia e dinâmica troca de informações esclarecedoras e interassistencialmente evolutiva. *Optemos pelo “bem pensar”, exercitemos o “bem sentir”, e pratiquemos o “bem agir” em nossas vidas, para que estejamos alinhados ao fluxo positivo e evolutivo deste nosso gigantesco universo e todos os seus aspectos transcendentes.* Assim, a ascensão evolutiva, a paz de espírito e os *porquês* turquesas emergirão e ganharão luminosidade sob nossos olhos.

Revoltar-se contra os preciosos ensinamentos da realidade é ação infantil, denota imaturidade existencial e incompreensão das possibilidades e competências das nossas poderosas ferramentas mentais. O melhor caminho está bem longe da ingenuidade roxa ou da insurgência revolucionária vermelha, mas extremamente próximo de nossa ação prudente e consistente

frente aos desafios que a vida nos apresenta. Para tanto, utilizemo-nos assertivamente de nossos atributos espirituais na construção ética de uma vida harmônica e repleta de pacificação interior, trabalho e serenidade.

“Lá vem a sonífera professora Solana novamente... Que mala sem alça! Não sobreviverei a tamanha chatice. Esta aula não pagará meu supermercado no final do dia e, portanto, não serve para nada”, teclou um aluno no grupo de *whatsapp* da sala, com um belo leão nas beges savanas africanas como fundo de tela.

“Deviam fazer um vodu para o diretor trocá-la”, respondeu outro aluno. Fundo de tela: personagem Mickey Mouse, com chapéu púrpura, a imitar um bruxo.

“Um dia darei uma porrada nessa idiota”, participou outro. Fundo de tela: Sylvester Stallone, em ação heroica de seu personagem Rambo e sua poderosa metralhadora M-16, entre explosões e labaredas vermelhas.

“Se um dia eu virar diretor, organizarei regras para separar bons e maus professores.” Fundo azul celeste.

“Já estudei toda a matéria para tirar 10. Aliás, gravarei a aula para provar que minhas respostas estão certas.” Fundo da ponte Golden Gate e seu aço alaranjado.

“Essa professora é uma fofa. Não importa a nota. Aliás, deveríamos repartir igualmente as injustas medições da classe. Afinal, somos todos iguais em amor.” Fundo com várias fotos das diversas ações do Greenpeace, para não cometer ações discriminatórias na seleção de uma única imagem.

“Ei pessoal, vou sair do chat agora, pois virei assistente da professora Solana. Voltarei em seguida.” Fundo de um fantástico arco-íris, iluminado por raios amarelos do sol.

“Seu puxa saco! Vai se ferrar!” Lembra do fundo de tela do Stallone? Sim? É o mesmo aluno, mas agora com a imagem do ensanguentado Schwarzenegger, trocada impulsivamente.

“Queridos alunos, gostem ou não, vocês terão que estudar isso tudo para o grande exame evolutivo da vida. Aliás, vocês sabem a principal finalidade do WhatsApp? Permitir, facilitar, otimizar e maximizar a interação entre todos nós”, disse a professora Solana, que percebera toda a situação e classificara todos os níveis antes de ofertar amorosamente um sábio ensinamento, sem revelar a cor de seu fundo de tela.

O PARADOXO DO CONSERVADORISMO EVOLUCIONISTA

A transcendência turquesa conserva as partes, tal qual a molécula conserva e depende de seus átomos para existir, bem como a palavra preserva suas letras para fazer sentido. Neste nível, o indivíduo jamais será descartável em nome de um suposto bem maior coletivista, mas sim integrará e estruturará a própria coletividade com sua preciosa existência. Individual e coletivo, todo e parte, unicidade e semelhança, micro e macrocosmos, finalmente harmonizam-se, integram-se, respeitam-se e, mais que tudo, complementam-se através de conexões sistêmicas e inteligentemente desenhadas.

Proponho e ousa cunhar a expressão aparentemente paradoxal *conservadorismo evolucionista*, como forma de significar uma posição filosófica que *transcenda* todas as ideologias reducionistas, mas também *consERVE-as* e *respeite-as*, mormente em seus acertos parciais. Os reducionistas ora manifestam ingratidão e desprezam as conquistas e esforços passados (fobia do velho), ora ignoram e repudiam a transcendência futura (fobia do novo). Aos que não desejarem raciocinar sobre assistência material em larga escala (vulgo: política) ou evolução transcendente (vulgo: espiritual), lamento dizer, compraram o livro errado. Aos que desejarem compreender mais seriamente os desafios macroassistenciais, não há como fugir desta interessante “politização-espiritualista”, que admita a inclusão conservativa e assistencial a todos os seres, e também os coloque nos devidos e respectivos patamares classificatórios, onde a hierarquia transcendente e evolutiva não poderá ser ignorada.

Ao conservarmos assistencialmente os níveis reducionistas em nossas considerações, não apenas manifestamos respeito e solidariedade, mas também trabalhamos para a subsistência do próprio todo que nos inclui. A mentalidade revolucionária destrutiva (progressismo excludente)

Individual e coletivo, todo e parte, unicidade e semelhança, micro e macrocosmos, finalmente harmonizam-se, integram-se, respeitam-se e, mais que tudo, complementam-se através de conexões sistêmicas e inteligentemente desenhadas.

e não conservativa-evolutiva (progressismo inclusivo) esbarra na condenável insensibilidade grotesca e ultrapassa-a para também prejudicar a própria dinâmica de toda a Espiral. Portanto, a conservação do nível anterior como agente estruturador dos níveis seguintes é premissa basilar para a consciência turquesa e suas ferramentas evolutivas e conservativas, transcendentais e inclusivas.

Concomitantemente, o duplo aspecto supostamente maniqueísta entre *existência autônoma* e *pertencimento social* demandará a conexão entre liberdade e responsabilidade, bônus e ônus, livre-arbítrio e resgate, enfim, evolução e conservação. Urge compreendermos que ambos os estímulos, *evolucionistas* e *conservadores*, são altamente necessários e complementares para que venhamos a compreender o profundo significado sintetizado por Wilber como *transcendência e inclusão*.

Conservação e transcendência, conhecimento histórico e planejamento futuro, prudência e coragem, velho e novo... tudo finalmente conectado, para formular um convite reflexivo aos equivocados agentes destruidores, revolucionários, invejosos, ingratos e desrespeitosos com o antigo. Sim, advogo o respeito e a conservação aos nossos aprendizados históricos, em meio a tanto sangue e sofrimento, para finalmente direcionarmos nosso timão para uma evolução ordenada, constante e estruturada em bases realísticas, retilíneas e prudentes, rumo às fronteiras do ainda desconhecido.

“Cheguei, pessoal. Aqui estão as surpresinhas. Vocês adorarão essa nova versão de Jornada nas Estrelas...”, disse Tony, ao voltar da lanchonete do cinema, repleto de pipocas e chocolates, sem conter sua empolgação pelo programa com sua família.

“Foi neste mesmo cinema que nos beijamos pela primeira vez”, pensaram Linda e Tony, enquanto ele distribuía as delícias ao casal de filhos, ambos crescidos e bem encaminhados em ótimas universidades.

“Linda, você notou a mensagem da introdução, ‘o espaço como a fronteira final...’? Podemos fazer uma ótima analogia com a espiritualidade, onde a amplitude de nossas consciências parece ter dimensões infinitas...”

“Tony do céu! É só um filme...”

“Linda, os integrantes da nave Enterprise transitam por diferentes desafios em torno da sobrevivência, pousam em inúmeros mundos com ilusões míticas, enfrentam outros exploradores galácticos e conhecem sociedades autoritárias e ordeiras, primitivas e científicas, hostis e harmoniosas...”

“Já sei... Você só pensa na sua bendita Espiral! Bib-bib, planeta Terra chama Tony...”

“Okay... viajo na maionese de vez em quando, mas uma coisa esta ficção científica insinua claramente: as conciliações entre mérito e solidariedade e entre efetividade e intenção são grandes desafios.”

“Espera aí, Tony. Você pescou algo bacana. Boa intenção sem efetividade não basta, aliás, o inferno está cheio de bem intencionados. Precisamos conciliar ‘poder e fraternidade’. O que é pior? Conhecimento sem amor ou vice-versa? Ambos matam!”

“Eureca! O mérito espiritual pode estar conectado à sua própria capacitação para a solidariedade em pequena ou larga escala, obviamente seguida da ação fraterna e efetividade pragmática, não apenas intencional ou intelectual. Autoridade e generosidade, hierarquia e cooperação, superioridade e modéstia, altivez e amor, transcendência e inclusão, evolução e conservação, enfim, intelectualidade e espiritualidade... Tudo se encaixa.”

“Ei, senhor esperto, cadê a pipoca?”, disse Linda, com seu eterno sorriso e olhos a faiscar de admiração amorosa.

A POLÍTICA TURQUESA

Pois bem, chegamos finalmente na consciência de nossa natureza espiritual e no gigantesco poder macroassistencial dos nossos pensamentos, sentimentos e ações. A partir daí, surgiu-me uma questão: *podemos negligenciar nossas responsabilidades políticas?* Lembro que, apesar do termo *política* estar degenerado, sua etimologia envolve conceitos nobres e altamente espiritualizados, como o de cidadania e a relação assistencial entre o indivíduo e a comunidade, ou ainda, entre o micro e o macrocosmos.

Feliz ou infelizmente para mim, compreendi que espiritualidade sem macroassistência (política) é o mesmo que transcendência sem inclusão, teoria sem prática, verbo sem ação, bondade sem caridade, solidariedade sem assistencialidade, filósofo sem público, professor sem aluno, enfim, intenção sem efetivação. Como não possuo paciência para disputas eletivas e também não encontrei minha vocação ao auxiliar na retirada de determinados governantes corruptos e tirânicos do poder, optei por deixar minha gota de contribuição na forma escrita. Espero que você, querido leitor ou leitora, tenha gostado.

Onde os demais veem caos, os turquesas enxergam uma etapa transitória para a ordem ainda mais abrangente, onde o tratamento supera e contém a crise, tal qual uma providência inteligente, num ordenamento transcendente e inclusivo. Caos e ordem, morte e vida, destruição e construção, delírio e realidade, violência e urbanidade, revolução e conservação, esquerda e direita, utopia e distopia, descendência e ascendência, terra e céu, concreto e abstrato, *yin e yang* ou, se preferirem uma representação mítica, o insistente conflito entre Leviatã e Beemote (Behemoth, em hebraico), que somente será compreendido com o toque transcendente da figura à direita, artisticamente representada na gravura de William Blake (1757-1827).

A política turquesa transcende o mítico, mas o inclui para análise histórica e representativa, como acabamos de proceder; conhece sua essência e perenidade espirituais, mas também cuida da efêmera matéria; sugere racionalidade aos novos e moderninhos paradigmas *fashion*; proporciona harmonia entre a ciência laranja e a sustentabilidade intencional verde; valoriza a prosperidade material, mas prioriza o espírito; compreende as conexões entre corpo físico, emoções e pensamentos, mas os enxerga como ferramentas de si mesmo, ou seja, de sua verdadeira e *objetiva* Essência. Isso mesmo: *objetiva*.

Enfim, os líderes turquesas regem a orquestra cósmica, cujos acordes são coloridos e harmônicos; prescrevem receituários assistenciais a todos os níveis, sem preconceitos, mas também sem genuflexão ao igualitarismo nivelador da sarjeta com o arranha-céu; falam as múltiplas linguagens sem perder a lucidez transcendente; enfim, utilizam-se dos recursos di-



dáticos e históricos sem confundir os multicoloridos mapas representativos com o real território de suas Consciências.

Seguem dicas espiraladas: se o leitor interpretou Beemote e Leviatã como ameaçadoras feras sobrenaturais, chame urgente um feiticeiro púrpura para acalmá-las. Caso tenha achado um absurdo o Leviatã estar por baixo do Beemote opressor, avermelhou. Se gostou e interpretou-as como a luta entre o bem e o mal absolutos, na qual somente um deverá sobreviver, talvez esteja azulado. Na hipótese de desconfiar que tudo isso deva ter alguma explicação científica fisicalista, fruto de alguma descarga elétrica cerebral, você alaranjou. Finalmente, caso tenha sentido igualitária e carinhosa solidariedade para todos os seres que Beemote e Leviatã representam, mas sempre se queima nas labaredas leviatânicas quando tenta ajudá-los, você definitivamente esverdeou.

Minha receita antirreducionismo para uma política espiritualista: transcendência não exclui praticidade, efetividade e justiça meritória. O ente turquesa que ocupar cargos de liderança enfrentará grandes desafios humanistas, muito além das teorias de gabinetes ou dos batidos discursos populistas nos majestosos parlamentos governamentais, construídos com o dinheiro do pagador de impostos, com ótima refrigeração e garçons a servir cafezinhos e água gelada *Perrier*, preferencialmente gaseificada.

O líder turquesa também transitará por tais ambientes, mas não envaidecido por toscas retóricas populistas em torno de eleitoreiras esmolas assistenciais advogadas por autoridades melancias, e sim com sua modéstia e sua autoridade moral oriunda da observação da – novamente chamo a atenção para a próxima palavra – *re-a-li-da-de* e mente integrativa para organizar as situações de forma fraterna, consoante ensinamentos extraídos de toda a Espiral e sua dinâmica assistencial.

Aliás, os próprios Beck e Cowan afirmaram categoricamente: “os aldeões globais serão pessoas ocupadas, preocupadas com assuntos como modernizar a África sem reproduzir as patologias laranjas; colocar uma ordem saudável em locais como a antiga Iugoslávia e a Ásia Central, voltar a afinar a Espiral sul-americana e acabar com as divisões raciais, educacionais

e econômicas nos Estados Unidos, sem as patologias do governo mundial ou das Nações Unidas”.⁶⁷

Enquanto o amarelo harmonizará as notas musicais, a consciência turquesa comporá acordes para a orquestra mundial ou – *por que não dizer?* – cósmica. O sistema amarelo equilibrará o caos entre indivíduos, a coloração turquesa desenhará novas estruturas organizacionais; o amarelo cuidará do varejo, o turquesa do atacado; a política de saúde pública amarela tratará a sintomatologia de todos, a turquesa erradicará a doença; o pintor amarelo será hábil com a aquarela, o turquesa descobrirá novas nuances e novas técnicas de pintura; o amarelo gerenciará as ondas, o turquesa os oceanos; o amarelo consolará, esclarecerá e ensinará a pescar, os turquesas criarão novos lagos e descobrirão novas nascentes; enfim, o amarelo ajudará todos os seres, o turquesa conectará seus mundos.

Aos “feiticeiros” da Espiral, para usar uma expressão púrpura, recomenda-se prudência dobrada, pois muitas consciências primitivas, tribais ou imperialistas têm acesso tecnológico e assistem televisão, ou seja, detêm potencial destrutivo laranja e consciência ética vermelha. Eis uma mistura explosiva que requer atenção. Estamos na era da *informação compartilhada*, onde até mesmo as grandes fortunas surgem rapidamente entre os criadores de redes sociais na internet e de aplicativos facilitadores desse compartilhamento informacional pelos celulares. Tudo está mais rápido no plano material e, obviamente, requer a aceleração correspondente também no tocante à elevação moral e espiritual deste planeta.

Devemos estar atentos aos políticos retóricos e demagógicos, que discursam sobre uma suposta vontade da maioria, sem atenção para o fato de que a maioria nem sempre pode tudo, por isso urge estudarmos seus limites. Como estudamos no capítulo que abordou a cor azul, não se pode matar judeus, nem pela vontade da maioria. Aliás, o povo alemão, um dia, ovacionou o nacional socialismo de Hitler. *Chocado por Hitler ter sido de um Partido Socialista?*^{68,69} Pois é... *dói um pouco no início.*⁷⁰ O povo italiano, um

67 Don Edward BECK e Christopher COWAN. *Dinâmica da Espiral*. Editora Piaget: 1996. p. 352.

68 <https://jephmeuspensamentos.wordpress.com/o-nazismo-era-socialista-ou-capitalista/>

69 <https://lucianoayan.com/2012/07/15/sera-o-nazismo-de-extrema-direita-not-so-fast-junior/>

70 <http://www.mises.org.br/Article.aspx?id=98>

A história da humanidade é sangrenta e já passou da hora de aprendermos algo sobre a tirania coletivista: a ferramenta democrática que tanto admiramos poderá facilmente sofrer distorções e acobertar a patologia conhecida como “ditadura da maioria”.

dia, aplaudiu o fascismo de Mussolini e sua *carta del lavoro*, bastante assemelhada à legislação trabalhista brasileira outorgada por outra personalidade também considerada carismática, populista e autoritária, o já citado Getúlio Vargas (1882-1954). Não porto a intenção de vilanizar ou julgar tais personalidades, muito menos mitigar a importância da ferramenta democrática e a legitimidade da maioria, e nem detenho capacidade para tanto, mas reitero que as lições da história devem ser aprendidas. Portanto, a expressão “*maioria*”, base ideológica da *democracia* que tanto respeito, deve ser estudada e aperfeiçoada, mas jamais santificada ao ponto de configurar-se em dogma político canonizador de quem a pronuncia.

Outro exemplo recente sobre a falibilidade da maioria encontraremos em nós próprios, brasileiros. Continuamente, elegemos pela força da *maioria* muitos corruptos populistas patologicamente vermelhos que saquearam toda uma nação, alguns deles condenados pela Justiça, outros ainda a buscar reeleições sucessivas ou a gozar do fruto do saque à nação, em países vizinhos. Reitero enfaticamente: não estou aqui para vilanizar ou condenar tais seres ou suas motivações, mas, definitivamente, não posso classificá-los como “pueris anjinhos barrocos com harpas e asinhas de algodão doce”. A história da humanidade é sangrenta e já passou da hora de aprendermos algo sobre a tirania coletivista: a ferramenta democrática que tanto admiramos poderá facilmente sofrer distorções e acobertar a patologia conhecida como “ditadura da maioria”. Conhecer os sintomas e atuar profilaticamente se faz necessário, bem como entender os limites da maioria para justamente protegê-la, enfim, conhecer os perigos tirânicos para evitá-los e poupar muito sofrimento para as próximas gerações. Aliás, a ética integral obviamente inclui as gerações vindouras, o resto é ética vazia e retórica reducionista.

Os turquesas não se iludem com máscaras reluzentes. Distinguem os discursos honestos aos populistas. Preocupam-se criteriosamente com políticos sedutores que utilizam palavras agradáveis aos ouvidos, como “democracia” e “justiça social”. Preferem aqueles que assumem claramente que a prioridade número um está na impopular austeridade fiscal para *não hipotecarmos as próximas gerações (ética atemporal ou integral)*, além de focar no corte das indecorosas mordomias dos agentes políticos; e digam explicitamente que nossa dignidade vem do nosso próprio esforço

e trabalho honesto, jamais das chamadas “benesses” sociais, esmolas estatais ou de qualquer ato que onere terceiros ou espolie os pagadores de impostos.

Lembre-se que a vontade da maioria tem limites jurisdicionais e não valida salvo-condutos para ações inescrupulosas e tirânicas. Analisemos outro caso concreto: particularmente, sonho com um mundo sem armas de fogo, que considero horrorosas ferramentas de destruição da vida, mas o contato com a realidade deu-me motivos para recomendar cautela redobrada com a retórica do desarmamento, comumente nos lábios de políticos a ocultar abjeta intenção de facilitar sua dominação ditatorial sobre um povo desarmado e, portanto, desprovido dos meios de resistência antidespótica. Aliás, todos os tiranos modernos implementaram sua tirania com o discurso do desarmamento e da paz. Eis o já citado lobo em pele de cordeiro. Eis o choque do ilusório romantismo esverdeado com a dura verdade fática e pragmática, que somente as consciências amarelas e turquesas avaliam correta e assistencialmente, sempre em contato com os fatos objetivos, nunca baseados em sonhos utópicos. O amor turquesa detém esse notável diferencial: *não se desconecta da re-a-li-da-de*.

Em conclusão e raciocínio sequencial, reitero meu particular desgosto com a necessidade de instrumentos voltados à legítima defesa, sejam muros repletos de ofendículas, arames farpados, câmeras de segurança, alarmes para nossos carros, armas de fogo, portões em nossas propriedades e plantas espinhentas nos limites das nossas casas, mas a questão não deve cair no romantismo ou nas falácias despóticas, a fim de enfrentarmos a situação pragmática: *podemos viver sem trancas em nossas portas? É justo condenar um homem a morrer nas mãos de bandidos sem direito à proporcionalidade reativa e à legítima defesa de sua vida e de sua família? Estaríamos diante de meros conflitos opinativos ou de fatos objetivos?*

A consciência turquesa socorre os agredidos e também os agressores, mas obviamente não os iguala moralmente sob a infame falácia da vitimização social. Reconhece que o planeta esteja bastante atrasado eticamente, mas sabe que isso não basta para eliminar a responsabilidade pessoal por nossos atos. Por fim, respeito os que decidem partilhar *voluntariamente* parte de seus bens privados em relação assistencial, mas não advogo uma

imposição tirânica neste sentido, seja pelos excessos tributários, seja pela força muscular ou pela truculência estatal. Notem, caros leitores, que a gigantesca maioria dos ocupantes de cargos políticos, senão a unanimidade deles, eleitos sob plataformas de políticas distributivistas e desarmamentícias, jamais partilharam suas propriedades, nem dispensam os seguranças armados em seus requintados condomínios. Uma má notícia: a mesma lógica vale para nós, eleitores. *Existe sintonia lógica e ética entre nosso voto e o que fazemos com nosso patrimônio? E mesmo que haja, não seria tirânico impor nossa opção pessoal ao outro?*

“Espera um pouco, autor. Você é contra o distributivismo?”

“Negativo, meu caro leitor. Ajudar o próximo com ‘seu’ tempo ou ‘seu’ recurso material é ação das mais nobres, mas atente para o pronome possessivo que utilizei duas vezes: ‘seu’ tempo e ‘seu’ recurso. Eis o respeito ao livre-arbítrio de cada cidadão. Considero tal ação uma opção personalíssima e assim opto ao dispor do ‘meu’ tempo e dos ‘meus’ recursos neste sentido. Todavia, não julgo ético atentar contra a liberdade das pessoas e impor nossas opiniões ao próximo ou à sociedade. Sou a favor da bondade, mas contra a tirania e o despotismo. Pegou a ideia?”

Enfim, acautelo-me dos que falam sem autoridade moral oriunda do seu próprio exemplo e recomendo atenção triplicada à dissonância ética entre o verbo e a ação, numa espécie de paralaxe cognitiva, onde a teoria não se encaixa na vida efetiva e atitudinal do teórico. Em outras palavras: discurso distributivista, sem a prática atitudinal a cortar na própria carne. Veias com sangue vermelho escuro sob uma epiderme de cores radiantes. Para não repetir a figura do lobo em pele de cordeiro, utilizar-me-ei de uma adaptação analógica: *Leviatã travestido de Beemote*.

Por fim, rogo às entidades turquesas que ocupem urgentemente Ministérios da Cultura, grandes corporações econômicas, *Hollywood*, universidades, escolas, teatros, museus e governos. Enfim, esta coloração urge no meio filosófico, literário e político, seja para limitar o poder estatal e descentralizá-lo a favor do cidadão, seja para moralizá-lo durante o processo e doutrinar o Leviatã tirânico que se contorce em meio à turbulência de suas emoções caóticas e revolucionárias, a cuspir labaredas verborreicas

de colorações sombrias. Termino este tópico distante de certezas e com inúmeras dúvidas: *quando a espiritualidade tocará a política? Quando a teoria espiritualista encontrará eco na prática mundana? Quando o monge da montanha descerá para a cidade? Quando a bondade abraçará o poder e vice-versa?*

A TRANSCENDÊNCIA TURQUESA

O quê? Você já sabe como orientar alguns leviatãzinhos e dar um empurrãozinho nos Beemotes? Corra para a frente do espelho: seus olhos brilham como o amarelado sol. Nossa! Além disso, você ainda colocou ordem no galinheiro cósmico e organizou o caos em grande escala? Congratulations! Felicitaciones! Parabéns! A linguagem ficou em segundo plano. Compre ainda hoje uma passagem para a Islândia e curta a aurora boreal e suas colorações turquesas. Eis uma rápida noção da gama de possibilidades que somente a complexidade turquesa apresenta. Seus desafios cognitivos estão em sintonia com sua irresistível vocação e capacidade para incluir a todos, vocação esta que transcende e estabelece mapas orientadores e traduzidos para a linguagem de cada etapa evolutiva: *da ingênua fadinha púrpura à transcendência integrativa e objetiva turquesa.*

Enfim, o amoroso verde partiu da competição para a cooperação, o versátil amarelo fluíu eficazmente pelas múltiplas perspectivas da Espiral, mas somente a consciência turquesa edificou sua gigantesca ponte entre o simbólico e sua interpretação racional, entre as maravilhosas representações artísticas e a realidade, entre a ciência e a metafísica, enfim, compreendeu nossa composição objetiva como Força e matéria, Espírito e corpo, Alma e físico, Consciência e veículo denso. Os turquesas religaram ou reconectaram o plugue na tomada, mas lamento informar estarmos diante de uma realidade ainda pouco incorporada pelos habitantes deste planeta.

Em outras palavras, o abismo entre o material e o imaterial restou preenchido não apenas por representações simbólicas e subjetivas, mas também pelas ligações fluídicas e energéticas turquesas, tão objetivas e reais como o livro que você segura nas mãos. Eis a gloriosa conexão, o ponto de contato, a religação com aquilo que realmente somos em Essência, motivo pelo qual ecoo neste momento as palavras do notável autor espiritualista Luiz de Mattos e seus atualíssimos ensinamentos: “é preciso

que a humanidade se convença de que, enquanto for puramente materialista, não pode progredir, não pode se sentir feliz, não pode gozar daquela paz de espírito que só gozam aqueles bem formados e que têm a consciência do dever cumprido”.⁷¹

Na Filosofia, ao invés de combates destrutivos, teremos o reconhecimento de valores em evolução gradual. Da força física à retórica sofista, e desta para a busca da verdade advogada pela notável trinca filosófica – Sócrates, Platão e Aristóteles – e sucessores do porte e envergadura moral de Agostinho e Aquino. Nesta hierarquia, nenhum nível é desprezado ou vilanizado destrutivamente, ao contrário, todos eles passam por evoluções éticas sequenciais, em que os patamares mais evoluídos auxiliam os mais primitivos.

Portanto, a retórica persuasiva sofista é superior à disputa pela força bruta, mas infinitamente inferior ao diálogo socrático em busca da verdade. É interessante notar que, tanto na etapa amarela como na turquesa, os termos “inferior” e “superior” perdem sua conotação pejorativa para significar simplesmente um recurso linguístico positivamente liberado de imaturos melindres ou preconceitos. Tudo se encaixa em níveis evolutivos, hierárquicos e progressivos. Nesta estrutura turquesa, a conservação do nível anterior transcende moralmente a sua destruição revolucionária, pois conserva a estrutura piramidal essencial para toda a dinâmica da Espiral.

Finalmente, emerge a paz entre os pensadores do passado e do presente, cujas críticas não dispensam o reconhecimento, e até mesmo nosso agradecimento, pela importância evolutiva que os primeiros tiveram naquele contexto histórico específico. Além do mais, talvez o passado tenha estruturado, de alguma forma, um caminho para teorias mais acertadas e superiores, quão mais próximas da verdade e da moralidade estiverem. Portanto, não desprezo a importância das teorias ditas ultrapassadas e até mesmo reconheço sua utilidade histórica e contextualizada, mas não deixo de classificá-las hierárquica e comparativamente com outras, a estabelecer graduações superiores e inferiores, melhores ou piores, cos-

71 Luiz de MATTOS, *Clássicos do Racionalismo Cristão*, 2007, p. 140.



movisionárias ou reducionistas; não por ideias “pré-conceituais”, fontes de ridículos preconceitos, mas sim por análise ontológica do próprio conceito, seguida de reflexões pós-conceituais inseridas numa axiologia moral objetiva.

Do filosófico para o ideológico, o passo não é tão grande assim. A inegável prosperidade material oportunizada pelo liberalismo clássico e seus expoentes (Smith, Rand, Hayek e Mises, entre outros), bem como a coisificação reducionista e hediondamente materialista do comunismo de Marx e Engels, trouxeram-me importantes reflexões: ambas as correntes antagonistas parecem-me aprisionadas na escura caverna rochosa da materialidade, na eterna contenda entre esquerda e direita, revolta e estabilidade, enfim, Leviatã e Beemote, e no aguardo do toque conectivo com uma consciência superior e libertadora de ambos.

Portanto, a despeito de minha confessada e *infinita* predileção pelo livre mercado e minha completa descrença em excessos estatizantes e suas despóticas intromissões, concluí que ambas as perspectivas “apenas” disputam quais seriam os melhores caminhos para a prosperidade material, o que deixa gigantesca lacuna em torno da Transcendência ou da Espiritualidade, como queiram nomear, e sua perspectiva sobre a Moralidade, o Mérito e a Justiça. Aliás, a deturpação materialista e sua ignorância frente nossa essência espiritual foi objeto de advertência de grandes personalidades que tanto reconheço, às quais manifesto minha gratidão e homenagem ao transcrever três pequeninos trechos de seus grandiosos ensinamentos registrados pela história e relacionados ao nosso tema:

“O maior mal é a ignorância da verdade.”⁷² Platão (428/427-348/347 a.C.)

“Só a verdade vos fará livre.”⁷³ Jesus, o Cristo.

“Distinguir o falso do verdadeiro é o único meio de ver claras as ações e de caminhar, com segurança, nesta vida.”⁷⁴ Descartes (1596-1650).

72 Galdino R. de ANDRADE. Luiz de Mattos, sua vida, sua obra. Rac Cristão; 2010. p. 153.

73 Ibid.

74 Luiz de MATTOS, Racionalismo Cristão, p. 17.

Entretanto, onde estará a verdade espiritual? Nas adorações púrpuras dos elementos da natureza ou nas venerações azuis? No materialismo científico laranja ou na pureza romântica verde? No epifenômeno randômico ou no ordenamento inteligente do cosmos? Prefiro pensar que esta Verdade esteja nas amareladas particularidades da justiça meritória; na irretorquível relação de causa e efeito dos porquês turquesas; nas conexões entre liberdade individual e solidariedade coletiva; no ponto de contato entre livre-arbítrio e honradez; na capacidade macroassistencial e suas ferramentas que unem potenciais qualitativos e otimizações quantitativas; no desenho inteligente do cosmos e, finalmente, nas inspirações que transcendem nossa própria capacidade intelectual, o que nos leva a questionar seriamente sobre os limites dos pedregulhos materiais, e nos levará, por fim, ao constructo lógico de uma existência imaterial objetivamente transcendente: a Força, o Espírito, a Essência, a Alma, a Consciência ou o significativo que preferir o leitor.

Portanto, urge pensarmos além das filosofias, políticas, culturas ou ideologias materialistas, obviamente sem desprezar a importância das mesmas, a fim de inserirmos em todas as jurisdições – cultural, política, filosófica, médica, sociológica, econômica, antropológica, jurídica etc. – o transcendente valor da espiritualidade e, derradeiramente, libertar nossas Consciências para novos patamares existenciais. Neste diapasão, as disputas entre perspectivas materialistas limitar-se-iam pela busca da prosperidade material (Mises *versus* Marx, Beemote *versus* Leviatã, Mérito *versus* Inveja, Trabalho *versus* Parasitismo), enquanto uma outra categoria, bem acima e ainda pouco explorada, refletiria sobre a axiologia de valores morais e méritos *espirituais*, que somente poucos integrantes do planeta apresentam-se em condições de compreender ou aceitar, muito menos de aplicar eficazmente. Entre estes evoluídos Espíritos, algo em comum no campo moral: a consciência turquesa.

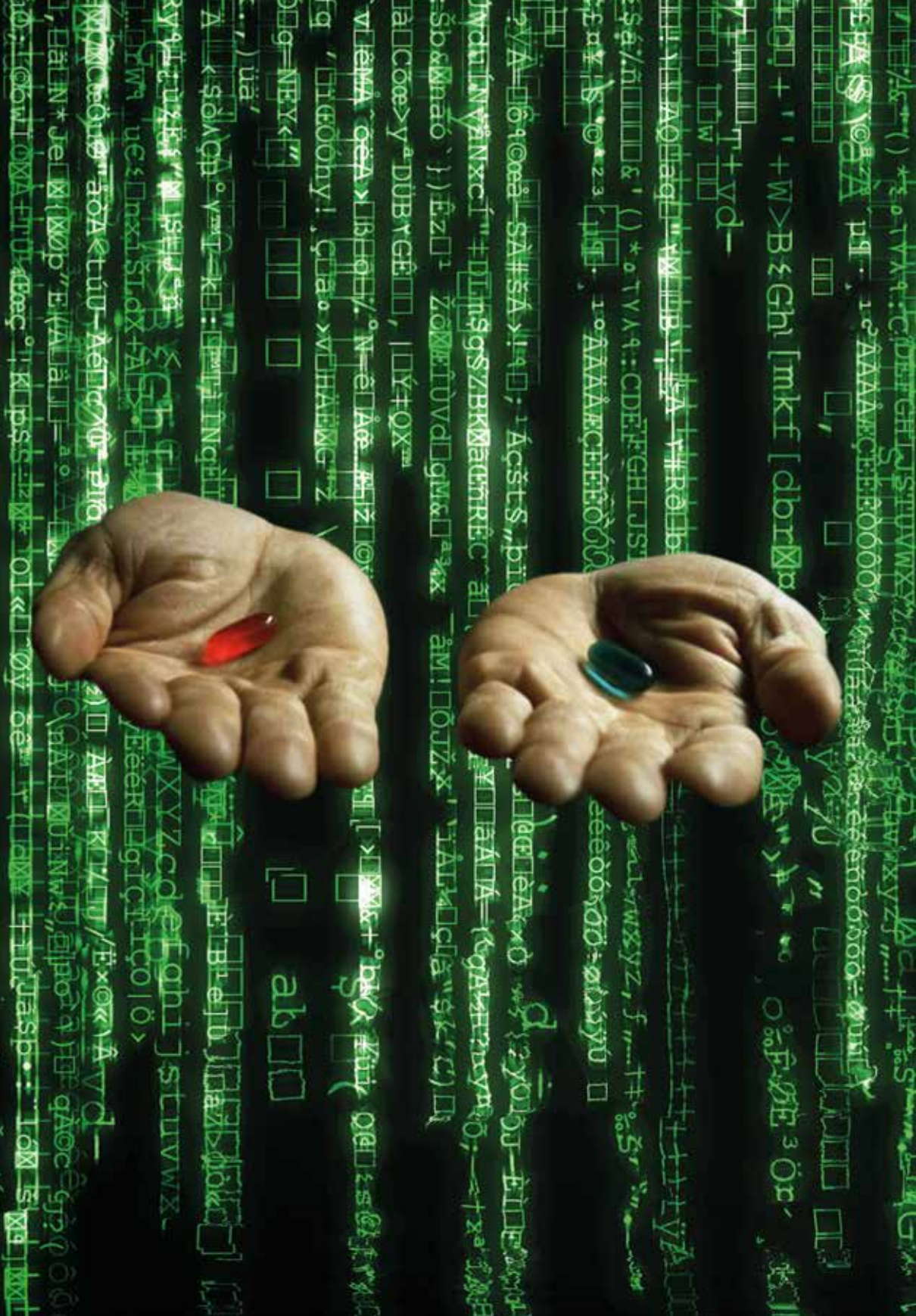
Confira seu *Twitter*:



#você_é_o_cara@e_agora?



TERMINE!
E AGORA?



“Ei, autor, entendi seu livro, mas para que serve tudo isso?”

“Caríssimo leitor, antes de mais nada, outorgo-te minha admiração e cumprimentos pela coragem, paciência e perseverança, qualidades necessárias para vencer a leitura desta obra. Sua pergunta é estrondosamente pertinente e remete-nos às nossas tarefas personalíssimas, pois colocar em prática um conhecimento é desafio consideravelmente maior do que apropriar-se intelectualmente dele.”

Esta intrigante pesquisa, patrocinada inicialmente por Clare Graves, trouxe-nos provocações filosóficas e informações que julguei evolutivamente essenciais e intelectualmente estimulantes. Meu trabalho concentrou-se na explanação o mais didática e bem-humorada possível dessas constatações, além de complementar com conceitos e propostas filosóficas de minha própria autoria. Apesar de manter certa fidelidade às fontes pesquisadas, toda a obra foi concebida a partir de minha perspectiva personalíssima e inspirada não apenas em situações fictícias, mas, na sua grande maioria, em circunstâncias por mim vivenciadas.

Uma de minhas principais metas foi um desenvolvimento ascendente e espiritualmente evolutivo, em abraço fraterno e respeitoso, não somente com as demandas individuais como também com as necessidades coletivas. Eis o equilíbrio entre nossas vontades e nossos limites, entre o pessoal e o social, enfim, entre o privado e o público.

Somos detentores de livre-arbítrio e podemos desejar tudo aquilo que quisermos, mas nem tudo nos convém. Aristóteles preferiu, nitidamente, a experiência à mera teoria, enfim, a realidade – ainda que dura – à ilusão pueril. Entre a realidade e o imaginário, podemos exercer nossa faculdade existencial conforme apontar nossa consciência, mas as consequências de nossos atos... bem, você sabe... cairão todinhas em nossos colos. Entre as pílulas do filme de ficção científica *Matrix*,⁷⁵ opto por ingerir aquela que me leva ao mundo real. Em suma, valido os territórios da relatividade e da subjetividade, mas também legítimo seus limites jurisdicionais, ou

⁷⁵ Ficção científica onde existem dois mundo paralelos, sendo a “Matrix” uma referência ao mundo ilusório, uma espécie de toco reflexo do mundo real.

seja, reconheço suas fronteiras a partir das quais encontraremos a realística objetividade.

Em geral, os amantes da subjetividade adoram termos como *progresso*, *evolução* ou *crescimento*, mas se esquecem que problemas e patologias – entre as quais até mesmo um câncer – também podem *progredir*, *evoluir* ou *crescer*. Daí a necessidade de detalharmos que tipo de evolução estamos a desejar. Particularmente, aprecio essas expressões quando estão bem acompanhadas, por exemplo: *progressão espiritual*, *evolução intelectual* ou *crescimento assistencial*.

Outra preocupação deste autor, tanto para os níveis mais individualistas – a sobrevivência bege, a independência vermelha e a estratégia laranja – como para os níveis mais coletivistas – a irmandade púrpura, o regramento azul e a sensibilidade do politicamente correto verde – foi a delimitação de suas respectivas fronteiras. Ao contrário do que possa parecer, tais limites não encarceram, mas sim libertam tais níveis para viverem plena e conscientemente nas suas jurisdições. Seus excessos despóticos encontram justa resistência, consubstanciada na provocação filosófica do paradoxo da liberdade, também conhecido como paradoxo da tolerância, que nos impõe a intrigante questão: *deveríamos tolerar a intolerância?* Portanto, podemos economizar muito sofrimento se atuarmos de forma integrativa, transcendente e inclusiva. Meu personagem Tony que o diga! Nada mais libertador do que termos conhecimento sobre nossas respectivas áreas de atuação e sabedoria para nos mantermos nelas.

A compreensão sobre a Espiral e sua estimulante dinâmica ajudará na solução destes paradoxos marotos e apresentará proposições transcendentais, preferencialmente com um aproveitamento dos aspectos edificantes de cada nível e com novas possibilidades advindas da seguinte sabedoria: *transcendência não é ruptura*. Trata-se de uma visão fraterna, integrativa, inclusiva, ampla e muito distante das limitadas perspectivas reducionistas, a partir das quais estas últimas apontam o dedo crítico para o reducionismo alheio, sem perceber o seu próprio.

A amplitude da consciência turquesa permite-nos o deleite de enxergar-nos como um camaleão no caleidoscópio cósmico e suas mais diversas nuances, perspectivas e contextos, tudo isso desprovido das pueris fan-

tasias de um saudosismo regressivo. Feliz ou infelizmente para nossos irmãos evolutivos roxos ou vermelhos, e gostem ou não nossos amigos azuis, laranjas ou verdes, existem realidades naturais – sejam elas transcendentes ou materiais – às quais estamos sujeitos, como as já citadas leis de causa e efeito, da atração, da gravidade, além de nossos aspectos biológicos, entre outras. A existência dessas *realidades* em nosso processo evolutivo impõe-se independentemente das necessidades de sobrevivência, de segurança, de poder, de ordem, de sucesso ou de partilha solidária. A boa notícia é que esta mesma realidade poderá ser gloriosa ao aceitarmos o bom, o belo e o verdadeiro de cada etapa desta empolgante Espiral.

Nutro a esperança de que o amigo leitor tenha notado, na personalidade agridoce de minha personagem Linda, um drible eficaz para a censura do politicamente (in)correto. Ela enfrentou corajosamente os adoradores de Peter Pan, com sua roupinha verde, o manto púrpura do curandeiro e tudo mais. Linda expôs com firmeza os respectivos delírios da purpurina e da cortina de fumaça que disfarçam a imaturidade reducionista. Minha querida personagem iniciou o debate franco e incomodou os perfumados filósofos de gabinete e a turma do ar-condicionado.

E agora, um brinde às maravilhas espiraladas! Mesmo que você, prezado leitor, pense que a pílula da realidade seja um tanto indigesta, porto a espetacular lembrança de que as ferramentas positivas de cada nível também são reais e extremamente funcionais: a fraternidade do espírito esverdeado envolve, cativa e comove com sua sutileza e amabilidade; a prosperidade laranja produz ciência, conhecimento e conforto material; a firmeza azul distingue o certo do errado e restringe eventuais excessos abusivos; a coragem e o ímpeto vermelho desenvolvem a autonomia libertadora; a capacidade lúdica púrpura consola e acalenta e, finalmente, o instinto de sobrevivência bege trabalha duro para a preservação da vida.

Sabemos que as amareladas virtudes da efetividade, do pragmatismo, do realismo, da eficiência e da real abrangência integrativa são traços ainda incompletos aos nossos companheiros navegadores das águas reducionistas. Todavia, *ladies and gentlemen*, a memorável ponte que nos leva às águas mais translúcidas da visão integral já se encontra bem edificada através do que aprendemos nesta obra. Agora só depende de nós. Este caminhar

A fraternidade do espírito
esverdeado envolve, cativa
e comove com sua sutileza e
amabilidade; a prosperidade laranja
produz ciência, conhecimento
e conforto material; a firmeza
azul distingue o certo do errado
e restringe eventuais excessos
abusivos; a coragem e o ímpeto
vermelho desenvolvem a autonomia
libertadora; a capacidade lúdica
púrpura consola e acalenta
e, finalmente, o instinto de
sobrevivência bebe trabalha duro
para a preservação da vida.

evolutivo do reducionismo para o integralismo, dos extremos para o centro e dos fanatismos para a serenidade reflexiva é o grande convite deste autor para você que segura este livro.

Para todos que fugirem da minha amada Linda, o mundo de Matrix será sua moradia por mais algum tempo. Estou consciente de que minha personagem foi... digamos assim... um tanto contundente. Ela chutou-nos e empurrou-nos para fora da nossa zona de conforto, não raro com suas doloridas cotoveladas, mas seu propósito foi honrado. Posso garantir que minha Linda os ama, queridos leitores. Ela os ama tanto que resolveu agir em nome desse amor. Apesar de sua árdua tarefa ao enfrentar o politicamente (in)correto e todos os desafios que envolvem o esclarecimento, ela procurou despertar-nos do coma evolutivo e ofertar-nos a benção e o castigo, a delícia e a dor, enfim, o bônus e o ônus daquela palavrinha que tanto reiterei nesta obra: *realidade*.

Aos meus queridos leitores amarelados e turquesas: conheço a solidão intelectual que vocês sentem e desejo que recebam esta obra como um fraterno e cordial abraço deste amigo de jornada, que também gosta de paquerar as cores integralistas, no estilo do nosso também querido personagem Tony. Às demais cores, do bege ao verde, expresso minha compaixão solidária, mas enxergo suas perspectivas de mundo exatamente como se apresentam a mim: *reducionistas*. Não é vergonha para ninguém passar por essas fases, mas ficar nelas por muito tempo pode ser um pouquinho constrangedor. De qualquer forma, entendi que a etapa evolutiva que chamarei de integralista – ou espiritualista, como queiram – demanda fibra, firmeza de caráter, propósitos definidos e *objetivamente* voltados ao bem.

Em outras palavras, a cosmovisão espiralada e a verdadeira espiritualidade não estará ao alcance para homens ou mulheres com estrutura moral de papel, mas sim para aqueles com clareza moral e, principalmente, envigadura ético-atitudinal de aço inoxidável. Ainda em palavras azuladas: o mal está muito atrevido e o bem anda muito tímido e deveras cordato. Precisamos acreditar mais na bondade e agir em nome da citada trinca de ouro: o bem, o belo e o verdadeiro. Em palavras mais didáticas: o ético, o estético e o científico. *Fizeste a conexão com a obra?* Aí vai outra dica: o moral, o subjetivo e o objetivo. Sim, caro leitor e querida leitora, podemos

ficar com todas essas maravilhas, desde que respeitemos as respectivas áreas de atuação de forma racional e equilibrada.

O fato de estudarmos a espiritualidade e entrarmos em contato com a nobreza e a magnitude de seus benéficos propósitos não nos impede de olharmos aspectos mais sombrios da realidade material. Minha sugestão para não entrarmos em sintonia destrutiva com os problemas mundanos, através da lei da atração, está na boa higiene mental e em práticas espiritualistas de alto nível, jamais na alienação. Portanto, convido todos os queridos leitores a agirem no mundão em que vivemos pela motivação turquesa, que é diferente das demais, pois não age exclusivamente pela sobrevivência, pela irmandade, pela autonomia, pela ordem, pela prosperidade ou pela sustentabilidade, mas inclui todas essas demandas.

“Agora chega, autor. Fale de uma vez qual a motivação turquesa, pelo amor de Deus! Por que os turquesas partem para a ação, expõem-se às críticas e enfrentam, altivos e serenos, tantas dificuldades e desafios?”

A resposta é simples. Por mais piegas que possa parecer, o grande motor atitudinal turquesa parece-me estar baseado no amor. Pensei numa forma gloriosa para escrever essa palavra, mas sua simplicidade transborda, transcende e supera a necessidade de qualquer adorno literário. O amor moverá o nível turquesa e sua abnegação altruísta gerará maravilhosos frutos e confortante retorno em paz espiritual. Na falta de melhores termos para descrever a transcendência ao eixo egoísmo-altruísmo, valho-me de um trecho da jocosa interpretação musical de Jorge Ben Jor: “se malandro soubesse como é bom ser honesto, seria honesto só por malandragem.”⁷⁶ Porto a intuição de que, ao fazer pelos demais, encontraremos a nossa própria felicidade. O abraço integral e fraterno envolve, mais uma vez, os pronomes “eu” e “tu”, “nós” e “vós”, para um inesquecível, abundante e esplendoroso oceano a transbordar infinitas e iluminadas virtudes.

Provavelmente, alguns leitores considerarão este ou aquele nível mais atrevido ou incômodo. Se esse for o seu caso, querido leitor, sugiro amo-

⁷⁶ Jorge BEN JOR. Caramba... Galileu da Galileia.

rosamente que você o estude ainda com mais afinco e determinação, pois talvez seja justamente tal etapa evolutiva o seu calcanhar de Aquiles existencial. Talvez estejamos diante do aspecto existencial ao qual você deva dedicar maior atenção. Ao invés de tristezas ou melindres, vale a pena esboçarmos um sorriso sereno para nossas imaturidades, reparar nossos equívocos e evitar os próximos. Podemos sacudir a poeira e eliminar nossos reducionismos o mais breve possível. Ao escrever esta obra, muitas vezes fui aos risos com nossa *pop-star* Linda, com toda a sua franqueza argumentativa e bom-humor despojado ao mandar-nos crescer e permitir que nosso “egozinho” imberbe virasse um “adultozinho”. Ela é realmente osso duro de roer e sabe como ninguém sacudir-nos para fora de nossas confortáveis poltronas, mas também soube como extrair boas risadas deste que vos escreve.

Os didáticos sacudimentos de Linda trouxeram-me a importância do respeito e preservação de todas as etapas da Espiral, cada qual em seu nível evolutivo e cada nível com suas virtudes e patologias específicas. Ao evoluirmos nos seis primeiros níveis (do bege ao verde), abandonamos todos os aspectos da etapa anterior, o que descrevi pela expressão “jogar o bebê com a água do banho”. Tecnicamente, já sabemos que o termo para isso é *reducionismo*. Os níveis amarelo, turquesa e eventuais superiores, diferentemente, absorvem o lado positivo de cada camada e descartam apenas e tão somente seus aspectos sombrios. Eis a gloriosa *maturidade evolutiva* do cidadão espiritualmente consciente, transcendente e inclusivo.

O leitor mais atento deve ter notado que dispensei maior atenção às patologias verdes, pois são as mais sutis e também pelo fato de integrarem o último nível reducionista. A esmagadora maioria das pessoas do meu convívio, encontradas em alguns grupos de estudos transcendentais e na maioria dos ambientes escolares e universitários que pesquisei, estão a um passo da visão integral, mas ficam perdidas no labirinto de espelhos reducionistas. Nesses locais, constatei, sem muita dificuldade, o sedutor canto da sereia esverdeado e o vírus altamente contagioso do narcisismo, que Wilber chamou jocosamente de “*boomerite*”.

Detectei que a inocência e o reducionismo verde representam uma espécie de gargalo evolutivo e um bloqueio das medidas mais eficientes para



Nossa parte, enquanto indivíduos singulares, está no autoconhecimento para identificarmos nossas virtudes e também nossos aspectos mais opacos. Num segundo passo, sugiro o destemido autoenfrentamento para extirpação cirúrgica daquilo que não nos enobrece e o polimento das nossas virtudes, a fim de destacá-las ainda mais. Façamos isso o quanto antes, sem escapismos. Lapidemos nossas arestas com virtuosos pensamentos, sentimentos e ações cada vez mais transcendentais e inclusivos.

uma efetiva ajuda amorosa para todos os níveis da Espiral. Quando os reducionistas ocupam os principais cargos políticos, institucionais, educacionais e governamentais, emerge o perigo de que as ideias ineficazes encontrem ferramentas e potencial para os grandes estragos. No mundo atual, os problemas mais comuns orbitam em torno do repúdio desmedido – e até mesmo segregação – dos nossos irmãos azuis e laranjas. A ingenuidade verde deságua no inchaço vermelho pela mitigação das instituições de contenção azulada, além de sua digital estar em todas as cenas dos delitos em torno das crises econômicas mundiais, ocasionados pela exagerada condenação da criatividade, da prosperidade e da estratégia alaranjada, entre outros motivos.

Se você já entendeu tudo isso e ficou um tanto incomodado com a ignorância reducionista, convido-o novamente à serenidade outorgada pela reflexão evolutiva no sentido de que todos estamos a caminho da maturidade, uns mais adiantados e outros menos, uns mais lentos e outros mais velozes... Sugiro degustar e refletir sobre os valores saudáveis de cada nível e colocá-los em prática de forma a servir eficazmente a você, querido leitor, e também a toda a humanidade. Individualidade e coletividade em harmonia, fenômeno prazerosamente visto mais uma vez nesta obra. Eventual discordância num ou noutro ponto é notadamente natural e renderá importantes detalhamentos a serem oportunamente debatidos em cada uma de suas filigranas, mas sem diminuir a magnitude dos benefícios da cosmovisão integrativa desta nossa maravilhosa e exuberante diversidade quantitativa e qualitativa. Sim, caríssimo leitor, leste corretamente, *qualitativa*.

Nossa parte, enquanto indivíduos singulares, está no autoconhecimento para identificarmos nossas virtudes e também nossos aspectos mais opacos. Num segundo passo, sugiro o destemido autoenfrentamento para extirpação cirúrgica daquilo que não nos enobrece e o polimento das nossas virtudes, a fim de destacá-las ainda mais. Façamos isso o quanto antes, sem escapismos. Lapidemos nossas arestas com virtuosos pensamentos, sentimentos e ações cada vez mais transcendentais e inclusivos.

Nas horas de baixo astral, lembremo-nos de nossos altivos atributos positivos e da capacidade laboriosa e evolutiva de nosso espírito, mas se a

vaidade bater em nossa porta, recordemo-nos do oceânico aprendizado que ainda nos falta para lidarmos com nossos ranços deficitários. Eis as dores e as delícias da vida e o necessário equilíbrio evolutivo para seguirmos em frente. Tenho consciência do enorme trabalho ainda por fazer, mas compartilho e irradio a energia vibrante que sinto neste momento, cuja descrição em palavras exigiria inspirações poéticas que fogem à minha limitada capacidade.

Por fim, termino esta obra com a ousadia de uma sugestão para você, meu prezado leitor ou leitora: pense a sua maneira, mas sempre atrelado à realidade e à coragem para buscar a verdade. Em outros termos: mente na transcendência e pés firmes na rocha. Repense eventuais crenças fanatizadas e excessivamente coletivistas-igualitárias ou, no extremo oposto, demasiadamente individualistas-isolacionistas. Se você estranhou a crítica ao exagero coletivista, mas concordou totalmente com os excessos individualistas, sugiro atenção triplicada. Corra para o espelho agora mesmo. Aposto que seu rosto ainda está todo esverdeado.

Evoluir pelo caminho do meio e da prudência está longe de ser fobia decisória ou isenção deficitária, mas sim uma opção firme e serena pela moderação, pela prudência e pelo equilíbrio. Não sejamos um ditadorzinho mandão, nem tampouco uma vaquinha de presépio. Nem um leão diante dos fracos, nem um cordeiro diante dos fortes. Aliás, ao utilizarmos nosso livre-arbítrio de forma espiritualmente solidária, edificante, fraterna, amorosa e, principalmente, equilibrada, distanciamo-nos dos extremismos, dos radicalismos e dos fanatismos.

Longe de não escolher lado nenhum, trata-se da escolha firme pelo respeito conservador da boa base para edificarmos nosso sólido e estruturado arranha-céu da efetividade integrativa, ao invés de um castelo de cartas na areia movediça da mera intencionalidade. Urge, portanto, reconhecermos a legitimidade e também os limites de cada território, mas alinharmos os interesses de forma tolerante e amável. O abraço integral alcança o coletivo e o indivíduo; o intencional e o comportamental; o cultural e o social; enfim, aspectos interiores ou exteriores. Aos individualistas avermelhados, a própria vida apresentará cassetetes azuis. Aos excessivamente coletivistas e seus incautos seguidores, estejam esverdea-

dos, azulados ou eventualmente com bolinhas púrpuras, presenteio-os com a tradução livre da música intitulada *My Way*,⁷⁷ que orbita entre os universos de maior autonomia alaranjada e integração amarelada. Ouça-a e reflita sobre seu significado à sua própria maneira.

A estimulante letra dessa canção, tanto na imortal voz de Frank Sinatra, bem como na incrível interpretação do igualmente talentoso Elvis Presley, ou ainda através da notável trinca de tenores – Plácido Domingo, José Carreras e Luciano Pavarotti – inspira-nos a combinar aspectos de uma individualidade positiva, tanto da ousadia vermelha, como da estratégia laranja e da desejada interação amarela. Tudo em sensível e cordial motivação para que nossos primos reducionistas possam abandonar as amarras das versões do politicamente (in)correto, impostas pelo pensamento massificado de uma época, e expandirem suas consciências para muito além da Matrix fantasiosa das festivas ilusões.

Alguém poderia perguntar-me em tom crítico: “*poxa, autor, você deu muito mais atenção ao reducionismo coletivista! E o reducionismo individualista?*”. Àqueles que me fizerem essa pergunta, confesso que deleguei mais atenção ao reducionismo coletivista pela menor obviedade do mesmo. O exagero individualista, embora tratado por mim nos níveis vermelho e laranja, evidencia-se com mais facilidade e, por isso, minha menor ênfase sobre esse tema nesta obra. Vale dizer: embora o despotismo individualista também seja objeto de minha preocupação, o desafio atual está na compreensão da psicologia da tirania coletivista do “grande Nós”, que sufoca e esmaga o livre-arbítrio individual do “pequenino Eu” na parede rochosa da materialidade. É preciso a conjugação das ferramentas do amor e da assertividade para que possamos finalmente entender os porquês turquesas.

Em linguagem direta e sem maiores rodeios ou delongas: advogo encarmarmos os fatos estampados à nossa frente desprovidos dos reducionismos de qualquer natureza, individualistas ou coletivistas – *the final curtain* – para também atuarmos objetivamente sobre a realidade com a majestosa competência dos indivíduos mais ligados à liberdade, à autonomia e à

77 Claude FRANÇOIS, Jacques REVAUX e Paul ANKA.

MY WAY MEU JEITO

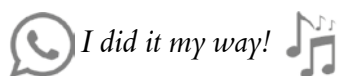
And now, the end is near	E agora, o fim está próximo
And so I face the final curtain	E portanto encaro o desafio final
My friend, I'll say it clear	Meu amigo, direi isso claramente
I'll state my case, of which I'm certain	Exporei meu caso, do qual estou seguro
I've lived a life that's full	Eu tenho vivido uma vida completa
I've traveled each and every highway	Tenho viajado por todos os rumos possíveis
And more, much more than this	E mais, muito mais que isso
I did it my way	Eu fiz do meu jeito
Regrets, I've had a few	Arrependimentos, tenho experimentado alguns
But then again, too few to mention	Mas enfim, tão poucos que sequer menciono
I did what I had to do	Eu fiz o que eu tive que fazer
And saw it through without exemption	E arrisquei-me a ver através de tudo
I planned each charted course	Eu planejei cada percurso do mapa
Each careful step along the byway	Cada passo, cuidadosamente, pela trilha
And more, much more than this	E mais, muito mais que isso
I did it my way	Eu fiz do meu jeito
Yes, there were times, I'm sure you knew	Sim, houve tempos, estou certo que você sabia
When I bit off more than I could chew	Quando eu quis mais do que podia
But through it all, when there was doubt	Mas apesar disso tudo, quando houve hesitação
I ate it up and spit it out	Eu reassumi o controle e segui em frente
I faced it all and I stood tall	Eu encarei tudo e continuei altivo
And did it my way	E fiz do meu jeito
I've loved, I've laughed and cried	Eu tenho amado, sorrido e chorado
I've had my fill, my share of losing	Tenho cometido falhas e participado das perdas
And now, as tears subside	E agora, como as lágrimas diminuem
I find it all so amusing	Eu acho tudo tão engraçado
To think I did all that	E pensar que eu fiz tudo isso
And may I say, not in a shy way	E devo dizer, sem timidez
Oh no, oh no not me	Ah não, ah não, eu não
I did it my way	Eu fiz tudo do meu jeito
For what is a man, what has he got?	E para que serve um homem, o que ele possui?
If not himself, then he has naught	Senão ele mesmo, sem o que ele não tem nada
To say the things he truly feels	Para dizer coisas que ele verdadeiramente sente
And not the words of one who kneels	E não palavras de quem se ajoelha
The record shows, I took the blows	Os registros mostram que assimilei os golpes
And did it my way!	E fiz do meu jeito!

justiça meritória. Uma lembrança importante: ao falarmos sobre mérito, cabe-nos reiterar a questão das oportunidades. *Afinal, o mundo é injusto?* As vertentes materialistas tenderão a confirmar a injustiça mundana. Entretanto, se abraçarmos a transcendência, a espiritualidade e as leis de causa e efeito e da atração, nossa consciência abrir-se-á para uma visão baseada em novas premissas e, evidentemente, com diferentes possibilidades. Pondere a hipótese, caro leitor, de você estar exatamente onde deveria e com todas as oportunidades que merece. Dói no início, mas a estrondosa capacidade de nosso espírito pode superar todas as dificuldades, criar suas próprias e novas oportunidades e, por fim, traçar seu próprio caminho.

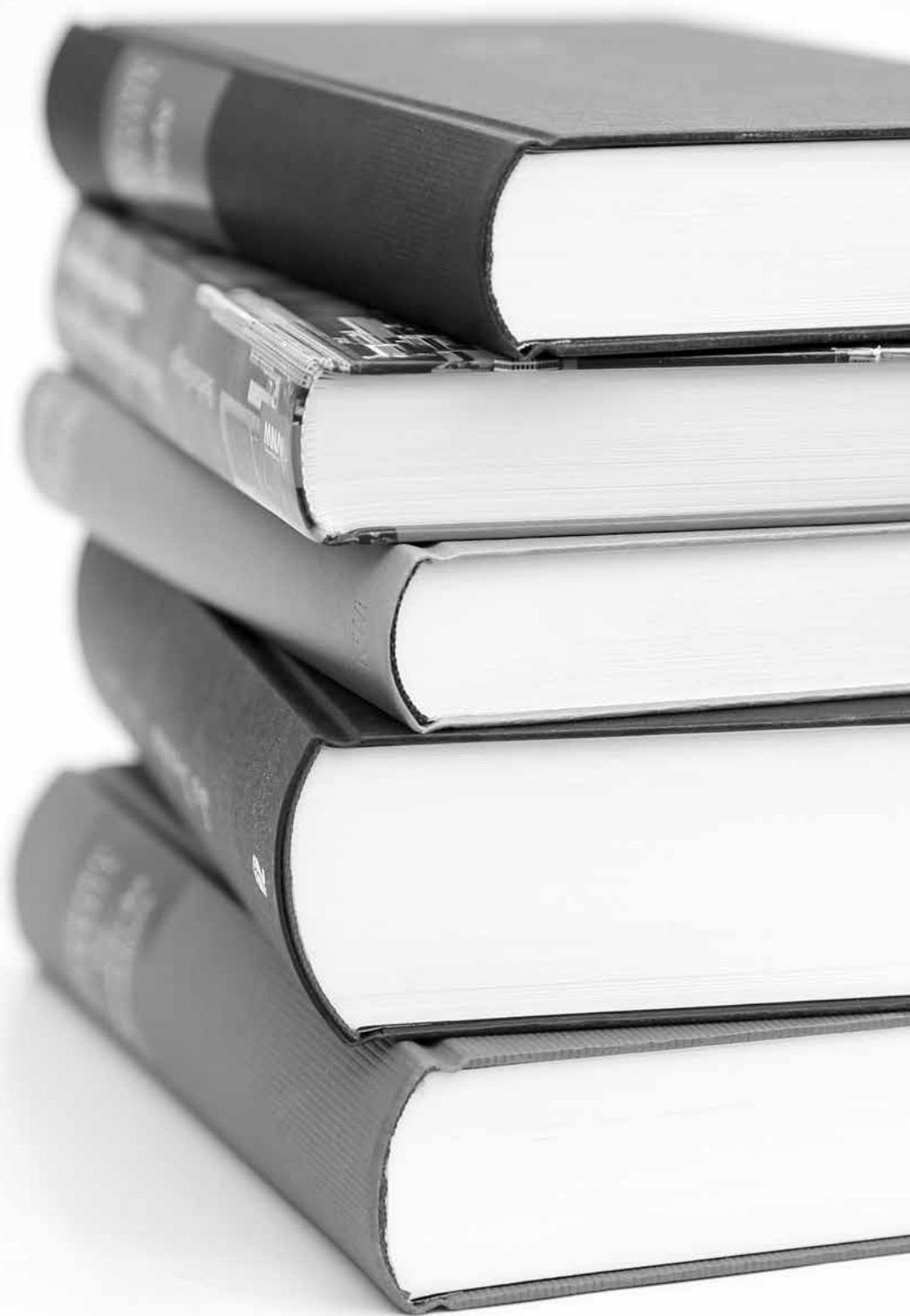
Finalmente, podemos construir pedestais morais oriundos da integração de valores positivos e cavar masmorras ao vício despótico do autoritarismo coletivo (nós podemos tudo) ou individual (eu posso tudo). Nem o indivíduo, nem o coletivo podem tudo, pois existem limites jurisdicionais em cada esfera de atuação. A nobreza altruísta e integrativa finalmente encontra acolhimento no livre-arbítrio assistencial *fá-cul-ta-ti-vo*, com o perdão por mais essa redundância.

Em suma e de forma derradeira, a nossa individualidade integrativa aplaude a também integrativa coletividade e vice-versa. *Querido leitor, lembra do beijo revelador entre Linda e Tony?* Pois é... Chegou a gloriosa e épica hora de irmos do parasitismo à simbiose, do reducionismo à integração e da disputa à cooperação. Assim, estimo a todos que se manifestem de forma peculiar, a permitir ao mundo o conhecimento da incrível *singularidade* existente em cada um de nós, mas sempre em harmonia com nossas também reconhecidas *similaridades* e necessidades coletivas. De minha parte, modestamente, outorgo a você a presente obra.

A propósito, uma última mensagem melodiosa para seu *WhatsApp*:



BIBLIOGRAFIA & CRÉDITOS



BIBLIOGRAFIA

1. Adam SMITH. A riqueza das nações. Martins Fontes (SP): 2003.
2. Ayn RAND. A revolta de Atlas. Arqueiro (SP): 2010.
3. Don Edward BECK e Christopher COWAN. Dinâmica da Espiral. Editora Piaget: 1996.
4. Don Edward BECK e Christopher COWAN. Spiral Dynamics. Blackwell: 1996.
5. Edmund BURKE. Reflexões sobre a revolução francesa. Edipro (SP): 2014.
6. Friedrich ENGELS. A origem da família, da propriedade privada e do Estado. Bestbolso: 2014.
7. Ervin LASZLO. Evolução: a grande síntese. Editora Piaget: 1994.
8. Friedrich HAYEK. O caminho da servidão. Edições 70: 2009.
9. G. K. CHESTERTON. Ortodoxia. Mundo Cristão: 2008.
10. Galdino R. ANDRADE. Luiz de Mattos, sua vida, sua obra. Rac Cristão; 2010.
11. J. A. MARTINS. Em honra dos sofistas. Jornal A Razão: Outubro-2016, p. 9.
12. Karl R. POPPER. A sociedade aberta e seus inimigos. Itatiaia Editora: 1998.
13. Ken WILBER. A união da alma e dos sentidos. Cultrix: 2001.
14. Ken WILBER. A visão integral. Cultrix: 2009.
15. Ken WILBER. Éden: queda ou ascensão? Versus; 2010.
16. Ken WILBER. Espiritualidade integral. Alpeh: 2006.
17. Ken WILBER. Graça e coragem. Gaia: 2007.
18. Ken WILBER. O espectro da consciência. Cultrix: 1977.
19. Ken WILBER. O olho do Espírito. Cultrix: 2005.
20. Ken WILBER. Psicologia integral. Cultrix: 2002.
21. Ken WILBER. Um Deus social. Cultrix: 1993.
22. Ken WILBER. Uma Breve História do Universo. Nova Era: 2001.
23. Ken WILBER. Uma teoria de tudo. Cultrix: 2003.
24. Ken WILBER. Boomerite. Madras: 2005.
25. Ludwig Von MISES. A mentalidade anticapitalista. Vide Editorial: 2015.
26. Ludwig Von MISES. As seis lições. Instituto Liberal: 1989.
27. Ludwig Von MISES. Liberalismo segundo a tradição clássica. Instituto Liberal: 1987.
28. Ludwig Von MISES. Marxismo desmascarado. Vide Editorial: 2016.
29. Ludwig Von MISES. Uma crítica ao intervencionismo. Nordica: 1977.
30. Luiz de MATTOS. Clássicos do Racionalismo Cristão, 2007.
31. Milton FRIEDMAN. Capitalismo e liberdade. Arte Nova: 1977.
32. Murray N. ROTHBARD. A anatomia do Estado. LVM Editora: 2012.
33. Murray N. ROTHBARD. A ética da liberdade. Instituto Ludwig Von Mises Brasil: 2012.
34. Roger SCRUTON. A Filosofia verde. É Realizações: 2016.
35. Russel KIRK. A política da prudência. É Realizações: 2013.
36. Ton MARTINS. Conexões: Filosofia Integral, Conscienciologia e Transcendência. Editora CRV: 2014.

CRÉDITOS DAS IMAGENS

Página 5 – Mirexon | shutterstock.com
Página 11 – Juanjo Tugores | shutterstock.com
Página 15 – Padrinan | pixabay.com
Página 19 – Nasirkhan | br.depositphotos.com
Página 29 – Danmir12 | br.depositphotos.com
Página 36 – Cocoparisienne | pixabay.com
Página 39 – Dtemps | br.depositphotos.com
Página 46 – Uta Scholl | shutterstock.com
Página 49 – Prometeus | br.depositphotos.com
Página 57 – Prometeus | br.depositphotos.com
Página 63 – Charles Laplante
Página 67 – Ilya Andriyanov | br.depositphotos.com
Página 76 – Nandhukumar | pixabay.com
Página 80 – Ilya Andriyanov | br.depositphotos.com
Página 85 – Photollurg2 | br.depositphotos.com
Página 103 – Guffoto | br.depositphotos.com
Página 129 – Galdzer | br.depositphotos.com
Página 147 – Surangastock | br.depositphotos.com
Página 161 – William Blake
Página 170 – Sicco Hesselmanns | shutterstock.com
Página 173 – montagem sobre foto de UrosZunic | br.depositphotos.com
Página 182 – Sinisa Botas | shutterstock.com
Página 189 – Hermann | pixabay.com
Página 193 – Unsplash | pixabay.com
Páginas 196 e 197 – VladimirV | shutterstock.com

CRÉDITOS DAS MÚSICAS

Jorge BEN JOR. *Caramba... Galileu da Galileia.*

Claude FRANÇOIS, Jacques REVAUX e Paul ANKA. *My way.*



ÍNDICE

Introdução		19
O instinto bege	1. Por que bege?	31
	2. O homem sobrevivente	33
	3. A liderança insipiente	33
	4. Virtudes e patologias	34
	5. Cume e transição	34
O pertencimento púrpura	1. Por que púrpura?	41
	2. O homem tribal	42
	3. A liderança mítica	42
	4. A espiritualidade púrpura	43
	5. O púrpura moderno	44
	6. Virtudes e patologias	45
	7. Cume e transição	46
O ímpeto vermelho	1. Por que vermelho?	51
	2. O conquistador voluntarioso	52
	3. O imperialismo vermelho	54
	4. Coragem e egocentrismo	59
	5. O vermelho moderno	62
	6. Cume e transição	62
O determinismo azul	1. Por que azul?	70
	2. Os códigos de honra	71
	3. A liderança obediente	73
	4. O fanatismo político	74
	5. O camaleão de coração vermelho	77
	6. Afinal, o azul é do bem?	79
	7. Onde estão os azuis?	82
	8. Cume e transição	82
A estratégia laranja	1. Por que laranja?	87
	2. O sucesso empreendedor	88
	3. A política de resultados	91
	4. A laranja mecânica radical	92
	5. Virtudes empreendedoras e patologias ambientais	94
	6. Trancos políticos, históricos e culturais	97
	7. Transição esverdeada	100

O compartilhamento verde	1. Por que verde?	106
	2. O “eu sensível”	108
	3. A liderança melancia	112
	4. Os limites do subjetivismo	115
	5. O pluralismo é plural?	116
	6. Relativismo <i>versus</i> relativismo	118
	7. O “boomerite” narcísico	119
	8. Cume reducionista e transição integrativa	121
A flexibilidade amarela	1. Por que amarelo?	131
	2. O funcional flexível	133
	3. A liderança sistêmica	134
	4. Do pluralismo ao integralismo	135
	5. Do subjetivismo à realidade	137
	6. Do igualitarismo à transcendência	139
	7. Da transcendência à inclusão	140
	8. A coloração dos ataques	141
	9. O que me falta?	145
A consciência turquesa	1. Por que turquesa?	149
	2. A consciência espiritualista	151
	3. Os porquês fronteiriços	154
	4. O paradoxo do conservadorismo evolucionista	156
	5. A política turquesa	159
	6. A transcendência turquesa	168
Terminei! E agora?		173







TON MARTINS

Nascido em 1966, num Brasil envolto em turbulências políticas, vivenciou sua infância e adolescência sob a égide do governo militar e das profundas transformações culturais da inesquecível década de 80. Graduou-se em Direito em 1988, ano da promulgação da “Constituição Cidadã”, da qual é crítico mordaz. Assistiu a queda do muro de Berlim e o declínio das panaceias ideológicas e dos romantismos utópicos. Manteve estudos sobre Justiça, Psicologia, Psicanálise, Conscienciologia, Filosofia Integral, Racionalismo Cristão e Transcendência. Atuou como entrevistador e divulgador de valores espiritualistas e da redução do Estado. Como ativista, acentuadamente nos anos de 2015 e 2016, apadrinhou movimentos contra a tirania sistêmica instalada nas instituições brasileiras. Em 2017, retoma sua vocação acadêmica, torna-se graduando em Filosofia, intensifica seus estudos sobre as grandes perspectivas políticas e aprofunda sua pesquisa sobre o eixo materialismo-espiritualismo e sobre a retórica em torno da igualdade meritória em detrimento da ética e do talento, além de publicar sua obra *Consciência Turquesa*, que considera um convidativo mapa para os audaciosos desbravadores de suas próprias consciências dispostos a assumirem o protagonismo ético de suas existências.

WWW.CONSCIENCIATURQUESA.COM

CONSCIÊNCIA TURQUESA

A Dinâmica da Espiral simplifica e explica as interações humanas e a natureza das evoluções ao longo da história. Sua base científica é robusta e fundamenta-se em 50 anos de pesquisas iniciadas pelo psicólogo americano Clare W. Graves, seguidas pelos autores Don Beck e Chris Cowan. Posteriormente, o modelo foi enriquecido pelas ideias dos filósofos Richard Dawkins e Mihaly Csikszentmihalyi, além de herdar as luzes do filósofo estadunidense Ken Wilber. O presente livro acrescenta a perspectiva transcendente e política de Ton Martins, numa releitura atual, divertida e revigorada. Em ação ascendente e hierárquica, os níveis de desenvolvimento da consciência afetam radicalmente nossa perspectiva da realidade. A amplitude de nossa compreensão influencia nossos valores morais respectivos e nossas interpretações. Em suma, as potencialidades e interações dos níveis evolutivos liberta-nos dos reducionismos e condicionamentos. Boa jornada a todos!

Ton Martins



Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-918240-1-4



9 788591 824014